



# Folias de Minas 2016



Dossiê para registro das

---

# Folias de Minas

do estado de Minas Gerais

Belo Horizonte

2016



**Governador do Estado de Minas Gerais**

Fernando Damata Pimentel

**Secretário de Estado de Cultura de Minas Gerais**

Angelo Osvaldo de Araújo Santos

**IEPHA-MG**

**Presidente**

Michele Abreu Arroyo

**Diretora de Proteção e Memória**

Françoise Jean de Oliveira Souza

**Gerente de Patrimônio Imaterial**

Luís Gustavo Molinari Mundim

## EQUIPE TÉCNICA

Adalberto Andrade Mateus

Angela Dolabella Cãnfora

Breno Trindade da Silva

Bruno Batista Fioravante

Clarice Murta Dias

Débora Raiza Carolina Rocha Silva

Luis Gustavo Molinari Mundim

**Estagiários**

André Vitor de Oliveira Batista

Bianca Zacarias França

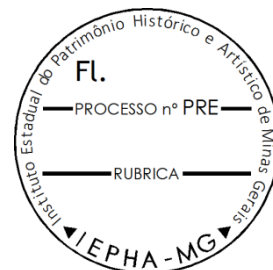
Cássio Dornas de Oliveira

Gisele Raimundo

Guilherme Eugênio Moreira

Renata Lopes Pinto





## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
1.1 Folias, Ternos, Companhias, Caravanas e Embaixadas: conceitos e definições.....	7
1.2 Metodologia e Desenvolvimento da Pesquisa.....	9
2. REFERÊNCIAS HISTÓRICAS.....	14
2.1 Transposição do culto aos Reis Magos para as Américas: a formação da Folia de Reis no Brasil e em Minas Gerais.....	42
2.2 Folia de São Sebastião.....	54
2.3 Folia do Divino Espírito Santo.....	56
2.4 Outras devoções e práticas associadas às folias.....	64
2.5. Trajetória das folias no século XX: análises e percepções.....	68
3. CARACTERIZAÇÃO GERAL DAS FOLIAS EM MINAS GERAIS.....	78
3.1. Distribuição espacial e organização.....	78
3.1.1. Devoção e organização dos grupos de folia.....	82
3.2. Entre transformações e permanências.....	93
4. DESCRIÇÃO DAS FOLIAS DE MINAS.....	104
4.1. A bandeira e sua saída.....	111
4.2. Os palhaços.....	118
4.3. Cantadores e instrumentistas.....	124
4.4. Visitações rituais: os devotos e suas promessas.....	132
4.5. A entrega da bandeira.....	144
4.6. A festa de confraternização – arremate.....	145
5. SALVAGUARDA DAS FOLIAS DE MINAS.....	148
6. MÉRITO DO REGISTRO DAS FOLIAS DE MINAS GERAIS.....	156
7. REFERÊNCIAS.....	159

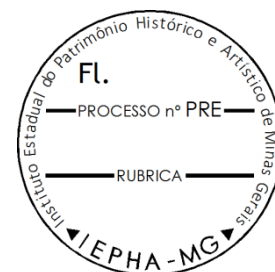
## 1. INTRODUÇÃO

A folia é uma das práticas culturais mais antigas e difundidas no estado de Minas Gerais. A tradição faz parte das celebrações religiosas feitas no Brasil, e, ao longo dos anos, foi se tornando um componente de considerável importância na construção do imaginário, identidade e memória individual e coletiva dos mineiros. Não é por acaso, os pedidos de registros encaminhados à instituição e número de registros de folias feitos pelos municípios.

Diante disso, com a finalidade de conhecer e reconhecer a sua relevância deu-se início a instrução do processo de registro das Folias de Minas como patrimônio cultural imaterial do estado. O trabalho, previsto no Plano Estadual de Proteção do Patrimônio Cultural de Minas Gerais para o biênio 2016-2017, foi aprovado pelo Conselho Estadual do Patrimônio Cultural por meio da deliberação CONEP Nº02/2016.

O presente Dossiê das Folias de Minas apresenta o resultado do processo de pesquisa iniciado no ano de 2015, além de uma série de dados, reflexões e análises feitas com objetivo de identificar e compreender a diversidade dos grupos de folias existentes no estado, e propor medidas de salvaguarda para essa prática marcante na sociedade mineira. Os estudos aqui realizados fundamentam a motivação para o Registro das folias e refletem as etapas de pesquisa, análise e reconhecimento desse patrimônio cultural. Nesse processo buscou-se ainda, caracterizar o bem cultural, sua área de ocorrência, os grupos sociais envolvidos e as práticas e saberes a ele inerente.

A pesquisa desenvolvida foi estruturada a partir do *Projeto de Inventário Cultural para fins de Registro das Folias de Minas Gerais*, elaborado em 2014, no sentido de nortear as ações e estratégias do trabalho. Buscou-se, a todo o momento garantir a participação dos praticantes e de coletivos sociais e a utilização de conceitos e categorias que melhor auxiliassem a compreensão do objeto.



Neste contexto, o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais - IEPHA/MG deslocou-se de uma prática de promover registros pontuais<sup>1</sup>, para pensar em práticas que ocorrem no estado como um todo. A experiência adquirida nos outros processos desenvolvidos pela instituição e a aplicação de ferramentas colaborativas possibilitou um amplo alcance, com mais de 300 municípios e cerca de 1200 grupos de folia envolvidos. A quantidade de grupos e cidades participantes incentiva cada vez mais a elaboração de pesquisas que compreendam e complementem a diversidade do objeto estudado, e, conseqüentemente, a criação de um plano de salvaguarda mais amplo.

### 1.1 Folias, Ternos, Companhias, Caravanas e Embaixadas: conceitos e definições.

Logo no início, as pesquisas desenvolvidas no processo apontaram para a existência de um extenso número de folias distribuídas por toda Minas Gerais. Tais grupos possuem características e estruturas simbólicas comuns, embora apresentem algumas variações que os diferenciam no contexto geral do estado. Dessa maneira, na tentativa de interpretá-las em sua diversidade e construir ações de salvaguarda abrangentes, chegou-se a alguns conceitos e definições que melhor adequaram a realidade da pesquisa.

Neste sentido, a Folia é aqui entendida como uma manifestação cultural associada ao catolicismo popular, geralmente formada por mestres, cantores, tocadores, bandeireiros ou alferes, que realizam visitas às casas de devotos distribuindo bênçãos e recolhendo donativos para variados fins.<sup>2</sup> Possuem como um dos principais elementos simbólicos a

---

<sup>1</sup> INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS-IEPHA/MG. Processo de Registro do Modo de Fazer o Queijo Artesanal da região do Serro, MG. 2002.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS-IEPHA/MG. Processo de Registro da Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Chapada do Norte, MG. 2013;

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS-IEPHA/MG. Processo de Registro da Comunidade dos Arturos de Contagem, MG. 2014.

<sup>2</sup> O projeto abrange as folias que se enquadram na definição supracitada. Não envolvendo, portanto, as práticas culturais ligadas ao carnaval ou a qualquer outra atividade que não se refira às folias de devoção.



bandeira, que carrega a imagem do santo de devoção, e se organizam a partir de ritos como o giro ou jornada, encontros, festas e o cumprimento de promessas, temas que serão abordados ao longo deste dossiê. Comumente, os foliões e foliãs saem em procissão nos dias em que se comemora o santo na qual se dedica a folia, passando pelas casas dos devotos que creem nas bênçãos trazidas pelas rezas e cantos de saudação e louvor, bem como pela visita das bandeiras. Esse é o arcabouço básico que define as folias de Minas, não havendo grandes variações estruturais para as distintas devoções.

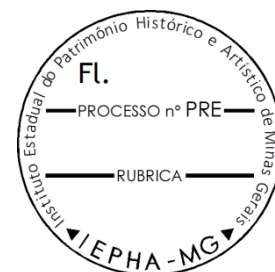
Diante disso, procurou-se realizar um levantamento que não se limitasse a uma única folia, como, por exemplo, as de Reis, mas um estudo que envolvesse outros tipos de devoção que se encaixassem na estruturação religiosa mencionada anteriormente. Assim, o elemento devoção tornou-se um dos eixos definidores para a elaboração da pesquisa, a fim de interpretar o bem cultural como parte de um universo comum e que partilha costumes e tradições semelhantes. Isto porque, percebeu-se que em Minas Gerais, era e é marcante a presença das folias de Reis, mas também de várias outras devoções, tais como São Sebastião, Divino Espírito Santo, Menino Jesus, Divino Pai Eterno, e etc.<sup>3</sup>

Posto isso, partiu-se do entendimento das folias como um sistema religioso<sup>4</sup>, no qual estão inseridos os indivíduos, separadamente e em grupo, em conjunto com seus ritos, crenças, símbolos, imaginários, percepções e sentimentos. Esse conjunto de diversos componentes considera os praticantes dessa manifestação conectados em uma simbiose que organiza seus sentidos religiosos. Como exemplo, pode-se citar o caso de foliões que fazem parte de um grupo de Folia de Reis, mas que também são devotos de São Sebastião, e assim, de igual modo saem com a Folia de São Sebastião. Isto demonstra que tais elementos são indissociáveis, que um complementa o outro e que, na lógica dos foliões e foliãs, as devoções não se separam. Neste sentido, não seria coerente pensar a pesquisa e a salvaguarda para apenas uma devoção, mas para todo o conjunto de valores e tradições que as caracterizam.

---

<sup>3</sup> No cadastramento foram identificadas 51 devoções que serão descritas no dossiê.

<sup>4</sup> O conceito de sistema religioso, utilizado para pensar as folias de Minas, será desenvolvido no capítulo 2.



Quanto à denominação ora adotada “Folias de Minas”, verificou-se que, em Minas Gerais existe uma diversidade nominal que se alastra por todo estado com variações que distinguem e caracterizam os grupos de acordo com suas trajetórias históricas e com as vivências regionais. O termo predominante “folia” foi recorrente na maioria dos grupos. No entanto, as informações coletadas durante a pesquisa mostraram a existência de diversos nomes tais como companhia, terno, caravana, embaixada, jornada, charola, entre outros.

Por fim, no intuito de introduzir algumas informações a respeito das folias as quais se investiga, traz-se à luz um contexto geral dos ritos e formas de expressão que compõe a celebração, em estão inseridas tradições e características complexas e que são motivadoras para seu reconhecimento como patrimônio cultural imaterial do estado. Entre elas podemos citar a composição dos grupos, o respeito à hierarquia, a alimentação, os cantos, as danças, as performances dos integrantes, como o capitão, o alferes, os tocadores e demais integrantes. Podemos citar ainda, a complexa cerimônia que estrutura os giros, jornadas e a periodicidade da prática, composta pela preparação dos foliões e foliãs, por cantos de entrada e saída, pelos desafios e mistérios e pelos fluxos e trajetos, que perpassam campo e cidade.

Neste conjunto, também é preciso falar dos objetos rituais como as máscaras, toalhas, bandeiras, fitas, flores, terços e rosários; dos instrumentos musicais como as violas, caixas, violões, pandeiros, sanfonas e rabecas; das múltiplas vozes; da indumentária, dos chapéus e das coloridas roupas dos palhaços e bastiões. Definir a folia é discorrer sobre as redes de solidariedade criadas em torno da devoção aos santos e da caridade. E dizer dos diversos momentos de festa, compostos pelo sapateado, pelo bater dos bastões, pelo lundu, o guaiano, a chula, quatro e a sussa.

Estamos falando, portanto, de um sistema complexo que reúne em torno de si diversas práticas culturais, saberes, formas de expressão, ritos e celebrações, compondo uma parte importante do patrimônio cultural mineiro.

## 1.2 Metodologia e Desenvolvimento da Pesquisa

O *Inventário Cultural para fins de Registro das Folias de Minas* teve como objetivo central identificar e inventariar os diversos grupos de Folia existentes em todas as regiões do Estado de Minas Gerais. O estudo foi baseado nos eixos de *Identificação, Inventário, Registro e Salvaguarda* e sempre na perspectiva colaborativa, na qual a participação da sociedade civil e do poder público municipal foi fundamental.

A primeira etapa da pesquisa teve como cerne a identificação das folias existentes no estado. Pelo menos três ações executadas nesta etapa contribuíram para melhor conhecer o bem cultural e para estabelecer um diálogo com os praticantes e com os agentes culturais das diferentes cidades mineiras. Inicialmente, foram ministrados os *Cursos de Capacitação em Processos de Patrimônio Imaterial*. Um piloto foi aplicado em 2014, no município de Uberaba, e se tornou um meio eficaz para capacitar os agentes culturais locais e dar conhecimento aos foliões sobre o desenvolvimento da pesquisa. Posteriormente, em 2015, o curso foi ministrado na cidade de Paracatu, na qual participaram cerca de 10 municípios do Noroeste de Minas; em Arceburgo, abrangeu cidades do Sul e Sudeste de Minas; e em Belo Horizonte, em duas ocasiões, com agentes culturais da região Central e outra com gestores de regiões, como Jequitinhonha, Norte de Minas, Região Metropolitana, entre outras.<sup>5</sup>

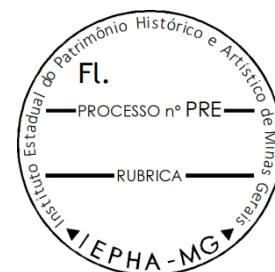
A capacitação apresentou a metodologia adotada pelo IEPHA/MG e iniciou parcerias com foliões e agentes locais, que ao final de alguns dos cursos, assinaram uma ata se comprometendo a dar continuidade às pesquisas com os grupos de suas cidades.<sup>6</sup> Nesses encontros também foram desenvolvidos os *Mapas de Percepção*<sup>7</sup>, quando foram

---

<sup>5</sup> Participaram dos cursos os gestores e foliões dos seguintes municípios: Jacuí, Alpinópolis, São Sebastião do Paraíso, Muzambinho, Arceburgo, Chapada Gaúcha, Dom Bosco, Guarda Mor, Itu, João Pinheiro, Paracatu, Santa Fé, Unaí, Alagoas, Belo Horizonte, Betim, Sabará, Bonfim, Campos Altos, Divisa Alegre, Fronteira, Guarda Mor, Vazante, Jequitinhonha, Lavras, Pasmado, Pedra Azul, Prudente de Moraes, Rio Vermelho, São Francisco e Serra das Emboabas.

<sup>6</sup> Atas anexas à documentação administrativa do dossiê.

<sup>7</sup> Desenvolvidos em diversas áreas do conhecimento como a Geografia Humana, a Antropologia e a Psicologia, os *Mapas de Percepção* são uma ferramenta que trabalha, por um lado, com a percepção do



apontadas algumas referências culturais, especialmente as associadas às folias. Essa ferramenta possibilitou acessar, na memória dos envolvidos referente às expressões mais significativas da produção cultural local. Aliás, os conceitos de mapas de percepção e de referências culturais<sup>8</sup> nortearam toda a pesquisa.

Concomitantemente, deu-se início ao mapeamento das *Fontes para a pesquisa das Referências Culturais*, que constituiu em um levantamento do material bibliográfico e documental produzido sobre o bem cultural pesquisado. Ao todo, foram encontrados 1185 itens, distribuídos em mais de 725 fontes de 35 acervos. Além das fontes escritas, que incluíram livros, artigos científicos e reportagens, a pesquisa abrangeu vídeos, documentários, gravações sonoras, fotografias e artes visuais.

Nesse período da pesquisa, reuniu-se um volume expressivo de dados que informaram as tendências, assim como as defasagens da produção acadêmica, jornalística, documental e audiovisual a respeito das folias de Minas. A análise desse material, juntamente com as informações coletadas a partir do cadastramento (descrito a seguir) e da pesquisa de campo, forneceram subsídios para a seleção dos bens culturais associados às folias que seriam inventariados na fase posterior e para a elaboração do dossiê. Ao mesmo tempo, foram realizados os trabalhos de campo, que contaram com produção de entrevistas, visitas a encontros de Folia e acompanhamentos feitos em viagens a: Uberlândia, Betim, João Pinheiro, São Francisco, Contagem, Mocamboiro, distrito do município de Matozinhos, e Caetanópolis.

---

ambiente, ou seja, com a subjetividade do olhar e do sentir de indivíduos e de grupos que expressam seus valores, atitudes e preferências e, por outro, com os mapas que são representações simbolizadas da realidade. O processo de construção dos mapas torna possíveis a comunicação e o compartilhamento das referências culturais. O IEPHA/MG os utiliza em suas pesquisas como instrumento participativo de levantamento das referências culturais de comunidades e grupos.

<sup>8</sup> “Um critério-chave para a legitimidade de qualquer pleito ao registro é a sua relevância para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira. A continuidade histórica dos bens culturais, sua ligação com o passado e sua reiteração, transformação e atualização permanentes tornam-nos referências culturais para as comunidades que os mantêm e os vivenciam. A referência cultural é um conceito-chave na formulação e na prática da política brasileira de salvaguarda.” CAVALCANTI, Maria Laura V. de C. e FONSECA, Maria Cecília Londres. Patrimônio Imaterial no Brasil. Brasília: UNESCO, Educarte, 2008.

Ainda nessa etapa, foi criada uma plataforma *online*, na qual os agentes públicos, pesquisadores e foliões puderam contribuir com informações. Os dados lançados no formulário digital<sup>9</sup> foram apresentados pelas prefeituras municipais com a colaboração dos grupos de folia, conformando também uma parceria junto ao IEPHA/MG, por meio do ICMS-Patrimônio Cultural.

O *Cadastro dos Grupos de Folias de Minas* foi lançado no site do IEPHA/MG no dia 6 de janeiro de 2016<sup>10</sup>. A plataforma ainda permanece aberta recebendo cadastros, pois tem como proposta que esta seja uma atividade contínua. É importante ressaltar que, a adesão foi espontânea, não havendo qualquer obrigatoriedade, tampouco foi uma exclusividade das prefeituras, os próprios grupos puderam se cadastrar. A única exigência era de que o responsável pelo preenchimento dos dados tivesse conhecimento e proximidade com a realidade daquele grupo identificado. Neste contexto, dos 853 municípios existentes em Minas Gerais, 326 participaram desse levantamento, representando 38,22% dos municípios mineiros. Do total de 1255 grupos inscritos, 81 foram cadastrados pelos próprios grupos, 42 pelo IEPHA/MG e 1132 pelas prefeituras.

A análise do cadastro será realizada mais adiante, todavia, três pontos devem ser levados em consideração em relação ao cadastramento. O primeiro se refere à carência de ações específicas realizadas pelas próprias prefeituras, uma vez que poucas foram as atividades identificadas até então. O segundo diz respeito aos limites logísticos e as dificuldades enfrentadas pelas prefeituras em relação ao acesso às áreas rurais distantes, onde muitos grupos de folia se encontram. E, por último, atrelado a esses impasses, soma-se, como um dos principais fatores, a limitação ao acesso digital<sup>11</sup>, visto que, somente 55% dos domicílios em Minas Gerais possuem computador com acesso à internet.<sup>12</sup> Diante disso,

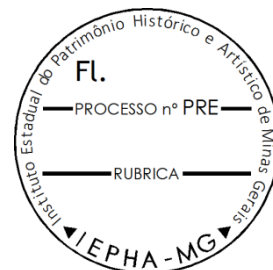
---

<sup>9</sup> Foi utilizada a plataforma *Google Forms*.

<sup>10</sup> A data limite para fins de pontuação no ICMS Cultural no dia 31 de maio do mesmo ano.

<sup>11</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal: 2014* / IBGE Coordenação de Trabalho e Rendimento. – Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

<sup>12</sup> Os dados são de 2014 e a base de informações é a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD).



conclui-se que, o cadastro de um bem cultural por meio digital é um caminho eficaz para construção do diálogo entre poder municipal, estadual e sociedade civil, todavia não se pode desconsiderar os seus limites.

Por fim, destaca-se que o volume do material produzido e levantado nas diversas etapas descritas anteriormente, contribuíram de forma significativa para a elaboração do presente dossiê de registro. O texto traz um aprofundamento da pesquisa, com análises históricas, antropológicas e documentais, realizados no intuito de melhor caracterizar o bem cultural. Também traz as medidas de salvaguarda que deverão ser ratificadas e aplicadas em momentos distintos.

Todo esse esforço foi realizado para reconhecer as folias de Minas como Patrimônio Cultural Imaterial de Minas Gerais, um patrimônio vívido que traz em seu cerne elementos significativos da cultura mineira e que é continuamente ressignificado e transmitido às novas gerações.

## 2. REFERÊNCIAS HISTÓRICAS

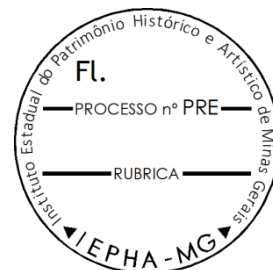
*Se a sanfona chora eu canto  
Canto de coração  
Quando a folia passa  
Puxando a multidão  
Mão de pegar enxada  
Dura como uma pedra*

*Quando pega na sanfona  
É rosa amarela  
Voz que com o gado berra  
Já criou calo na goela  
Quando vem cantar folia  
Vai pintando uma aquarela  
Quando vem cantar folia  
Vai pintando uma aquarela  
Êh, minha folia*

*Minha estrela do oriente  
Luz da estrada vem e guia  
O destino dessa gente*

Folia - Lourenço Baeta e Xico Chaves

As folias são importantes expressões da religiosidade brasileira. Porém, em Minas Gerais, a celebração parece ter encontrado terreno fértil, fincando raízes em todo o estado e se perpetuando ao longo dos séculos na memória social dos mineiros. Para compreendê-las em todo seu universo simbólico, festivo e religioso, fez-se uma busca por referências históricas, que apontaram que a folia feita hoje no Brasil, possui uma gênese diversificada. Neste sentido, há uma complexidade em estabelecer origens nos aspectos geográficos, culturais e etimológicos devido a diversidade de narrativas e à sua mutiplicidade de dimensões, pois é ao mesmo tempo festa, performance e rito. No entanto, embora não seja apropriado estabelecer uma única versão ou matriz para seu surgimento, é possível estabelecer algumas hipóteses por meio de estudos, fontes e relatos históricos.



A maior parte das narrativas e documentos indicam que as folias brasileiras apresentam traços da cultura ibérica, especialmente de Portugal. Essa tradição ocidental de cultuar e festejar santos católicos se desenvolveu a partir da instituição do cristianismo e das interações culturais resultantes desse processo. Foi consequência de fatores como o contato entre o ocidente e o oriente, da colonização, evangelização e catequização, miscigenação, sincretismo, assimilação e imposição, além de questões de crença, superstição, magia e fé. Neste sentido, para compreender como as folias de Minas se conformaram historicamente e para refletir sobre as influências e legados do passado nesta prática, faz-se necessário retroceder no tempo.

Estudos apontam que, embora possuam princípios cristãos, as folias carregam símbolos que foram traduzidos das festas populares feitas por antigas civilizações, especialmente as que viviam em Roma, nos séculos que antecederam a era cristã. Essas festividades foram recriadas principalmente, a partir do século III, período marcado pela expansão do chamado cristianismo primitivo em partes da Europa, África e Ásia. De acordo com o historiador Peter Burke, tais manifestações, fossem sagradas ou profanas, para divertimento ou para cultuar divindades, possuíam em sua trajetória e estrutura, traços comuns que as conectavam historicamente, tais como o uso de danças, músicas, aparatos indumentários, rituais, instrumentos sonoros e, em muitos casos, a ocupação do espaço cidadão.<sup>13</sup>

Burke considera que também era habitual, mesmo entre as populações pré-cristãs, que os momentos festivos contassem com interpretações teatrais, realidade muito frequente na antiguidade clássica. O autor cita, por exemplo, o caso das Saturnais, festividade romana pagã feita nas ruas em dezembro, em homenagem ao deus Saturno, e que tinha como principal característica a inversão simbólica da ordem social<sup>14</sup>. Essa prática provavelmente

---

<sup>13</sup> BURKE, 1989.

<sup>14</sup>De acordo com Eliade, os rituais com a inversão dos papéis sociais, em que os pobres ocupavam temporariamente o lugar dos ricos, os subalternos o de dominantes, o homem o da mulher, esteve presente em muitas sociedades ao longo dos séculos e representava um momento de extravasamento, de excesso, de



deu origem ao carnaval italiano, no qual se usavam máscaras, e também as *comedias dell'arte*, espécie de teatro popular que apareceu no século XV.<sup>15</sup> Com o passar dos anos, especialmente após a conquista da Península Ibérica por Roma, essas comemorações ecoaram por todo império e as festividades locais passaram a incorporar elementos vinculados aos cultos romanos.

A pesquisadora Katia Kodama afirma que festejos como as Saturnálias e diversos outros com essas características foram difundidos na região e mesmo após as proibições impostas pelo cristianismo, as populações evangelizadas ou convertidas mantiveram um calendário de festividades profanas vinculando-as, por vezes, às práticas sagradas.<sup>16</sup> Peter Burke pontua que os chamados “pais da Igreja”, como Santo Agostinho e Tertuliano, ficavam chocados “ao ver as pessoas vestidas com peles de animais no dia de Ano-Novo”, criticando “a participação cristã nos *spectaculas* (espetáculos de gladiadores) e nas *Saturnalias*”<sup>17</sup>. O autor presume que muitos desses religiosos começaram a questionar tais heresias a partir do século IV, logo nos primeiros anos cristianismo mantendo, posteriormente, ora a prática de condenar a cultura popular, ora de adaptá-las e aproximá-las da Igreja.<sup>18</sup>

Neste contexto, a Igreja passou a utilizar estratégias para propagar os princípios religiosos do catolicismo, reforçando mitos como o do nascimento de Cristo e da descida do Espírito Santo. Vale lembrar que nessa época ainda não havia um calendário religioso organizado e

---

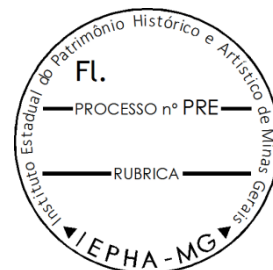
suspensão temporária da ordem estabelecida e de interrupção do cotidiano. ELIADE, 1992. Ainda segundo a historiadora Marina de Mello e Souza, a inversão está para além de ocupar outro posto, simbolizando também um momento de rememoração de mitos fundadores e de construção de identidades em meio há contextos de escravidão ou evangelização. SOUZA, 2002.

<sup>15</sup> BURKE, 1989, p. 48.

<sup>16</sup> KODAMA, 2009. p. 102.

<sup>17</sup> BURKE, 1989, p.241.

<sup>18</sup> Peter Burke revela que as proibições das reformas medievais aconteciam em níveis particulares, não sendo suficientemente duráveis ou difundidas, até mesmo pela dificuldade de comunicabilidade e vigilância, tornando-se mais criteriosa somente a partir do século XVI, com as reformas e contrarreformas religiosas. BURKE, 1989.



previamente definido para os eventos bíblicos.<sup>19</sup> Assim, o culto e as comemorações do nascimento, da visita dos Magos, do pentecostes e dos primeiros mártires da igreja, aconteciam em períodos variáveis. Os dias 25 de dezembro e 6 de janeiro, por exemplo, só foram fixados como datas oficiais durante o século IV d.C, quando o catolicismo foi instituído como religião oficial do Império e o calendário cristão foi unificado.<sup>20</sup>

A partir disso, a cultura e a religiosidade foram sendo interpretadas e apropriadas de diferentes formas tanto na Europa, quanto em partes do norte da África e do Oriente Médio. No período medieval diferentes culturas reinventaram suas festas e ritos, frente à crescente dinâmica de cristianização das atividades seculares. Tais adaptações serviram para arrebanhar povos com outras crenças, como judeus e muçulmanos, e posteriormente, no Novo Mundo, para catequizar os povos nativos. Nesse contexto, a religiosidade foi ganhando formas variadas de representação por meio de cantorias, danças, encenações e músicas, dando aos festejos dedicados aos santos católicos um caráter secular.<sup>21</sup>

No século XVII, em razão das reformas que ocorreriam na Europa, os rituais não católicos passaram a ser “adaptados” com as passagens bíblicas, tendo o teatro como um dos principais campos estratégicos para a evangelização nas missões jesuíticas e em outras ordens religiosas. Isto porque, o movimento dos reformadores católicos estava mais interessado na dinâmica da doutrina da “adaptação” dos ritos populares do que na sua aniquilação. Entre tais ações estão, por exemplo, a destruição dos ídolos, mas a conservação dos templos pagãos com o intuito de convertê-los em igrejas, e a manutenção das festas pagãs adaptadas aos ritos cristãos.

---

<sup>19</sup> Idem, p. 270.

<sup>20</sup> Na Roma antiga comemorava-se, por volta do dia 25 de dezembro, a chegada do inverno ou o chamado solstício de inverno, momento em que se faziam longas festas e trocavam presentes, o que explica, em certa medida, a escolha dessa data para o Natal. Essa incorporação aponta o Natal como um dos exemplos mais evidentes do processo de cristianização dos eventos romanos considerados profanos, principalmente, aqueles ligados a astronomia. KODAMA, 2009, p.103.

<sup>21</sup> SONZA, 2006.

Nesse mesmo período, ocorria a expansão ultramarina, processo marcado pelo prolongamento do catolicismo nas terras conquistadas e pelo fortalecimento das monarquias ibéricas. O catolicismo canônico predominou durante grande parte do período colonial, pois veio junto ao projeto missionário de Portugal e Espanha, que buscava não somente converter os nativos dos novos territórios, mas também contribuir para a recuperação das perdas enfrentadas da Igreja Católica para a Reforma Protestante.

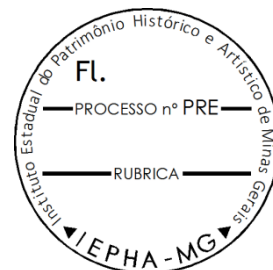
Em terras brasileiras uma das formas de materialização da fé se deu por meio culto e dos festejos dedicados aos santos. De acordo com Vera Jurkevics as festas religiosas constituíram-se em um importante espaço de sociabilidade para a maior parte da população brasileira, sendo marcadas tanto pelo caráter sagrado, com “efusivas manifestações de fé visíveis”, quanto pelo profano, com “músicas, danças, comidas, bebidas e fogos de artifício”.

Com o passar do tempo, os festejos ficaram cada vez mais próximos do cotidiano da população, transformando-se em um momento de celebração da vida, de rompimento do ritmo cotidiano, de evasão do tempo terreno e de interação social. Delineadas desde o século XVIII, intensificadas no século XIX e XX, e presentes ainda hoje, as festas dedicadas aos santos revelam, portanto, a perpetuação das tradições e a existência de fundamentos de respeito à fé e à fraternidade comunitária.

## 2.1 Folia de Reis

### 2.1.1 A Epifania representada: origens e mitos fundadores do culto aos Santos Reis

*Os três reis foram chamados pela estrela guia  
Incenso, ouro e mirra pra o santo filho de Maria*



*Nós cantamos nesse dia com muita alegria*  
*Louvando os santos reis e o santo filho de Maria*  
Folia de Reis, de Roque Ferreira

A Epifania do Senhor é celebrada por diferentes episódios da vida do Cristo que teriam ocorrido na mesma data a partir de seu nascimento, e que o relacionam com a sua filiação a Deus. Além da adoração dos Reis Magos, primeira fato da Epifania, teria ocorrido na mesma data em diferentes anos, o batismo de Jesus, a transformação da água em vinho (Bodas de Caná) e a multiplicação dos pães. De acordo com com o frade dominicano Jacopo de Varazze, que viveu no século XIII, Epifania vem de *epi*, “em cima”, e *phanos*, “aparição”, interpretação que se relaciona diretamente ao episódio da estrela que surgiu no céu para indicar que Cristo era o verdadeiro Deus.<sup>22</sup> Já Alban Butler, padre católico do século XVIII, assim nos explica Epifania, que “em grego significa aparecimento ou manifestação, é uma comemoração solenizada principalmente em louvor da revelação de Jesus Cristo feita por si próprio aos magos, ou sábios; os quais, logo após o nascimento de Jesus, vieram, por inspiração onipotente, adorá-lo e trazer-lhe presentes”<sup>23</sup>. Ainda de acordo com Butler, as manifestações de Jesus comemoradas na Epifania são tão importantes que “esta festa merece uma visão e uma veneração incomuns; sobretudo de nós gentios, que, na pessoa dos magos, nossas primícias e precursores, fomos nesse dia chamados à fé e adoração do verdadeiro Deus”.<sup>24</sup>

A narrativa da Epifania, associada ao mito cristão da chegada do Messias ao mundo e à visita dos Magos, está presente na bíblia apenas no evangelho do Novo Testamento escrito por São Mateus. O livro de Lucas, que aborda o nascimento de Jesus, privilegia em sua narrativa a presença dos pastores que, de acordo com ele estando próximos, foram os

---

<sup>22</sup> DE VARAZZE, 2003.

<sup>23</sup> BUTLER, 1984, p.74.

<sup>24</sup> Idem, p.74.

primeiros a visitar o Cristo e a dar o testemunho, não mencionando, portanto, a presença dos Reis Magos em seu texto. Somente no livro de Mateus que é relatada a viagem empreendida pelos magos:

Tendo, pois, Jesus nascido em Belém de Judá, no tempo do rei Herodes, eis que magos vieram do oriente a Jerusalém. Perguntaram eles: “Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer? Vimos a sua estrela no oriente e viemos adorá-lo.”<sup>25</sup>

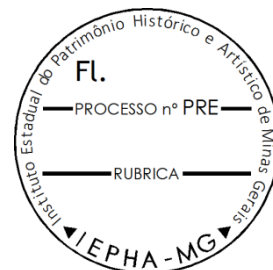
Segundo esse trecho, os magos saíram do oriente para visitar e presentear o Menino Jesus, sendo guiados por uma estrela. Ao chegarem a Jerusalém, encontraram com o Rei Herodes, que solicitou aos magos que o avisassem quando descobrissem a localização do Menino Deus. No texto, após se guiarem pela estrela que se deteve no exato local do nascimento, os magos, ao encontrarem o Menino Jesus, o adoraram e o presentearam com incenso, mirra e ouro. Os presentes alcançam função de identificação dos seus locais de origem e também de sua função simbólica, algo necessário e importante como atributo na iconografia dos magos:

Os magos ofereceram a Jesus, como penhor de sua homenagem, os mais ricos produtos de seus países – ouro, incenso e mirra. Ouro, como reconhecimento de seu poder régio; incenso, como confissão de sua divindade; e mirra, como testemunho de que ele se fizera homem para redenção do mundo. Mas, seus melhores presentes foram as disposições de suas almas: sua fervente caridade, significada pelo ouro; sua devoção, figurada pelo incenso; o sacrifício irrestrito de si mesmos, representado pela mirra (BUTLER 1984, p.75)

A menção dos magos nos relatos bíblicos de Mateus se encerra quando esses são avisados em sonho para não voltarem ao encontro de Herodes, o que os fizeram retornar para suas respectivas regiões por outro caminho. As escrituras sagradas não fazem menção sobre a quantidade de magos, contudo, historicamente, esse número esteve relacionado à quantia

---

<sup>25</sup> Bíblia Sagrada. Lucas Cap.2, 1-2. São Paulo: Ed. Ave Maria, 2008.



de presentes oferecidos. Além disso, a qualidade de “reis” só foi conferida aos magos em tempos posteriores, pois, conforme visto, Mateus não os designa dessa maneira. Já a denominação de magos é associada a homens sábios, astrônomos ou astrólogos, mantendo relação ao episódio da estrela guia que lhes indicou o nascimento do Menino Jesus. Alguns autores afirmam que o atributo de rei foi empregado aos magos em comparação com as profecias feitas em outros livros sagrados, tal como os Salmos 72, versículos 10, 11, que diz, referindo-se à chegada do Messias: “Os reis de Tárzis e das ilhas trarão presentes; os reis de Sabá e de Seba oferecerão dons. E todos os reis se prostrarão perante ele; todas as nações o servirão”. A historiadora Maria Célia Gonçalves acredita que a história dos reis magos pode ter sido narrada somente por Mateus, pelo fato do evangelista falar aos judeus, diferentemente dos outros evangelhos, escritos para os gentios<sup>26</sup>. Narrar a trajetória dos reis magos reforçaria, portanto, o cumprimento da profecia descrita em Salmos e por consequência, a crença na chegada do Salvador.<sup>27</sup>

A iconografia sobre esse contexto foi amplamente difundida em toda a Europa, principalmente em países como Espanha, Portugal, França, Alemanha e Itália, e posteriormente nas Américas. Esse conjunto de imagens, que abrange pinturas, vitrais, retábulos, altares e esculturas foram desenvolvidos em diferentes materiais e suportes, em diversas igrejas e catedrais, consagrando a celebração da Epifania do Senhor como um dos pontos mais importantes do calendário litúrgico.

A religião cristã não admitia utilização de imagens em seus primórdios, que as considerava como ídolos que levaram os pagãos ao erro. Assim é que, somente após muitas discussões, as primeiras declarações sobre imagens surgem a partir do século IV, quando o cristianismo é aceito como religião oficial do Império Romano. O historiador da Arte Hans Belting diz que a primeira utilização de imagens religiosas pela Igreja é datada do século VI.<sup>28</sup>

---

<sup>26</sup>Gentios são todos aqueles povos não judeus. A palavra significa todos aqueles que não são da família hebraica, se estendendo também à designação dos incrédulos.

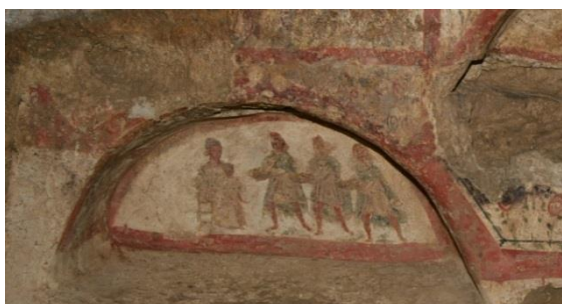
<sup>27</sup> GONÇALVES, 2011.

<sup>28</sup> BELTING, 2010, p.179.

Quando já não era mais possível ignorar o culto às imagens, os teólogos começaram a adotar posições a favor ou contra elas, muito embora ainda não fossem completamente permitidas no séc. VI. Foi por motivos pedagógicos que o bispo Hipatio de Éfeso permitiu o uso de imagens apenas àqueles que delas necessitavam – ou seja, as pessoas simples e incultas.<sup>29</sup>

Após essa abertura inicial para a utilização das imagens pela Igreja, o debate sofreria reveses durante um longo período, conhecido como iconoclastia, gerada em parte pela utilização exagerada e o mau uso de ícones em uma parte do Império Romano e sua completa rejeição em outros locais. Esse período se estendeu até o século IX. Ainda em momento que antecede a utilização das imagens pela Igreja é que surge a iconografia dos Reis Magos, como representação da temática da Epifania do Senhor.

Representações primitivas, como as da Catacumba de Santa Priscilla (Figuras 1 e 2), na Via Salária (Roma), mostram que o episódio da adoração dos Magos é recorrente mesmo nos primórdios da Igreja, quando o cristianismo ainda não era adotado pelo Império Romano e os cristãos eram perseguidos.



**Figura 1:** Catacumba de Santa Priscilla. Séc. III - Roma

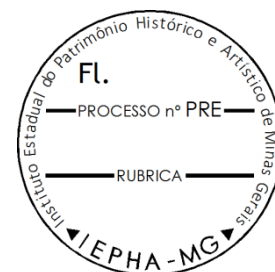
**Fonte:** Museu do Vaticano - <https://goo.gl/57CELO>



**Figura 2:** Catacumba de Santa Priscilla. Séc. III – Roma.

**Fonte:** Museu do Vaticano

<sup>29</sup> Cap.2, 1-2. Bíblia Sagrada. São Paulo: Ed. Ave Maria, 2008.



Denominadas de arte *paleocristã*<sup>30</sup>, tais imagens representam um estilo artístico que se inspirava nos ensinamentos cristãos primitivos. O contexto em que foram produzidas, ainda no Império Romano, revela uma associação influenciada com a arte greco-romana – e demonstra também a sua clandestinidade, visto que são geralmente encontradas em catacumbas. Pesquisadores explicam que essa escolha deve-se ao abandono da utilização das catacumbas pelos romanos, posto que, com o crescimento das urbes, os mortos passaram a ser cremados.<sup>31</sup> Com isso, por darem muita importância ao sepultamento, os cristãos passaram a utilizar as antigas catacumbas romanas para enterrar os seus mortos, e a realizar os cultos e ornamentar as paredes com conteúdos ligados a temas cristãos.

A cena com o gesto de entrega de presentes pelos Magos ao Menino Jesus também aparece, por exemplo, nas esculturas feitas em alto-relevo no *Sarcófago di Stilicone* em Roma (Figura 3), datada do século IV, período em que o cristianismo já vigorava como oficial. Nessa escultura, é possível observar que os Magos ainda não dispõem de atributos que os qualifiquem como reis – como as coroas e ricas vestes – e os três possuem aparências físicas semelhantes, não sendo diferenciados por idade, como se verifica posteriormente nas pinturas medievais. Para o historiador da Arte Juan Ferrando Roig “a principios del siglo VIII se describe por primera vez, em *Exceptiones Patrum*, las diferencias entre los magos”.<sup>32</sup> Além disso, nessa representação do sarcófago, o Menino Jesus aparece como criança, sentado no colo da mãe. Destaca-se ainda, a presença da estrela na cena, na qual um dos Magos aponta fazendo correspondência com a descrição bíblica.

---

<sup>30</sup> Também conhecida como arte cristã primitiva, é a expressão das artes, arquitetura, pintura e escultura que se desenvolve nos primeiros tempos do cristianismo, em registros do séc. II ao V.

<sup>31</sup> CEDILHO, Rosa Maria Blanca. SOUSA, Ana Paula Bernardo de. Arte Paleocristã: espelho da visão de mundo dos primeiros cristãos. SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Revista Mirabilia*. Jul-Dez 2013.

<sup>32</sup> ROIG, Juan F. *Iconografía de los Santos*. Barcelona: Ediciones Omega, 1950, p.181.





**Figura 3:** Sarcófago do século IV em Roma com a representação dos Reis Magos apresentando o Menino Jesus.

**Fonte:** Acervo Museu do Vaticano

Do século VI, podemos citar o mosaico (figura 4) presente na basílica de Santo Apolinário Novo (*Sant'apollinareNuovo*), em Ravena, também na Itália. Nessa cena, que traz alguns elementos que se consolidariam posteriormente na representação da adoração dos Reis Magos, podemos observar que eles são representados utilizando ricas vestes coloridas e com detalhes. O primeiro rei e o último da fila utilizam as suas grandes capas para, em sinal de respeito, envolver a urna que contém o presente oferecido. Na imagem, destaca-se ainda a menção ao nome de cada um dos reis magos acima da cena. Podemos também identificar a diferenciação física entre os três, com a presença de uma representação masculina: um de mais idade em primeiro lugar, um jovem ao meio e um adulto ao final. Os presentes estão acondicionados em ricas caixas, de erudita feitura.



**Figura 4:** Mosaico com a representação dos Reis Magos.

**Fonte:** Acervo Museu do Vaticano

Nas pinturas feitas nesse período, os Reis Magos são representados com gorros frígios, próprios da região asiática. Juan Roig esclarece sobre o tipo de vestimenta que “los personajes asiáticos, como los Magos, los três jóvenes de Babilonia, Abdón y Senén, llevan calzas ceñidas a las piernas, manto breve abrochado ante el pecho, y el gorro frigio propio de Babilonia y países vecinos”<sup>33</sup>.

Segundo o autor, os artistas do período medieval, seguiram costume dos antigos utilizando da representação da indumentária para distinguir a categoria social dos santos. No caso dos Reis Magos, outro apontamento é necessário. Como eles estão presentes desde os tempos primitivos da representação na arte cristã, a indumentária foi sendo modificada ao longo do tempo, e certa regionalidade acompanha essa representação. Durante o primeiro milênio e período românico, os três personagens foram representados com vestimentas

<sup>33</sup> ROIG, Juan F. *Iconografía de los Santos*. Barcelona: Ediciones Omega, 1950, p.13.

próprias do Oriente Médio no tempo do Império Romano, mas logo são alteradas para vestes parecidas com as dos reis da época.

Ao longo dos anos, a tradição ocidental conferiu nomes aos Magos, designando-os como: Gaspar, Baltazar e Belchior (ou Melchior)<sup>34</sup>. Há de se destacar, nomes apropriados e identificados com a presença dos Reis Magos ao testemunhar o nascimento de Jesus. De acordo com a tradição, os nomes significam, respectivamente: “aquele que leva tesouros”, “salve a vida do rei” e “rei da luz”. Os nomes são de origem persa, hebraica e assíria. Além disso, lhes foram atribuídos lugares de origem. A narrativa mais difundida indica que os três reis são originários da antiga Pérsia, pois os sacerdotes dessa região eram magos. O oriente nesse período podia ser tanto a Pérsia como a Arábia, Mesopotâmia ou Babilônia. Posteriormente, a narrativa ocidental os posicionou como representantes das três raças até então conhecidas – vindos dos continentes Europeu, Asiático e Africano, e os identificando como originários de países como: Grécia, Itália, Inglaterra, Índia ou Egito.

Quanto às características físicas dos Magos, segundo o Dicionário de Santos, eles são assim identificados: Gaspar é representado como um homem novo; Belchior como o senhor mais velho; e Baltazar em idade madura, de cor negra.<sup>35</sup>

---

<sup>34</sup> Em *Legenda Áurea*, Jacopo de Varazze nos diz que os três magos eram “chamados em hebraico Apelio, Amerio, Damasco; em grego Galgalat, Malgalat, Sarathin” (p. 150, 2003).

<sup>35</sup> TAVARES, 1990.



**Figura 5:** Adoração dos Magos.  
Bartolomé Esteban Murillo. 1655/60 - Toledo/Espanha  
**Fonte:** Museu de Arte de Toledo



**Figura 6:** Adoração dos Magos, por Hieronymus Bosch. 1494 -  
Madri/ Espanha  
**Fonte:** Colección Museodel Prado

Nas imagens da adoração, geralmente, os três Magos estão representados em sequência de planos, sendo que o mais velho, Belchior, está sempre à frente e, às vezes, ajoelhado em posição de reverência e sem a coroa na cabeça, tradicional atributo de majestade e poder, em demonstração de respeito ao Deus Menino.

Durante o Renascimento e o Barroco, período florescente da história da Arte, a Adoração dos Reis Magos alcançou suas representações mais desenvolvidas e ricas em detalhes. Os quadros de Murillo e Hieronymus Bosch (figuras 5 e 6) são exemplos de como a iconografia consagrou a majestade dos Reis, com vestes apropriadas aos soberanos.

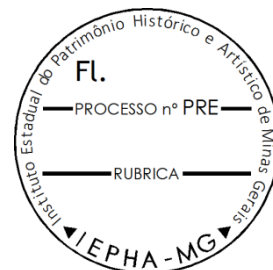
Nesse contexto de grande devoção e desenvolvimento das expressões artísticas, a iconografia que representa a jornada dos Reis Magos e a visita ao Menino Jesus se desenvolveu e foi amplamente difundida em toda a Europa, principalmente em países como Espanha, Portugal, França, Alemanha e Itália, e, posteriormente, nas Américas.

Em algumas obras de arte, Baltasar é representado como sendo dos povos ‘descobertos’ no Novo Mundo. Como por exemplo, na pintura Adoração dos Magos (c.1510), de autoria de Vasco Fernandes, em que é representado como um índio, em substituição ao mago negro, assimilando assim a chegada às Américas.



**Figura 7:** Adoração dos Magos. Vasco Fernandes – c.1510

**Fonte:** Museu de Arte de Toledo



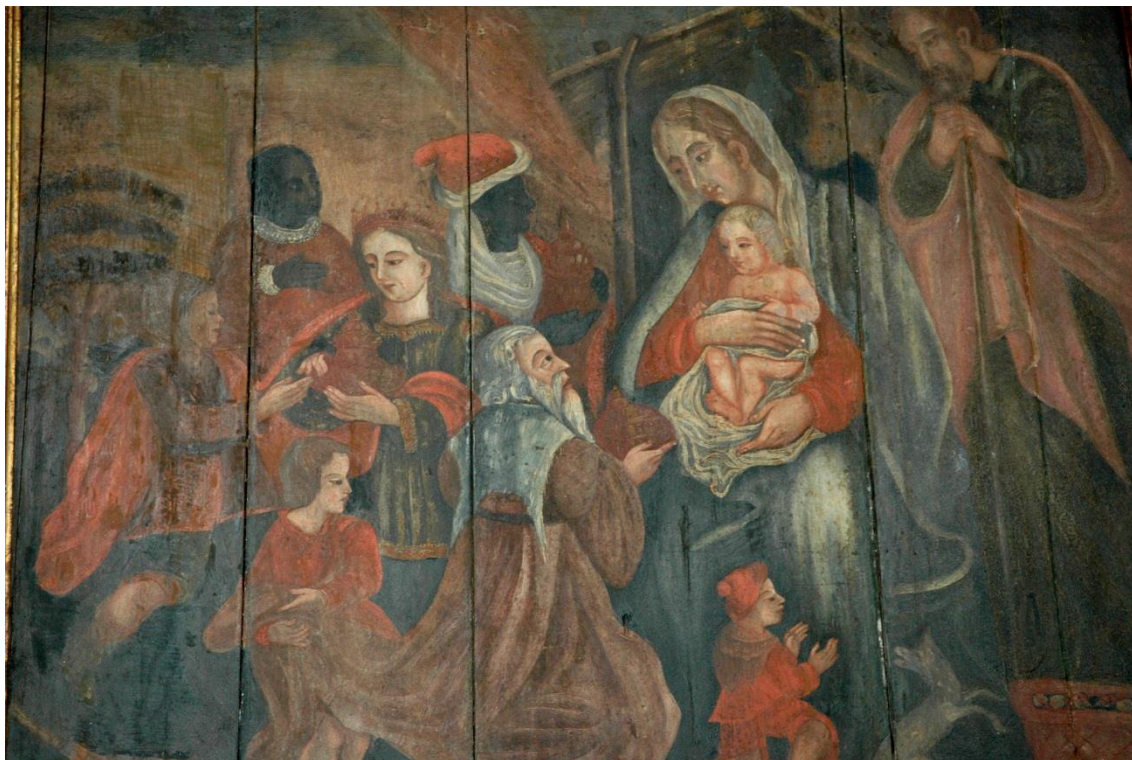
Quando aos novos povos conquistados são impostos os processos de colonização e, por consequência, a catequização, a arte também será utilizada a serviço da apresentação da história bíblica. Dessa forma, na constituição do repertório iconográfico das igrejas e capelas construídas no Brasil, a partir do surgimento dos primeiros arraiais e vilas, a figura dos Reis Magos também vai estar presente. Duas das principais referências aos Reis no Brasil, em região marcada pela influência jesuíta no início da colonização portuguesa, são o Forte dos Reis Magos, em Natal (RN), construção iniciada em 1598, e a Igreja dos Reis Magos, em Serra (ES), construída entre 1580 e 1615, com a ajuda dos índios tupiniquins.<sup>36</sup>

Em Minas Gerais, os registros sobre a representação da cena da Adoração dos Reis Magos estão principalmente, em pinturas parietais e de forro dos templos católicos do século XVIII e início do XIX. Todas relacionadas ao programa iconográfico destinado a relembrar as passagens da infância de Cristo. Ou seja, a sua ocorrência não é verificada de forma isolada, em aspecto devocional, e sim como parte de uma série de representações que relembram episódios como: a Natividade, a Adoração dos Pastores, Apresentação no templo e a Fuga para o Egito. Uma das mais antigas representações da Adoração dos Reis Magos em Minas é a pintura em painéis de madeira de uma das paredes laterais da capela-mor da Capela de Nossa Senhora do Ó, em Sabará, datada aproximadamente do ano de 1720. Na cena representada, aparece a Sagrada Família (Maria, José e o menino Jesus) e os três reis com a oferta dos presentes. Belchior, ajoelhado à frente de Maria, segura a mão do menino, em sinal de reverência e bênção. A representação, segundo Hannah Levy<sup>37</sup>, teria sido copiada de estampas do livro "*Vita, Passio, Mors et Resurrectio Jesu Christi*", editado na Antuérpia. Em Sabará, também se encontram outras representações da Adoração dos Reis em duas igrejas da primeira metade do século XVIII. Na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição (Igreja Grande), está representada a cena em um dos 15 painéis laterais da capela-mor que representam os chamados Mistérios do Rosário, abaixo

<sup>36</sup> Ambas as construções são tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

<sup>37</sup> LEVY, 1944.

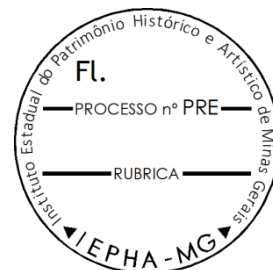
dos balcões de madeira, e na Capela de Nossa Senhora da Soledade (capela rural) está a representação em um dos painéis laterais próximos ao retábulo principal (figura 8).



**Figura 8:** Adoração dos Magos – Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Sabará – MG

**Fonte:** Izabel Chumbinho – Acervo IEPHA/MG

O pintor colonial Silvestre de Almeida Lopes, que atuou na região de Diamantina entre 1764 e 1796, também teria registrado a Adoração dos Magos, que foi representada em um dos painéis murais da capela-mor da Igreja do Bom Jesus de Matozinhos, na cidade do Serro. Com pintura de “colorido de sabor popular” e complemento de imitação de molduras com flores e fitas, de acordo com observação de Rodrigo Melo Franco de



Andrade<sup>38</sup>, a representação, atribuída a esse mestre é ainda enriquecida com a figura de um evangelista em cada um dos seus lados. O conjunto de pinturas da Igreja do Bom Jesus é formado ainda pela representação da Adoração dos Pastores, em localização oposta à dos Reis, e no forro, com a cena alusiva ao episódio ao mito do Senhor Bom Jesus do Matozinhos.

Na Igreja de São José do distrito de Itapanhoacanga, município de Alvorada de Minas, o forro da nave recebeu as representações de cenas da vida de São José e do ciclo da Infância de Jesus, dentre elas a Adoração dos Reis Magos. De acordo com Hannah Levy, o pintor Manuel Antônio da Fonseca, em 1787, se serviu da estampa de autoria de G. F. Machado, encontrada em um missal do final do século XVIII, para compor essa cena da representação no forro da Igreja de São José.

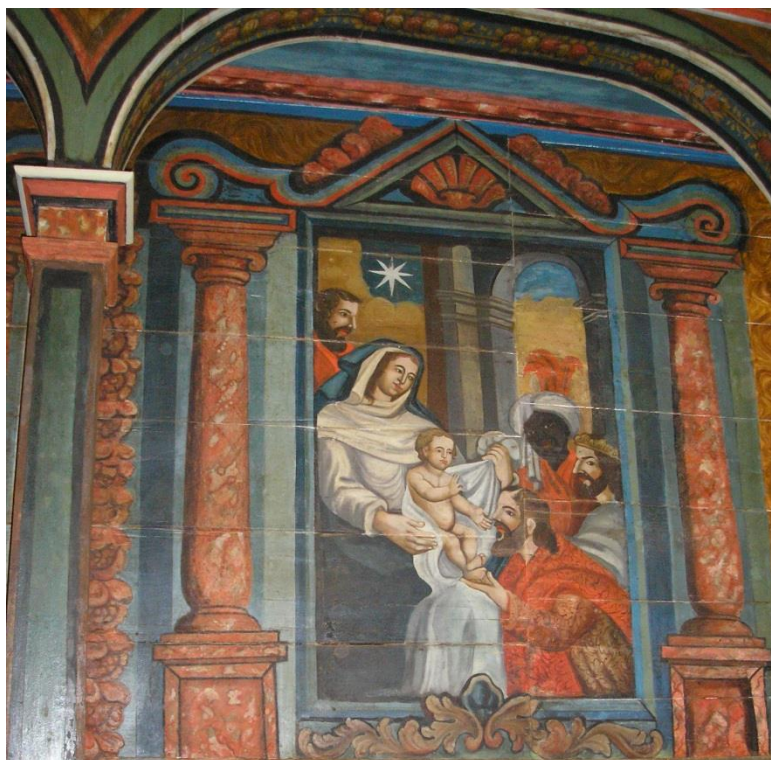
Em Chapada do Norte, no Vale do Jequitinhonha, a representação da Adoração dos Reis Magos (figura 9) está presente na ornamentação da capela-mor da Capela de Nossa Senhora do Rosário<sup>39</sup>, também junto a outras cenas alusivas ao ciclo da infância do Cristo.

---

<sup>38</sup> ANDRADE, 1978.

<sup>39</sup> INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS-IEPHA/MG. Processo de tombamento da Capela de Nossa Senhora do Rosário, Chapada do Norte, MG. 1980.





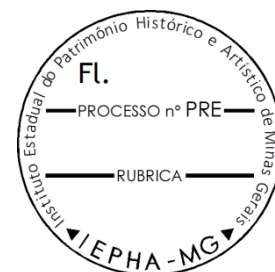
**Figura 9:** Adoração dos Magos – Capela de Nossa Senhora do Rosário – Chapada do Norte - MG

**Fonte:**Acervo IEPHA/MG

A Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição<sup>40</sup>, de Couto de Magalhães de Minas, também registra a representação da Visita dos Reis em quadro parietal da capela-mor. A Manoel da Costa Athaide, um dos pintores mais célebres do período colonial, é atribuído o quadro com o tema Adoração dos Reis, pertencente ao acervo da igreja de Nossa Senhora do Carmo, de Ouro Preto. Segundo pesquisa de Silvana Caçado Trindade (1992), nessa tela algumas inovações se verificam, como a posição do Menino Jesus em pé, soerguido por sua mãe, e uma criança que, juntamente com os Reis, oferece um baú com oferendas. Geralmente, as representações dos Reis Magos são feitas incluindo animais exóticos que os teriam acompanhado na jornada.

---

<sup>40</sup> INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS-IEPHA/MG. Processo de tombamento da Capela de Nossa Senhora da Conceição, Couto de Magalhães de Minas, MG. 1977.



Ainda de acordo com Trindade, a iconografia da adoração dos Reis Magos ainda incluiria outra representação: “pouco presente em Minas, da qual até o momento não se tem referência, trata da “Virgem dos Magos”, que antecede a cena da adoração propriamente dita”. O acervo mineiro do período colonial relacionado aos Reis Magos ainda vai registrar, em seu repertório, representações tridimensionais - peças raras e exclusivas de um presépio atribuído a Antônio Francisco Lisboa – o Aleijadinho. Mesmo que reservadas ao específico repertório iconográfico da infância de Cristo nos templos mineiros, a Adoração dos Magos, quando presentes, são decisivas para reafirmar a consagrada celebração da Epifania do Senhor no calendário cristão.

### 2.1.2 Comemorações do ciclo natalino

A devoção ao Reis Magos se desenvolveu fortemente por toda Europa especialmente nos países ibéricos, desde a Antiguidade, passando pela Idade Média, entre os séculos V e XV, se expandindo até os dias atuais. Alguns pesquisadores, acreditam que o culto aos Reis Magos se intensificou com o fluxo das chamadas “reliquias dos três Reis”. Os corpos atribuídos ao Reis estavam em Constantinopla, e foram reunidos por Helena de Constantinopla. Posteriormente, as relíquias foram transferidas para Milão, na Itália, em “honroso cerimonial, no meio de cânticos e louvores e na presença de todo o povo, numa igreja propositadamente construída para esse fim e pertencente aos frades predicantes. E também aí, como nos lugares e tempos anteriores, Deus operou inúmeros milagres”<sup>41</sup>. Anos depois, foram novamente trasladados para a Alemanha, onde, desde 1164, ocupam um mausoléu situado na catedral de Colônia, local que se tornou um espaço de peregrinações e cultos.<sup>42</sup>

---

<sup>41</sup> HILDESHEIM, 2004, p.169.

<sup>42</sup> PESSOA, 2007.

De acordo com o historiador Jacques Heers nas catedrais, os rituais que rememoravam a Epifania do Senhor passaram “a revestir-se de um fausto muito especial desde que os cônegos começaram a celebrá-lo em forma de jogo cênico”.<sup>43</sup> O autor descreve o caso de três padres que se trajaram com vestes religiosas, sendo uma branca, outra vermelha e outra preta, cada um com uma coroa na cabeça, sendo seguidos por fiéis que lhes davam ofertas. Carlos Brandão diz que dentro das igrejas medievais o ciclo de natal era um momento solene e demorado afirmando que “um teatro cristão ao mesmo tempo litúrgico e catequético nasceu no interior dos templos e, no século XI, possuía já um lugar e uma estrutura claramente definidos dentro das cerimônias propriamente litúrgicas”.<sup>44</sup>

Na região ibérica era comum a realização de dramatizações religiosas, tal como o *Auto de los Reyes Magos*, escrito, possivelmente, no fim do século XI ou XII, na Espanha, onde existiam importantes obras dramáticas de cunho religioso. Em Portugal, no *Auto dos Reis Magos*, publicado pelo dramaturgo Gil Vicente em 1510, há uma cena na qual os Reis Magos estão em cortejo com uma comitiva formada por músicos e dançarinos que entoavam *villancicos* ao som de instrumentos musicais e dirigiam-se ao presépio localizado na igreja.<sup>45</sup>

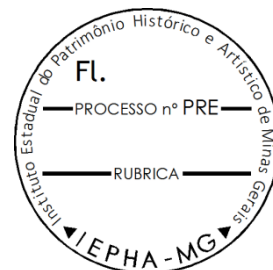
Os *villancicos*, também chamados de folia, mencionados por Gil Vicente eram cânticos populares na Espanha e em Portugal. Esses cantos foram difundidos na região ibérica ao longo dos séculos XV ao XVIII, sendo amplamente utilizados pelos pobres, negros e ciganos. Inicialmente, os *villancicos* eram considerados cantos profanos, de origem popular, harmonizados a várias vozes, com composições diversas e diferentes variantes dramáticas e linguísticas. Posteriormente, alcançaram forte aceitação por parte da Igreja, da corte, da nobreza. Com o passar do tempo começaram a ser executados nos templos, ganhando

---

<sup>43</sup> HEERS, 1987, p.42

<sup>44</sup> BRANDÃO, 1981, p. 141-142

<sup>45</sup> VICENTE, Gil, 2002.



caráter sacroprofano, e depois, tornaram-se cantos puramente religiosos executados nos momentos litúrgicos dos Ofícios e das missas.<sup>46</sup>

Uma das referências da existência dos *villancicos* em Portugal datada de 1686 está descrita na primeira parte do index da Livraria de Música do rei D. João IV, com mais vários títulos individuais.<sup>47</sup> O livro (Figura 10) é parte da coleção, e trata-se de villancicos sobre a festa de reis, cantados para Dom Pedro II em Portugal.



**Figura 10:** Villancicos, da Capèla Real, nas Matinas da Festa dos Reys do Anno de 1652

**Fonte:** Acervo da Biblioteca Nacional de Portugal

---

<sup>46</sup> LOPES, 2012, p. 278.

<sup>47</sup> Villancicos, da Capèla Real, nas Matinas da festa dos Reys do anno de 1652.

De acordo com Rui Lopes, foi sob a égide de Dom João VI, que se estabeleceu a tradição de se cantarem *villancicos* na Capela Real, primeiramente no Natal e na festa de Reis.<sup>48</sup> Rui Bessa afirma que “os vilancicos, de gosto popular e campesino e de algum misticismo religioso, eram escolhidos, cantados e, por vezes, dançados, ao som de instrumentos, durante a exibição dos autos religiosos”.<sup>49</sup> Esse autor afirma ainda que após serem admitidos no interior das igrejas, os vilancicos passaram a acompanhar a maioria das manifestações e autos religiosos, citando um trecho da fala de Dom Nicolau<sup>50</sup>, de 1668, na qual informa que em “todas as festas de folia, chacotas, danças” se cantavam os *villancicos*, usando “vestimenta adequada à acção, evidenciando, assim, um ‘género teatrado’”. Ainda segundo Rui Bessa, “a utilização desses cânticos populares aumentou desmedidamente e tornou-se imprescindível em todas as festas de Santos patronos, no cerimonial da Natividade, dos Reis e do Corpo de Deus”.<sup>51</sup>

A trajetória descrita anteriormente demonstra que, ao longo dos anos, a devoção aos Santos Reis assim como as celebrações associadas a esse culto se tornaram vigorosas na Europa, guardando estruturas que se aproximam tanto das comemorações antigas e medievais, quanto do mundo moderno.

Esse costume também chegou ao Brasil, porém com o nome de Folia, como também eram chamados em Portugal. Na Biblioteca Nacional do Brasil, há um livreto (Figura 11) intitulado *As folias do Natal: quadrilha [Partitura]*. A obra, de propriedade do editor Euclides de Aquino Fonseca, de Pernambuco, foi escrita em 1889, por João Vicente de Torres Bandeira.<sup>52</sup>

---

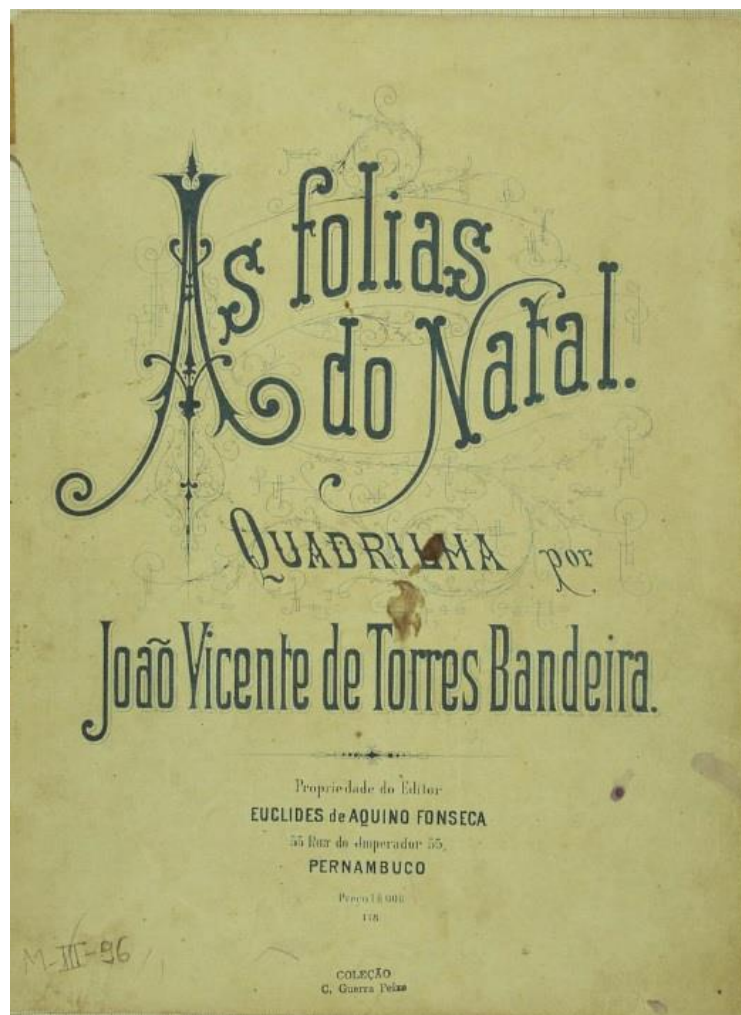
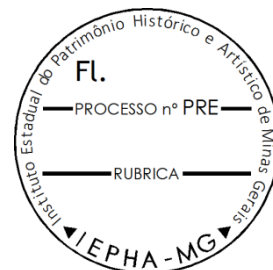
<sup>48</sup> LOPES, 2012.

<sup>49</sup> BESSA, 2001. p. 51.

<sup>50</sup> Nicolau de Santa Maria, cônego regente de Santa Cruz de Coimbra, autor da obra *Crónica da Ordem dos Conegos Regrantes do Patriarca S. Agostinho*, publicada em 1668.

<sup>51</sup> BESSA, 2001.

<sup>52</sup> BANDEIRA, Joao Vicente de Torres. **As folias do Natal : quadrilha**. Recife, PE: Euclides de Aquino Fonseca, [1889]. Disponível na Biblioteca Nacional.



**Figura 11:** As folias do Natal - 1889

**Fonte:** Acervo da Biblioteca Nacional - Brasileira

De acordo com alguns pesquisadores, em Portugal, e posteriormente, no Brasil, existia nas festas populares um caráter precatório<sup>53</sup> e deambulatório<sup>54</sup>, que podem estar envolvidos

---

<sup>53</sup> De acordo com o dicionário Caldas Aulete, precatório refere-se aquele que pede ou solicita algo; rogatório.

tanto com os costumes medievais, em que mestres, boêmios e estudantes mendigavam e se divertiam, quanto aos ciganos, apontados em algumas narrativas como grupo que influenciou a prática das folias. A relação com os ciganos se dá pelo hábito que tinham de circular pelas cidades utilizando estandartes, instrumentos, fitas, flores, elementos comuns nas folias de devoção aos santos católicos.<sup>55</sup>

Os presépios também foram, e ainda são referências marcantes nesse contexto da celebração natalina, tanto na região ibérica como nas Américas. A tradição aponta que a primeira representação da cena do nascimento de Jesus Cristo teria ocorrido por iniciativa de São Francisco de Assis, na floresta de Greccio (Itália), em 1223. São Francisco teria encontrado na encenação um meio de realizar um trabalho catequético com a população local. Assim, camponeses representaram o nascimento do menino Jesus utilizando na encenação, inclusive, animais como o boi e o jumento. Foi a partir daí que se inseriu a lógica de realizar os presépios como narrativa visual para a adoração ao Deus menino. Geralmente, na cena do estábulo ficam, em primeiro plano, José e Maria, o menino Jesus ao centro, na manjedoura, seguidos pelos pastores, animais, e os Reis Magos.

O primeiro presépio escultural que se tem notícia foi encomendado no século XIII, pelo papa Nicolau IV (1227-1292), e foi destinado para a cripta da Igreja Santa Maria Maior em Roma.<sup>56</sup> O presépio franciscano teve grande apelo popular, pois na sua representação o Menino Jesus expressava pureza e suavidade. Porém, em outros presépios, como os franceses do século XVII, a criança não possui uma expressão amável, mas séria, para transmitir a rigidez da Igreja Católica.

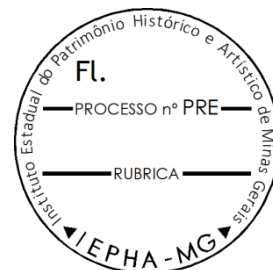
O primeiro exemplo de presépio desmontável se concretizou em Munique, na região da Bavária, no natal de 1607 na Igreja da Ordem Jesuítica. Com o passar dos séculos, os

---

<sup>54</sup> O termo deambulatório refere-se ao ato de andar, vaguar. Um sinônimo usado para o termo deambular é charola, que é o nome dado às Folias que saem no período da quaresma, carregando um andor, geralmente com a imagem de Nosso Senhor dos Passos. Para maiores informações verificar o Capítulo II.

<sup>55</sup> MACHADO, 1988.

<sup>56</sup> ROQUE, 2013, p. 21-24.



presépios começaram a apresentar características locais, se tornando cada vez mais populares. Estas manifestações eram investidas de dualidades entre o popular e o erudito, o clássico e o anticlássico, o sagrado e o profano. A consolidação dos presépios teve o incentivo das novas ordens religiosas, como a dos jesuítas, teatinos, escolápios, dos oratorianos e, do movimento da reforma do catolicismo. O Concílio de Trento (1545 - 1563), percebendo a necessidade de uma nova estratégia de evangelização e buscando impulsionar a catequese, introduziu os presépios nos seus regulamentos e posteriormente, os utilizou para a conversão dos indígenas do Novo Mundo.<sup>57</sup>

No Brasil, a tradição presepista alcançou contornos próprios, mas influenciados pelos hábitos e costumes europeus da representação da natividade. Tradição que acompanha as festas do ciclo natalino e, em especial, as folias criadas em honra e devoção aos santos Reis Magos. Contando com figuras de animais, pastores, casinhas, pequenas conchas e plantas, a cena de um presépio varia de acordo com os costumes do lugar. No interior paulista, de acordo com o livro *Cultura Popular Brasileira*, de Alceu Maynard Araújo, o chamado presépio-caipira reunia, além da manjedoura, outras figuras como:

Deus menino, José, Maria, Anjo Glória (com a faixa e inscrição), Anjo da guarda, os reis magos Gaspar, Melchior e Baltasar, Pastor (com a ovelha nos ombros), músico (pastor tocando pífano), outro músico (pastor tocando saltério ou sanfona), camponesa (com flores e frutos na cesta), caçador (com o cão ao lado), o profeta Simeão (apoiado no bastão), galo do céu, carneirinho de São João, vaca, jumenta, gambá, cabrito e mula. Às vezes aparecem figuras compostas de dois elementos: o pastor e a ovelha, o caçador e o cão<sup>58</sup>.

Em Minas Gerais, o presépio está presente desde o século XVIII, com muitos desses montados nos chamados oratórios-lapinha e maquetinas (caixas envidraçadas). Os oratórios-lapinhas, típicos do estado e procedentes da região de Santa Luzia e Sabará, geralmente acolhiam cenas ligadas à natividade de Jesus. Quando a sua estruturação era

---

<sup>57</sup> MIGLIACCIO, 2003.

<sup>58</sup> ARAÚJO, 1973.



feita em dois andares, sendo que na parte superior se dedicava nichos aos santos de devoção do proprietário e no inferior caberia o acolhimento da cena do nascimento com as figuras principais – Menino Jesus, Maria José e os Reis Magos.

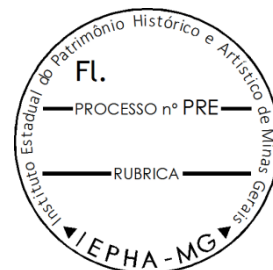
Um dos mais antigos presépios de Minas Gerais que se tem registro é o da Igreja de Nossa Senhora do Amparo, de Diamantina. Construído em uma maquete o presépio foi uma doação do frade Frei Joaquim de Nossa Senhora de Nazaré, em 3 de agosto de 1797. O artista, de origem desconhecida, utilizou materiais alternativos como conchas, flores secas, malacachetas, areia e papelão para retratar a cena. Outro aspecto peculiar dessa recriação é utilização de uma ruína – que na retórica clássica simboliza o passado, e muito presente nos chamados presépios napolitanos – como pano de fundo para abrigar a Sagrada Família.

Quatro peças remanescentes de um presépio que pertenceu à Igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Assis, de Ouro Preto, também estão entre as peças mais antigas em Minas Gerais ligadas à essa expressão. Atribuídas ao mestre Aleijadinho e datadas entre os anos de 1775/1790, hoje estão expostas no Museu da Inconfidência. Ainda não se sabe se as demais peças se perderam ou se não foram concluídas mas, de acordo com Oliveira, “era comum a existência de presépio nas igrejas franciscanas, uma vez que foi São Francisco o instituidor da representação do nascimento de Jesus em Belém”.<sup>59</sup> Dentre as peças, destacam-se duas identificadas pelo Museu como sendo os Reis Magos Baltazar e Gaspar, mas por suas características de peças de roca (com veste removível), não apresentam as vestimentas representativas desses personagens, que podem ter sido perdidas ao longo dos tempos.

Um dos mais tradicionais presépios de Minas Gerais é o do Pipiripau, em Belo Horizonte. Reconhecido como patrimônio cultural brasileiro pelo IPHAN em 1984, o presépio foi criado e armado por Raimundo Machado de Azevedo, entre 1906-1976. Está instalado no Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais desde 1983, o Pipiripau, cujo principal atrativo é o movimento de muitas de suas peças, é

---

<sup>59</sup> OLIVEIRA; FILHO; SANTOS, 2002, p.84.



composto por 45 cenas distintas entre religiosas (cenas da vida de Cristo) e profanas (hábitos e costumes citadinos). Ao todo, são 580 figuras dispostas em um cenário de 4 metros de largura, 3,20 metros de altura e 4 metros de profundidade. Outro presépio tradicional em Minas Gerais e que atrai centenas de visitantes é o do Muxinga, em São João Del Rei. Construído em 1929, em 2004 foi reconhecido como patrimônio cultural local pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural.

Releituras contemporâneas também surgem a todo o momento com a construção de novos presépios que reafirmam a tradição mineira nos festejos natalinos. Em Grão Mogol, a 550 km de Belo Horizonte (região Norte do estado), um presépio de grandes dimensões foi construído em 2011 ocupando cerca 3.600 m<sup>2</sup>. As 16 peças foram constituídas em cimento, ferro e pedra, e são um atrativo local.<sup>60</sup>

Além dos presépios citados acima, destacam-se os de armação efêmera, ainda muito populares no interior de Minas Gerais, montados nas igrejas e residências ao início do mês de dezembro e desmontados no mês de janeiro, ao fim dos festejos natalinos. Consta da tradição que os presépios podem ser desmontados no dia de Reis (06 de janeiro), dia de São Sebastião (20 de janeiro), ou no dia da Purificação (02 de fevereiro).

Apreende-se, portanto, que todas as práticas religiosas e culturais descritas anteriormente, passaram por processos de transformações, mas também de permanências, ao longo de anos, numa dinâmica que as remodelava e se modificava de acordo com necessidades, onde estavam presentes a interação com novas culturas, liberações e proibições administrativas e religiosas, dentre outras. Todo esse contexto de intercâmbio entre as narrativas da Epifania com encenações teatrais, cantos, danças, instrumentos musicais, e utilização de presépios, podem figurar como elementos que, aglutinados, contribuíram

---

<sup>60</sup> Por sua vez, é tradicional em Minas Gerais o concurso de presépios da Fundação de Arte de Ouro Preto que, em 2016, chegou à sua 44ª edição. De acordo com a FAOP, o concurso visava valorizar a tradição cultural-religiosa, resgatar o sentido poético e singular do presépio e estimular a criação contemporânea sobre o tema. Para maiores informações acessar o site: <<http://faop.mg.gov.br/concurso-presepios>>

para o surgimento dos costumes ibéricos do ciclo natalino e que, por sua vez, foram disseminados na América Portuguesa possibilitando a constituição das folias de Reis.

## 2.1 Transposição do culto aos Reis Magos para as Américas: a formação da Folia de Reis no Brasil e em Minas Gerais

Na Biblioteca da Ajuda em Lisboa, há um documento, intitulado *Novo Estilo de Cantar os Reis*, que foi produzido para a rainha portuguesa Carlota Joaquina de Bourbon por um autor anônimo em 1818, no Rio de Janeiro, apresentando a transcrição dos versos cantados nos festejos natalinos. O pesquisador Antônio Alexandre Bispo, ao interpretar o manuscrito, disse que “esse estilo de cantar os reis de “casa em casa e de porta em porta”, comum no Brasil, representava então uma novidade para os círculos aristocráticos portugueses”. Para ele, a comemoração de origem portuguesa já tinha, portanto, adquirido feição própria no Brasil.<sup>61</sup>

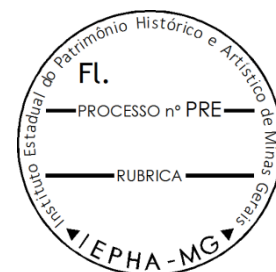
Estima-se que o costume português ao qual o autor se refere é o das “janeiras” e das festas de Reis. As janeiras são expressões realizadas desde o século XVI em Portugal e apresentam características muito similares às das folias brasileiras.<sup>62</sup> A atividade, de eminente vínculo com as tradições populares praticadas no período do Império Romano, consiste na reunião de grupos de pessoas que saem pelas ruas, no início do ano, portando instrumentos musicais, tais como *pandeiretas*, *bombos*, flautas e violas, para cantar nas portas das casas para desejar às pessoas um feliz ano novo.<sup>63</sup> Os cânticos invocados remetem ao nascimento do Menino Jesus e os acontecimentos relacionados a ele, tal como a viagem

---

<sup>61</sup> PESSOA, FÈLIX, 2007.

<sup>62</sup> Ainda hoje em Portugal são feitas Janeiras, Charolas e a festa dos Rapazes, tais como os grupos de janeireiros e charolas do Algarve: Associação Grupo de Amigos de Loulé, Sociedade União Bordeirense, Grupo Musical Santa Maria (Faro), Grupo de Charolas Oriental (Santa Bárbara de Nexe), Grupo Cantares de Janeiras (Santa Bárbara de Nexe), Charola Ossónoba de Estoi e Grupo de Janeiras de S. Sebastião (Loulé). Esses grupos realizam encontros anuais.

<sup>63</sup> GONÇALVES, 2011.



Reis Magos. Após terminarem os cantos, os componentes dos grupos esperam que lhe sejam oferecidas as comidas “janeiras”, tais como castanhas, nozes, chouriço e morcelas.

A *Bibliografia Analítica de Etnografia Portuguesa*, elaborada por Benjamin Enes Pereira e publicada em Portugal em 1965, apresenta um vasto levantamento sobre as “Janeiras” ou “Reis”. A obra traz dados etnográficos escritos sobre os costumes, ritos, festas, expressões, etc., realizados entre o final do século XIX até 1961. Conforme verificado, as Janeiras ou Reis são mencionadas por diversos autores desde 1881, como é o caso da menção feita, em 1885, por Theophilo Braga no livro *O povo português nos seus costumes, crenças e tradições*, na qual relaciona essa prática com mitos e velhos cultos.<sup>64</sup> Cita-se ainda o pesquisador Dias Nunes que em 1889, descreveu que o Reis saía: “na noite de 5 para 6 de Janeiro andam os meninos, vestidos como para o Carnaval, a cantar pelas casas, recebendo gulodices. Cantam-se também além das Janeiras e dos Reis, as desgarradas, antes e depois de recebida a esmola”.<sup>65</sup> Ao longo do século XX, outros autores portugueses também citaram extensivamente as Janeiras e o Reis relacionando-os a comunitarismo agropastoril, aos ciganos, ao folclore, aos festejos de Natal e de Ano Novo, ora falando da musicalidade, ora da dança e da religiosidade, além de remeterem a localidades diversas de Portugal.

Brandão afirma que outras manifestações portuguesas podem ter contribuído para constituição da folia de Reis brasileira. Uma delas seria a Festa dos Rapazes ou dos Caretos, rito de origem ibérica que era praticada em período muito similar ao das folias, e que chama atenção pela similaridade com as folias de reis feitas em algumas regiões de Minas Gerais. Na *Bibliografia Analítica de Etnografia Portuguesa*, há relatos informando que a festa acontecia entre os dias 26 de dezembro e 6 de Janeiro, apresentando um complexo cerimonial, que contava com “loas ou comédia, uso de máscaras, peditórios, refeições,

---

<sup>64</sup> PEREIRA, 2009, p.2

<sup>65</sup> Idem, p. 281

exclusão de mulheres, danças (de origem litúrgica, diferentes portanto das danças de pauliteiros); etc”.<sup>66</sup>

No Brasil, estudiosos da cultura popular brasileira como Câmara Cascudo, Mário de Andrade, Amadeu Amaral, Alceu Maynard Araújo, Rossini Tavares de Lima e Mário de Andrade, ao longo das décadas de 1930 a 1970, corroboram com essa versão ao discorrerem sobre as janeiras e a festa dos rapazes ou caretos. No *Dicionário do Folclore Brasileiro*, Cascudo diz em um verbete que as janeiras eram uma “canção entoada por um grupo que visitava pessoas amigas, no primeiro dia do ano” (1998, p. 469). Segundo Cascudo, a prática de “*dar as janeiras, cantar as janeiras ou pedir as janeiras*” era composta por momentos em que eram oferecidos presentes, alimentos e dinheiros aos cantadores que louvavam aos santos e ao dono da casa visitada. Para Cascudo, o costume das janeiras foi um dos responsáveis por fixar as tradicionais festas do ciclo natalino trazido para o Brasil, e esta era “uma reminiscência portuguesa, que o Brasil conheceu e praticou até final do século XIX e primeiros anos do XX”.<sup>67</sup>

Em 1951, o pesquisador Theo Brandão escreveu, no livro *O reisado alagoano*, pontuou que a tradição das “Janeiras” e de “Reis” consistiam em bandos que saíam:

nas ruas à calada, a surpreender em suas casas aqueles a quem vão pedir reis e cantar “Boas Festas com todos os seus ritos: de entrada, louvores às pessoas da casa, peditório, e por fim, despedida; os quais iniciam a nosso ver a estrutura, o núcleo em torno ou a partir do qual se foi formando e desenvolvendo o que viria a ser o nosso Reisado.”<sup>68</sup>

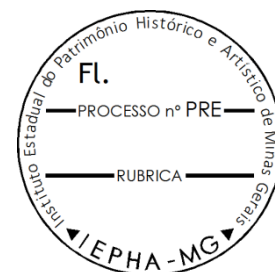
Brandão diz ainda que era comum que se confundisse ou se colocasse no mesmo escopo as práticas dos “reiseiros” e dos “janeiros”, por terem, igualmente, o caráter peditório, o uso de cantos, danças, representações e personagens ““mascarados” ou “caretas” “que tem a seu cargo a defesa dos músicos – cantores, que, vestidos de trajes grotescos, provocam a

---

<sup>66</sup> Idem, p. 109

<sup>67</sup> CASCUDO, 1998, p.469

<sup>68</sup> BRANDÃO, 2007, p. 12.



galhofa e arremetida dos garotos, que chegam mesmo a apedrejá-los”.<sup>69</sup> Contudo, pontua que são celebrações diferentes, e as folias de Reis seriam uma variação brasileira das janeiras portuguesas, associadas a outros costumes ibéricos.

Acredita-se que essas tradições ibéricas, especialmente as portuguesas, como o costume de cultuar e festejar os Reis Magos tenha chegado ao território brasileiro durante século XVI junto com os primeiros portugueses e com a introdução da religião católica. Na colônia portuguesa, um dos episódios mais marcantes e decisivos para a construção da religiosidade brasileira foi a presença dos missionários da Companhia de Jesus, que vieram ao Brasil com a missão de catequizar os chamados pagãos da terra e, posteriormente, converter os mestiços, africanos de origens diversas e negros escravizados e livres nascidos na colônia.

Nesse período, uma das estratégias mais utilizadas por esses padres foram o teatro e as festividades religiosas dedicadas aos santos católicos. Como podemos constatar em registros de jesuítas, cronistas, memorialistas e viajantes oitocentistas, a natividade, abrangendo o nascimento de Cristo e a viagem dos Reis Magos, recebia novas leituras e apropriações. Tais representações foram amplamente difundidas não somente no Brasil, como em, praticamente, toda a América e região caribenha.<sup>70</sup> As palavras de Padre Manoel da Nóbrega, responsável pela primeira missão jesuítica na América, ratifica esse dado ao descrever que fazia o uso de “formas de manifestações lúdicas e com caráter de folguedo popular” para catequizar os índios.<sup>71</sup> Estudiosos concordam que é provável que o culto aos Reis Magos, assim como a Folia de Reis ou Reisado, tenha chegado ao Brasil já nos primeiros anos da colonização, sendo um legado da cultura portuguesa e especialmente, dos jesuítas.

De acordo com Sebastião Rios:

---

<sup>69</sup> Idem, p. 12.

<sup>70</sup> NEPOMUCENO, 2016 p. 101–117.

<sup>71</sup> TINHORÃO, 2000, p. 24.

A folia, como a música e o drama, foi usada pelos jesuítas para a catequese. Os padres Manoel da Nóbrega e José de Anchieta usavam a folia e outras danças nas procissões e nos autos, muitos escritos na língua geral. Com a consolidação da colonização, os rituais usados na catequese do índio disseminaram-se entre colonos portugueses, negros escravos e mestiços de toda sorte e foram incorporados às festas dos padroeiros.<sup>72</sup>

Um dos registros históricos que ratificam a participação dos jesuítas no processo de transposição da devoção aos Reis Magos para o Brasil, ainda no início da colonização, é o Forte dos Reis Magos, em Natal, no Rio Grande do Norte. A edificação, iniciada no dia 6 de janeiro de 1598 e inaugurada em 1599, foi projetada pelo padre e arquiteto Gaspar de Samperes para barrar as ameaças externa e proteger as entradas do território conquistado.<sup>73</sup> A denominação da cidade, assim como a data de construção e o nome da fortaleza, demonstra a força da fé em Santos Reis e o protagonismo dos jesuítas na difusão da crença em tais santidades. Affonso Furtado, pesquisador das folias, afirma que anos depois, durante os séculos XVI e XVII,

nos povoamentos consolidados, Salvador/vilas próximas do Recôncavo, Olinda e, pouco depois, Recife, já sob o domínio holandês, Rio de Janeiro/Niterói e São Vicente/São Paulo de Piratininga, moldaram-se as formas iniciais das tradições de Reis no Brasil. Presépios, lapinhas e pastoris, seguindo-se de representações folclóricas derivadas como: Reisados, Rancho de Reis, Terno de Reis (versão baiana), Guerreiros, etc.<sup>74</sup>

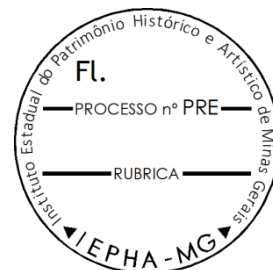
Furtado sugere que a partir do processo de interiorização do território brasileiro, marcado pelos fluxos migratórios que partiram das Capitanias de Pernambuco e Bahia, as folias e demais práticas vinculadas com a tradição de cultuar aos reis foram sendo apropriadas pelas populações dos sertões do atual estado de Minas Gerais, especialmente por aquelas que executavam atividades pastoris. O autor pontua que a descoberta do ouro nas Minas

---

<sup>72</sup> RIOS, 2006, p. 67.

<sup>73</sup> SOARES, 2012.

<sup>74</sup> FURTADO, 2006, p. 49.



no final do século XVII possibilitou uma rica confluência e aparição de diversos costumes e tradições a partir do extenso deslocamento de pessoas vindas dos grandes centros coloniais e das migrações forçadas de africanos.<sup>75</sup> O interesse pelas riquezas também atraiu portugueses provenientes de diversas regiões, tais como das Beiras, do Minho e Trás-os-montes, que eram localidades tipicamente agrícolas. A chegada dessas populações para a região mineradora possibilitou a formação de cidades como Ouro Preto, Mariana, Sabará, Caeté, São João Del Rei, entre outras, onde se desenvolveram varias festividades e práticas religiosas. Ao final do período áureo da mineração, Minas Gerais se tornou um dos centros mais populosos desse período, porém, mais voltado para as atividades rurais. Furtado argumenta que nesse contexto, a presença dos portugueses chegados das regiões citadas anteriormente, contribuiu para o florescimento das folias e das expressões derivadas dos costumes ibéricos.<sup>76</sup> O pesquisador Luiz Fernando Vieira Trópia, discorre que neste contexto as folias passaram ocorrer, principalmente, no ambiente rural e nas cidades do interior, se alastrando depois para os grandes centros urbanos.

Relatos históricos dão conta de que em Minas Gerais as folias estavam presentes desde esse período, como por exemplo, uma crônica intitulada *Tiradores de Reis*, publicada no jornal *Arautos de Minas*, de São João del-Rey, por Severiano Nunes Cardozo Rezende em 1883. O texto traz a descrição de uma folia da região das Vertentes, que muito se assemelha as folias que acontecem hoje em Minas Gerais:

*Logo após o dia 25 de Dezembro, em que a christandade comemora o nascimento do Menino Deus, na gruta de Belém, aparecem os bandos de tiradores de Reis, folia que traz a tradição dos Magos, que vieram do Oriente, guiado pela resplendente luz de uma peregrina estrella, e depositar offerendas aos pés do Messias, anunciado pelos prophetas e promettido ás nações.*

*As letras santas nada nos dizem acerca do genio e caracter dos trez coroados das plagas orientais; a regular, porem pelos bandos, que anualmente os representam andando de porta em porta a pedir pousada, eram elles rapazes folgasões, exigentes e dados á pandega.*

---

<sup>75</sup> FURTADO, 2006.

<sup>76</sup> FURTADO, 2006.



*Não é somente um grupo de tiradores de Reis; ha varias companhias e cada qual em seu genero: umas mais canalhocratas, outras de gente mais escolhida; porém todas, da familia do sr. Zé Povinho.*

*Logo ao anoutecer saem as folias á percorrer as ruas e a bater de porta em porta.*

*Nada os detem na sua peregrinação; quer á noite esteja esplenmdida, quer a impertinente chuva, como sempre acontece, caia molhando-lhes o costado; não ha obstaculo que lhes empeça a marcha.*

*Lá vem um dos taes bandos, acompanhemo-lo.*

*A parceirada é luzida, a comitiva e bando de musicos são numerosos e exquisitos os instrumentos que estes empunham; são elles um **tambor, clarineta, viola, reque-reque, pandeiro** e uma **sanfona**.*

*Na frente do bando caminha, brandindo uma varinha enfeitada de fitas, um mascarado, a que dão o nome de **Bastião**.*

*Apenas no limiar da porta da casa, que visitam, a muzica rompe a introdução, em que mais sobresaem as pancadas no tambor e os sons agudos da esganiçada clarinetta.<sup>77</sup>*

O trecho retirado da crônica aponta a forte presença dos palhaços, da bandeira e dos instrumentos, elementos que ainda hoje são marcantes na região do Campo das Vertentes, conforme se pode observar nos dados levantados pelo cadastramento.<sup>78</sup>

Outra narrativa sobre as folias em Minas Gerais consta no jornal *O Resistente*, de São João del-Rey, datando de 1897. Com o título *Dia de Reis* o texto relata:

*Passou hontem o sympathico dia de Santos Reis Magos, que foi celebrado com os tradccionaes "bandos de Reis" e mais, neste anno, com um bando novo do 16º batalhão de infantaria.*

*Vestidos mais ou menos a character homens e mulheres, precedidos de musica, entoavam em coro certos cantos combinados, executando danças curiosas que attrahiram a attenção e foram bastante applaudidos.*

*Percorreu esse bando algumas ruas, sendo mesmo convidado a entrar em algumas casas, onde foi obsequiado.*

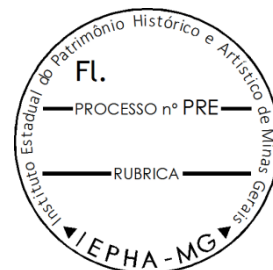
*Constituiu essa festa uma novidade agradavel e bem recebida, de costumes extranhos e pittorescos.<sup>79</sup>*

---

<sup>77</sup> PASSARELLI, 2005, p. 5.

<sup>78</sup> Para uma análise mais detalhada ver item 3 - Caracterização geral das Folias em Minas Gerais.

<sup>79</sup> PASSARELLI, 2005, p. 10.



Tal notícia demonstra que as folias estiveram sempre em processo de circulação e interação com outros estados do Brasil e com outras práticas. Isto porque, de acordo com o historiador Sebastião de Oliveira Cintra, o batalhão referenciado no texto havia partido de Pelotas, no Rio Grande do Sul em rumo a Bahia para lutar na Guerra de Canudos, e vendo a folia, participaram juntamente com os foliões.<sup>80</sup>

Outra referência histórica que ajuda a esclarecer a presença de festejos com características que se assemelham as folias são os primeiros dicionários da língua portuguesa escritos no Brasil e na qual o termo folia está presente. No *Vocabulario Portuguez & Latino*, escrito na primeira metade do século XVIII pelo clérigo Raphael Bluteau, o termo é relacionado à festa, ao canto e a alguns instrumentos musicais: "Entre nós, Folia vale o mesmo que festa de varias pessoas tangendo e cantando com tambor, e pandeiro, ou Dança com muitas toalhas e outros instrumentos, com tanto ruído, extravagancia, e confusão, que os que andam nela parecem doidos." Define ainda o folião como: "aquele, que dança, ao som do Tambor, Pandeiro, e fazendo folias que movem gente a riso".<sup>81</sup>

Já no século XIX, Luiz Maria da Silva Pinto também traduzia a folia como: "dança de varias pessoas ao som de tambor, pandeiro etc." e folião como "o que dança ao som de pandeiro".<sup>82</sup> Em ambas as descrições, a palavra folia recebe uma conotação de festa popular, inclusive com certo cunho pejorativo. No entanto, é possível associar tais definições às celebrações de Reis, especialmente pela descrição dos instrumentos musicais utilizados, ainda hoje, nas folias de Reis.

Viajantes oitocentistas também relataram a ocorrência de festas do ciclo natalino no Brasil, descrevendo que essas celebrações já eram comuns no século XVII, mas alcançaram maior difusão no século XIX.

---

<sup>80</sup> CINTRA, 1982.

<sup>81</sup> BLUTEAU, 1716.

<sup>82</sup> PINTO, 1832.

Já no século XX, entre as décadas de 1930 e 1970, diversos foram os pesquisadores que realizaram estudos de campo e percorreram sobre as folias de Reis. Câmara Cascudo descreve que elas eram “no Portugal velho uma dança rápida, ao som do pandeiro ou adufe, acompanhada de cantos”.<sup>83</sup> Segundo o autor, “no dicionário de Frei Domingos Vieira, [a folia] é sinônimo de baile. [Que] Fixou-se posteriormente, tomando características, épocas, modos típicos diferenciadores” (p. 402). Cascudo pontua ainda que no “Brasil a folia é bando precatório que pede esmolas para a festa do Divino Espírito Santo (folia do Espírito Santo) ou para a festa dos Santos Reis Magos (folia de Reis)”, que saem durante a noite, na véspera do natal, com versos próprios e ritualísticos, percorrendo sítios, fazendas e perímetros urbanos, usando violas, violões, caixas, pandeiros, cavaquinhos, pistão, e cantam na porta das casas “despertando os moradores, recebendo esmolas, servindo-se de café ou de pequena refeição”.<sup>84</sup>

No verbete *Reis*, Cascudo pontua que são:

Festas populares na Europa (Portugal, Espanha, França, Bélgica, Alemanha, Itália, etc.) dedicada aos três Reis Magos em sua visita ao Menino Deus, e ainda vivas em vestígios visíveis. Na Península Ibérica, os reis continuam vivos e comemorados, sendo a época de dar e receber presentes, “os reis”, de forma espontânea ou por meio de grupos, com indumentária própria ou não, que visitam os amigos ou pessoas conhecidas, na tarde ou na noite de 5 de janeiro (véspera de Reis) cantando e dançando ou apenas cantando versos alusivos à data ou solicitando alimentos ou dinheiro. Os colonizadores portugueses mantiveram a tradição no Brasil e de todo não desapareceu o uso nalgumas regiões.<sup>85</sup>

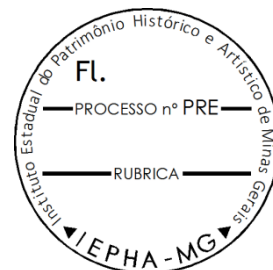
Reisado também foi um termo analisado por Cascudo que o descreveu como uma prática de “denominação erudita para os grupos que cantam e dançam na véspera e dia de Reis (6 de janeiro)”, algumas vezes relaciona o reisado as folias de reis, porém afirma que tanto

---

<sup>83</sup> CASCUDO, 1999, p.402

<sup>84</sup> Idem, p.403

<sup>85</sup> Idem, p.774



pode ser o cortejo de pedintes, cantando versos religiosos ou humorísticos, como os autos sacros com motivos sagrados da história de cristo”.<sup>86</sup>

Tais descrições e análises apontam para o fato de que as folias brasileiras guardam importantes semelhanças com as festividades portuguesas feitas no ciclo natalino. Elas se aproximam tanto na fundamentação católica e devocional, quanto nas características pontuais, como uso de instrumentos e período de ocorrência. Essas similaridades circundam não apenas a face religiosa, mas valores comuns partilhados por grupos de naturezas distintas, desconsiderando fronteiras e priorizando as imbricações resultantes da confluência. Neste sentido, é possível afirmar que a folia se formou a partir da conjunção das manifestações trazidas pelos portugueses e que, em solo brasileiro, ganharam novos contornos.

Percebe-se, diante desse processo histórico, que ao longo desses anos, as folias de Reis se tornaram uma tradição expressiva no Brasil e, especialmente em Minas Gerais, distribuída em todo o estado. Nessa época, a devoção aos Santos Reis no Brasil era tamanha, que o dia 6 de janeiro era considerado feriado nacional, assim como ainda é na Espanha, Itália e Alemanha, sendo mencionados nos calendários destes países como o dia da Epifania ou dos Reis Magos. Periódicos, como o jornal O Estado de São Paulo, revelam por meio de notas publicadas em 1909 e 1944 (Figuras 12 e 13), que diversos estabelecimentos paralisavam suas atividades, pois, além de feriado, era um dia Santo de Guarda, em que os católicos tem o dever de ir a missa.

---

<sup>86</sup> Idem, p.774

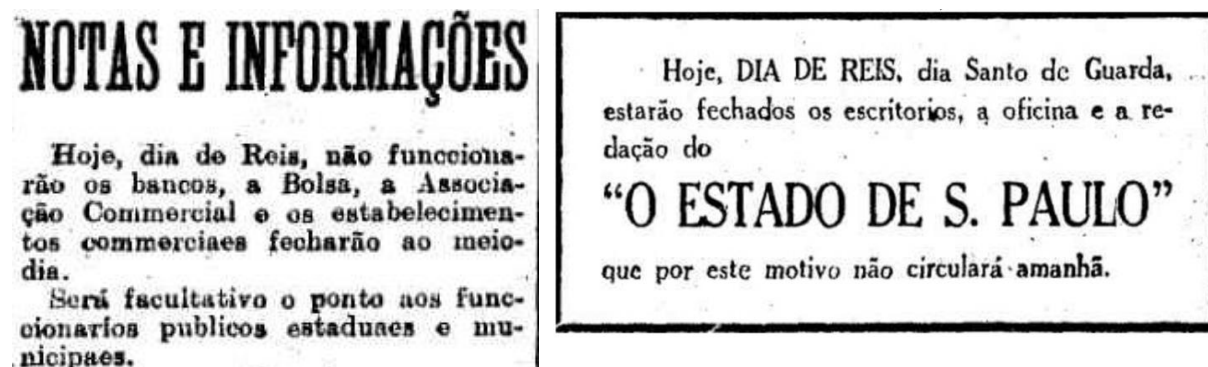


Figura 12: O Estado de São Paulo de 6/01/1909

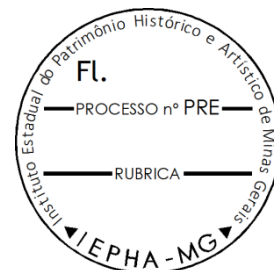
Figura 13: O Estado de São Paulo de 6/1/1944

Fonte: Acervo Estadão

Fonte: Acervo Estadão

A suspensão do feriado do Dias de Reis ocorreu em dezembro 1967, quando o Estado confirmou a retirada de outros cinco dias santos, conforme noticiado pelo mesmo jornal: "Com a nova legislação implantada no País, os feriados e facultativos foram drasticamente reduzidos, passando a ser considerados dias santos apenas os seguintes: Natal, 1.º de janeiro, sexta-feira santa, Corpus Christi, Imaculada Conceição (8 de dezembro) e Finados" (Figura 14).<sup>87</sup>

<sup>87</sup> Jornal Estado de São Paulo. Disponível no acervo online do Estadão.



# Supressos 6 dias santos

Os fiéis católicos do Brasil foram dispensados da assistência à missa e da proibição de trabalho nos dias 6 de janeiro (Reis), 19 de março (S. José), 29 de junho (S. Pedro), 15 de agosto (Assunção), 1.º de novembro (Todos os Santos) e na festa móvel da Ascensão do Senhor. Até aqui esses dias eram considerados "de guarda", isto é, obrigavam a assistência à missa e o trabalho era vedado, salvo casos especiais, como os serviços públicos.

Com a nova legislação implantada no País, os feriados e facultativos foram drasticamente reduzidos, passando a ser consi-

"A Curia Metropolitana comunica que, a pedido da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e em vista das circunstâncias especiais vigentes em nosso País, a Santa Sé acaba de dispensar os fiéis da assistência à santa missa e da abstenção de trabalhos servis nos seguintes dias, embora continuem sendo santificados em outros países: **Epifania, São José, Ascensão de Nosso Senhor, S. Pedro e S. Paulo, Assunção de Nossa Senhora, Todos os Santos.**

Pedimos aos senhores párocos e vigários que cientifiquem os fiéis deste fato, para evitar confusão ou mal-entendidos".

Figura 14: O Estado de São Paulo de 22/12/1967

Fonte: Acervo do Jornal O Estado de São Paulo

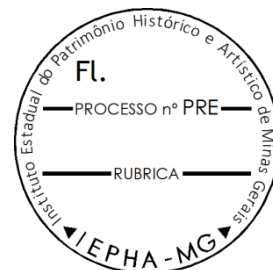
No entanto, algumas cidades do país mantiveram o feriado, tal como Natal, no Rio Grande do Norte. Este também é o caso de alguns municípios de Minas Gerais onde as folias de Reis são uma prática cultural expressiva, tais como Arcerburgo, no Sul de Minas, e Campo Florido, no Triângulo, do mesmo modo que em Presidente Olegário, na região Noroeste, que declarou os dias 5 e 6 de janeiro como feriado municipal. Para os grupos de folia, o descanso, porém, é dos ofícios do mundo terreno, da vida cotidiana, pois para os foliões, os giros, o cumprimento de promessa e a recolha de esmola recebe um sentido de trabalho, de serviço aos Santos Reis e à comunidade.

## 2.2 Folia de São Sebastião

Outra devoção de significativa importância e amplitude em Minas Gerais é a dedicada a São Sebastião, padroeiro de diversos municípios do estado. Com data de comemoração no dia 20 de janeiro, o santo também compõe o universo religioso das folias que saem com a bandeira de São Sebastião e que, geralmente, é uma extensão da folia de Reis, abrindo um novo giro após o dia 6 de janeiro.

O mito sobre a vida desse santo está baseado nos textos atribuídos à Santo Ambrósio. Segundo consta Sebastião teria origem francesa, tendo nascido na cidade de Narbonne e posteriormente, se mudado com sua família para Milão, na Itália, onde recebeu os valores cristãos. A tradição ocidental situa que antes de se tornar santo, Sebastião, mesmo sem aptidão para a vida militar, teria se alistado no exército romano por volta do século III d.C. com a intenção de apoiar àqueles que eram perseguidos por serem cristãos. Os relatos apontam que durante sua estadia no exército teve destaque como soldado, possibilitando que alcançasse o posto de centurião da guarda pretoriana, posição que demonstrava a extrema confiança dos imperadores Diocleciano e Maximiliano. Nessa conjuntura, Sebastião teria se tonado um homem reconhecido por seus pares e pelos imperadores. Tempos depois, Sebastião foi acusado de traidor e teve sua execução decretada de modo que fosse dolorosa e exemplar. Assim, seu corpo foi perfurado por flechas por arqueiros da Mauritânia que o deixaram sangrando, crendo que estava morto. Porém a narrativa conta que Sebastião foi encontrado ainda vivo, por uma devota chamada Irene (posterior Santa Irene) de quem recebeu cuidados. Ao se recuperar, Sebastião apresentou-se novamente ao imperador que mais uma vez o condenou a morte.

Após esse episódio São Sebastião se tornou um mártir da Igreja, sendo cultuado desde o início do século IV, atingindo o auge nos séculos XIV e XV na Europa, e posteriormente nas Américas. No Brasil, a devoção e o costume de festejar São Sebastião podem ser considerados a partir da colonização portuguesa no século XVI, tendo sido inserida por jesuítas como o padre Fernão Cardim, que chegou ao Brasil por volta de 1583 a serviço da



Companhia de Jesus. Cardim discorre sobre a festa de São Sebastião em seus relatos: *“Dia do martyr Sebastião (20 de Janeiro de 1585) que também era domingo dõ Sacramento e havia festa na matriz lhe preguei: concorreu ;f toda a terra a ouvir o companheiro do visitadôu, J|.e, padre reino”*.<sup>88</sup> A narrativa mostra, mais uma vez, que os santos de origem católica foram trazidos para colônia já com suas celebrações, e que em pouco tempo, frente a ação de catequização dos jesuítas, as tradições religiosas da região ibérica ganharam alcance e novos formatos.

Outra história que ajuda a compreender as folias de São Sebastião é a conexão feita com o mito sebastianista presente em Portugal. Câmara Cascudo em seu dicionário disserta que o sebastianismo, que existiu em Portugal, consistia na esperança do retorno de Dom Sebastião (1554-1578) desaparecido durante uma batalha, e que seu retorno traria glórias e conquistas.

A crença em São Sebastião foi difundida por todo o território brasileiro, alcançando as diversas localidades, emergindo dessa crença manifestações de fé no santo, dentre elas a folia. Acredita-se que a realidade cotidiana das pessoas que acompanham a folia, e dos que têm devoção ao santo, o faz porque São Sebastião é o defensor das doenças contagiosas, epidemias e da escassez de alimentos nas guerras, reunindo a crença de que seus devotos não morrem de fome.

Em Minas Gerais a bandeira de São Sebastião está presente em todas as regiões do estado, tendo maior expressividade no Noroeste, Norte, Central e Metropolitana e Vale do Rio Doce. Entre os grupos que se cadastraram estão, por exemplo, a Folia de São Sebastião do município de Antônio Prado de Minas, fundada em 1941 e atuante há três gerações sob a responsabilidade da Família Godinho. De acordo com o histórico descrito pelo grupo a tradição manda que os devotos de São Sebastião coloquem fitas na bandeira em forma de agradecimento ou pedido de graças. Existe também a Folia de Reis Mártir São Sebastião da cidade de Belo Vale, fundada em 1951, pelo Mestre Antônio do Cinico, após ter feito uma

---

<sup>88</sup> CARDIM, 1925, p.352



promessa ao santo para que fosse curado de uma grave doença. A promessa de criar uma folia tinha como cerne, arrecadar fundos para a compra de remédios e cestas básicas para os necessitados. Após sua cura, fundou a folia, que hoje é liderada por seu filho.

As histórias de fundação e concepção das folias de São Sebastião em Minas Gerais são múltiplas e compõem o vasto e dinâmico universo das folias, agregando giros, cantos, instrumentos, cerimônias e performances de grupos dedicados somente ao santo e dos que acumulam outras devoções.

### **2.3 Folia do Divino Espírito Santo**

O culto ao Divino Espírito Santo está associado à narrativa bíblica presente no livro de Atos dos Apóstolos, capítulo 2, do Novo Testamento. Nessa passagem, os apóstolos, reunidos no dia de Pentecostes, receberam dos céus o Espírito Santo, sob a forma de línguas de fogo, e adquiriram a capacidade de falar em diversas línguas. Desse modo, as pessoas presentes no local, provenientes das mais diversas localidades, passaram a entendê-los em sua língua materna e puderam receber, assim, as mensagens divinas. Todos aqueles arrependidos dos seus pecados e desejosos da salvação foram, então, batizados e receberam o dom do Espírito Santo, passando a seguir a mensagem dos apóstolos e a viver em comunidade, na fé e na partilha.

Na tradição judaica, conforme o Antigo Testamento, Pentecostes era uma festa realizada sete semanas, ou cinquenta dias, após a Páscoa, momento em que se celebrava a colheita dos grãos e frutos e ofertava-os a Deus.<sup>89</sup> Historicamente, a data também rememorava o momento de entrega das tábuas dos Dez Mandamentos a Moisés no Monte Sinai (Êxodo 20:1-26).

---

<sup>89</sup> Êxodo 23:14-16; Números 28:26; Levítico 23:15-16; Deuteronômio 16:9-10



Já no cristianismo, Pentecostes passou a celebrar a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos, sendo realizados festejos cinquenta dias após a data que marca a ressurreição de Jesus Cristo, o Domingo de Páscoa. A criação e difusão do culto ao Divino Espírito Santo são atribuídas ao monge cristão Joaquim de Fiore, nascido na Itália em 1135 e falecido em 1202. Segundo consta, inspirado em sua interpretação normativa e evolutiva da história, e baseado nos escritos do Apocalipse, que narram a anunciação do tempo do Evangelho Eterno, o monge dividiu a história em três Eras, segundo as pessoas da Santíssima Trindade. A Idade do Pai teria sido a primeira, com duração de 1260 anos, isto é, da criação do mundo até o nascimento de Jesus Cristo. Esse período, que na bíblia corresponde ao Antigo Testamento, teria sido marcado por medo e servidão. A Idade do Filho, por sua vez, corresponderia ao tempo do Novo Testamento e seria um tempo de obediência e fé. Joaquim de Fiore defendia que essa segunda Era também teria duração de 1260 anos e que, portanto, a Idade do Espírito Santo ainda estaria por vir. Na sua visão, quando esse momento chegasse, após o confronto apocalíptico entre o bem e o mal, seria instaurado um tempo de fraternidade universal, caridade e liberdade.<sup>90</sup>

Durante o século XIII, as ideias proféticas de Joaquim de Fiore difundiram-se por toda a Europa, mesmo condenadas pela Igreja Católica Romana, e ganharam fortes adeptos em uma das correntes dos monges franciscanos. O antropólogo Pedro Agostinho relata que as ideias joaquimitas chegaram ao reino português por meio da Rainha Isabel de Aragão (1271-1336), casada com o Rei D. Diniz de Portugal (1261-1325).<sup>91</sup> Natural de Aragão, região onde as profecias de Joaquim de Fiore estavam disseminadas com maior força, a rainha compartilhava dessas crenças e da devoção ao Espírito Santo. Diante disso, Isabel de Aragão teria mandado construir um templo na vila de Alenquer, em Portugal, em homenagem ao Espírito Santo, onde se instalou um convento franciscano e aconteceu a primeira Festa do Império do Espírito Santo de que se tem registro no reino. As fontes não convergem em relação à data de início dessa festa, no entanto, acredita-se que a mesma

<sup>90</sup> AGOSTINHO, 2002/CARVALHO, 2008.

<sup>91</sup> AGOSTINHO, 2002.

ocorreu no primeiro quarto do século XIV, sendo que alguns estudiosos apontam os anos de 1323 e 1325.

A partir dessa época, a invocação difundiu-se por Portugal, surgindo hospitais, igrejas, capelas, ermidas e conventos do Espírito Santo, onde passaram a ser celebradas as festas do Império do Espírito Santo, também chamadas de Império do Divino Espírito Santo, Império do Divino ou Festa do Divino. Essas festas consistiam em cerimônias de coroação de um Imperador e outros Reis e na realização de fartos banquetes e distribuição de esmolas aos pobres, prática conhecida como “bodo”.

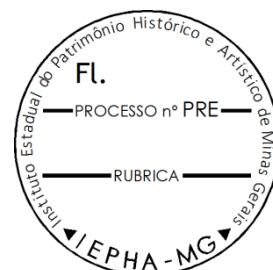
Acompanhando o período do Império do Divino, encontravam-se as folias, grupos de cantores e instrumentistas que andavam pelas ruas anunciando a aproximação da festa e exaltando os dons do Espírito Santo. As folias do divino foram descritas por Câmara Cascudo da seguinte maneira:

É um grupo de homens, usando símbolos devocionais, acompanhando com cantos o ciclo do Divino Espírito Santo, festejando-lhe a véspera e participando do dia votivo. [...] De Ressureição a Pentecostes a folia percorre as ruas onde é de praxe passar a procissão e, depostas as insígnias na igreja, vai jantar. Esse jantar é protocolar, com cardápio especial, e tem um cântico para cada um dos pratos. No final, cada um dos componentes recebe do anfitrião um ramo de flores, obrigando a novo canto. Passeiam em desfile, e no domingo de Pentecostes também. No dia de Corpus Christi proclamam os novos chefes da folia, que são, depois de aclamados, visitados e recebem as insígnias dos postos.<sup>92</sup>

Do continente europeu, a devoção ao Espírito Santo foi difundida para as ilhas e colônias portuguesas entre os séculos XIV e XVI. As tradições das festas do Espírito Santo encontraram forte adesão nos Açores, onde as ideias de Joaquim de Fiore reapareceram com a chegada dos franciscanos espiritualistas no arquipélago, em meados do século XV. A população açoriana não apenas aderiu às celebrações do Divino trazidas pelos franciscanos, contribuindo para seu enraizamento e continuidade através das gerações,

---

<sup>92</sup> CASCUDO, 1999, p. 402).



como teve um importante papel na transmissão dessas manifestações para as Américas. Muitos estudiosos apontam um movimento de difusão das festas do Divino para os Estados Unidos e para o Brasil através dos fluxos migratórios de casais açorianos promovidos a partir de meados do século XVI.

Os antropólogos Eugenio Pascele Lacerda e José Reginaldo Santos Gonçalves realizaram estudos a respeito das comunidades açorianas nos Estados Unidos e no Brasil, a fim de investigar as permanências e transformações dos traços identitários e culturais dos Açores nesses países. Nos Estados Unidos, os imigrantes açorianos instalaram-se na região da Nova Inglaterra e permaneceram realizando as festas do Divino. Até os dias atuais, na cidade de Fall River, no estado de Massachusetts, são realizadas as Grandes Festas do Espírito Santo da Nova Inglaterra durante o mês de agosto, que reúnem em média 100 mil pessoas que participam das folias, dos cortejos, das irmandades e das coroações.<sup>93</sup>

No Brasil, o culto ao Divino acompanhou as migrações açorianas e os movimentos de ocupação do território desde os primeiros tempos da colonização. Cáscia Frade aponta sua presença nos primeiros estabelecimentos na região litorânea durante o século XVI, sendo que o primeiro registro da chegada dos açorianos de que se tem conhecimento data de 1579, na Bahia.<sup>94</sup> A autora aponta, ainda, outras duas fases de difusão das festas do Divino, correspondentes a fluxos migratórios posteriores: a primeira corresponde à chegada compacta de casais, primeiramente no norte do Brasil em 1619, especialmente na região que corresponde atualmente aos estados do Maranhão e do Pará, e posteriormente entre 1748 e 1756, na região sul, predominantemente na Ilha de Santa Catarina. A segunda fase caracteriza-se pela imigração individual ou em pequenos grupos que se estendeu até a primeira metade do século XX, principalmente no estado do Rio de Janeiro.

---

<sup>93</sup> GONÇALVES, 2004/ LACERDA, 2003.

<sup>94</sup> FRADE, 2005.

Câmara Cascudo demonstra a tamanha popularidade das celebrações do Divino entre os brasileiros.<sup>95</sup> Segundo o autor, o título de Imperador atribuído a Pedro I em 1822 foi escolhido pelo ministro José Bonifácio de Andrada e Silva porque a população estaria muito mais familiarizada com esse título, devido ao personagem correspondente no Império do Divino, do que ao nome de Rei. As festas do Divino contavam com missas cantadas, procissões, leilões, autos, cortejos e coroações do Imperador e demais personagens que compunham o Império. Anteriormente ao período das festas, as folias saíam de casa em casa anunciando o Império e as graças do Espírito Santo e arrecadando doações para a realização da grande festa. O trecho a seguir ilustra como esses grupos se organizavam:

Para a organização da festividade havia a *Folia do Divino*, bando precatório pedindo e recebendo auxílios de toda a espécie. A *Folia* constituía-se de músicos e cantores, com a Bandeira do Divino, ilustrada pela Pomba simbólica, recepcionada devocionalmente por toda a parte. Essas *Folias* percorriam grandes regiões, gastando semanas ou meses inteiros”.<sup>96</sup>

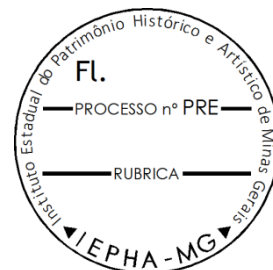
Durante o século XIX, as folias do Divino foram registradas por diversos viajantes que cruzaram o território brasileiro. Em sua estada no Brasil, entre 1816 e 1822, o naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire encontrou grupos de folia do Divino nas províncias do Rio de Janeiro, Goiás, Mato Grosso e Minas Gerais. Percorrendo a Província de Goiás durante o século XIX, destacou a presença da folia:

Nesse dia encontrei na mata um bando de gente a cavalo, conduzindo burros carregados de provisões. Um dos homens levava um **estandarte**, outro um **violão** e um terceiro um **tambor**. [...] e quando chegam a alguma fazenda o pedido é sempre feito por meio de cantigas, em que se misturam louvações ao Espírito Santo. (...) Essas coletas duram às vezes vários meses, e é ao bando encarregado de executá-la que é dado o nome de **folia**. Cada paróquia, cada capela tem possibilidade de reunir muita gente, pois a festa não é celebrada no mesmo dia em todos os lugares (1975, p.97).

---

<sup>95</sup> CASCUDO, 1999.

<sup>96</sup> Idem, p. 356.



Entre 1828 e 1829, esteve no Rio de Janeiro o reverendo inglês Walsh, que descreveu a saída das folias das Igrejas de Mata-Porcos, Santa Ana, Santa Rita e Lapa do Desterro e suas andanças pela cidade recolhendo donativos e anunciando as festas do Divino. O escritor estadunidense Thomas Ewbank registrou, em 1846, o hábito dos devotos de beijar a bandeira por onde a folia passava, nas ruas e nas casas dos fiéis.

Nesse período, as irmandades do Divino Espírito Santo tiveram importante papel na popularização e manutenção das celebrações do Divino. Essas instituições eram responsáveis pela organização e divulgação das festas em devoção ao Espírito Santo, assim como pela distribuição das doações para os mais necessitados. A historiadora Martha Campos Abreu diz que, no Rio de Janeiro, muitas irmandades eram responsáveis pela realização de grandes festas em homenagem ao Divino Espírito Santo, com destaque para aquelas que aconteciam no largo do Estácio, no largo da Lapa e no Campo de Santana.<sup>97</sup> As folias saíam desde o Sábado de Aleluia anunciando as festividades e arrecadando donativos, até a data de celebração da festa, que ocorria normalmente no dia de Pentecostes, mas podia se estender até o dia de Santana, em 26 de julho. Os grupos andavam acompanhados pela bandeira do Divino e pelo Imperador, comumente uma criança era eleita todo ano. Eram compostos por tocadores de pandeiro, viola e tambor, assim como pelos barbeiros, negros escravizados que cantavam dobrados, quadrilhas e fandangos.

As celebrações do Divino eram momentos onde conviviam pessoas das diferentes camadas sociais no mesmo espaço, marcado pela devoção religiosa, mas também por músicas profanas, jogos, barraquinhas, comidas e bebidas. O Império do Divino desafiava, portanto, no espaço público, a ordem social e as autoridades do Império brasileiro, tencionando as relações entre nobreza e súditos, pessoas livres e escravizadas, o clero católico e a população leiga. As historiadoras Martha Abreu e Márcia Alves demonstram como, por

---

<sup>97</sup> ABREU, 1996.

essas razões, as folias e as festas do Divino testemunharam momentos de forte repressão social e eclesiástica, mesclados com outros de relativa tolerância durante o século XIX.

No Rio de Janeiro, por exemplo, os anos de 1836 a 1839 foram marcados por proibições e restrições da Câmara municipal que reduziram o período da festa e eliminaram a presença de elementos, como as barraquinhas. Durante a década de 1840, as licenças voltaram a ser concedidas para a realização das celebrações, mas, já na década seguinte, a Igreja católica passou por um período de reforma, que prezava a concentração do poder religioso na hierarquia eclesiástica, a aproximação com Roma, a moralização do clero e a diminuição do poder das pessoas leigas reunidas nas irmandades. Esse processo denominado de romanização<sup>98</sup> da Península Ibérica atacou fortemente as celebrações populares, inclusive as festas do Divino.

Em Santa Catarina, as folias do Divino também eram perseguidas por parte da população. Jornais de Florianópolis da década de 1850, por exemplo, que atendiam às camadas sociais letradas, caracterizavam as folias como um desrespeito ao culto religioso e um obstáculo à construção de uma cidade civilizada.

Martha Abreu ressalta, entretanto, as limitações desses movimentos de repressão e intolerância.<sup>99</sup> O clero romanizado era reduzido, as irmandades possuíam autorização e respaldo do Estado e a maioria da população que participava dessas celebrações, pertencente às camadas mais populares, permanecia alheia às críticas dos jornais e às interdições municipais. As proibições e represálias formais não foram suficientes para arrefecer as manifestações populares, enraizadas no imaginário e no cotidiano dos grupos sociais brasileiros.

Também nesse contexto, as folias do Divino eram conhecidas por serem compostas por tiradores de esmola para a Festa do Divino, conforme fotografia demonstram relatos e imagens de meados do século XIX.

---

<sup>98</sup> Processo de retorno as diretrizes romanas em apoio ao catolicismo popular.

<sup>99</sup> ABREU, 1996.



**Figura 15:** Tiradores de esmola para a Festa do Divino – Minas Gerais

**Fonte:** Acervo da Brasileira Digital – Biblioteca Nacional

A fotografia, feita por Luiz Bartolomeu Calcagno, em 1875, em Monte Alegre de Minas, refere-se há um grupo de homens, em sua grande maioria negros, que se preparavam para recolher esmola. Na imagem estão, tocadores de instrumentos de sopro e percussão e por um bandeireiro. Nesse período, além de perseguições, documentos apontam que no ano de 1878, uma resolução provincial definiu que os tiradores de esmola para a Festa do Divino Espírito Santo deveriam pagar imposto sobre os valores coletados, a fim de dificultar “o hábito de explorar a devoção dos fieis para festas”.<sup>100</sup>

A despeito das perseguições, intolerâncias e repressões, as festas e folias do Divino, seguiram ocorrendo com o passar das décadas mantendo a tradição de cultuar e festejar seu santo de devoção. Atualmente, ainda são celebrações presentes em diversas

---

<sup>100</sup> ASSUNÇÃO, 2004.



localidades do território brasileiro, como Rio de Janeiro, Santa Catarina, Maranhão, Pará, Goiás e Minas Gerais.

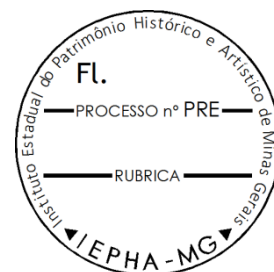
No cadastramento das folias de Minas, a devoção ao Divino Espírito Santo foi a terceira mais expressiva, sendo que dos 1255 grupos cadastrados, 146 afirmaram que realizam suas folias saem em homenagem ao Divino. Esses grupos estão distribuídos por todo o território, sendo encontrados do Triângulo Mineiro à Zona da Mata, do Oeste ao Jequitinhonha, do Norte ao Sul de Minas e também na região Metropolitana de Belo Horizonte. Muitos grupos relataram a continuidade da folia por três ou quatro gerações, e outros com formação mais recente, demonstrando que a prática se reatualiza e mantém como um importante bem cultural de Minas Gerais.

#### **2.4 Outras devoções e práticas associadas às folias**

Em Minas Gerais, além das folias dedicadas aos Santos Reis, existem outros vários grupos que invocam diferentes santos católicos. No cadastramento, foram identificadas outras 50 devoções que envolvem o culto cristológico, mariano e santoral da tradição católica, demonstrando a variedade de expressões envolvidas no âmbito das folias de Minas.

Essas devoções estão distribuídas entre 1216 grupos de folia por todo o território mineiro. Essas folias, que em alguns casos, são também devotos de Santos Reis, mantêm os mesmos sistemas de organização de vozes, instrumentos, distribuição de bênçãos e recolhimento de donativos nas casas de devotos. As diferenças são percebidas predominantemente na bandeira e nos cantos, que são construídos e adaptados para homenagear o santo de devoção correspondente.

Esses grupos comumente realizam seu giro no período que antecede o dia daquele santo, data em que se organizam festas em sua devoção. Assim, as folias circulam por um período que varia geralmente entre três e nove dias distribuindo graças, anunciando a festa que está por vir e recolhendo donativos para sua realização. Esse período normalmente é



marcado também pela realização de novenas, ladainhas, terços, levantamento de mastro, e outras orações.

Como exemplo desses casos, destacaram-se 222 grupos devotos do Menino Jesus que realizam seu giro durante o ciclo natalino. Em seguida, apareceram também 70 grupos em devoção a Nossa Senhora do Rosário, que circulam predominantemente entre os meses de maio e outubro; 59 grupos devotos de Nossa Senhora Aparecida, cujo giro é realizado geralmente no mês de outubro; 56 grupos que saem para Divino Pai Eterno, nos meses de junho e julho; 26 grupos em devoção a São José, que saem durante o mês de março; 25 grupos em devoção a Bom Jesus, que giram durante o mês de agosto e estão concentrados no Norte de Minas (22 grupos) e no Jequitinhonha (3 grupos); 25 grupos devotos de Santa Luzia que circulam durante a primeira quinzena de dezembro, também localizados predominantemente no Norte do estado (23 grupos) e 14 grupos que saem no mês de junho em devoção a São João.

Nesse sentido, podem ser encontrados grupos de folia que circulam durante todo o ano, em devoção a uma diversidade de santos. Além dos períodos fixados pelo calendário litúrgico, muitos grupos realizam sua jornada ainda em outros períodos, sempre que solicitados por fiéis para atender ao pagamento de suas promessas.

Antônio Raposo e Seu Domingos, cabeça de folia de um terno de São Francisco/MG, contam um caso de um pedido de promessa onde o grupo teve que se adaptar para cantar versos de São Jorge, uma bandeira para a qual nunca tinham saído:

*Domingos: ...eu improvisei um dia, eu cantei um dia de/ mas cê vê que santo foi. E todo mundo admirou, seu pai/ foi seu pai [pai de Antônio Raposo] mesmo que me chamou pra cantar, né, eles admirou.*

*Antônio Raposo: Que não tinha, né? Não tinha, ninguém conhecia.*

*Domingos: Canto de São Jorge.*

*Antônio Raposo: O cara fez uma promessa de São Jorge, mas ele não entendia nada de folia e 'eu quero uma promessa de São Jorge com uma folia de São Jorge', podexá que nós vamo arrumá, pô ficar tranquilo que nós vamo resolver, 'seu Domingos', aí seu Domingos foi lá e fez uma folia de São Jorge, que não existe aqui, né.*

*Domingos: Esse aí foi improvisado mesmo, né, no dia, improvisei no dia.*

Antônio Raposo: *E ficou bão.*

Domingos: *E saiu bom demais... Cumpri a promessa do homem*<sup>101</sup>.

No Cadastro das Folias de Minas, foram encontrados 53 grupos que afirmaram sua devoção a Nossa Senhora da Conceição; 44 grupos devotos do Sagrado Coração de Jesus; 34 grupos devotos de Nossa Senhora das Graças e 31 grupos que circulam em devoção a Nossa Senhora da Paz.

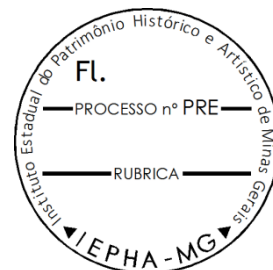
As demais 36 devoções apareceram pontualmente em alguns grupos de folia. Essas devoções foram: Cristo Rei; Maria; Nhá Chica; Nossa Senhora da Abadia; Nossa Senhora da Guia; Nossa Senhora da Penha; Nossa Senhora da Piedade; Nossa Senhora da Rosa Mística; Nossa Senhora das Candeias; Nossa Senhora das Dores; Nossa Senhora de Fátima; Nossa Senhora do Carmo; Nossa Senhora do Desterro; Nossa Senhora dos Prazeres; Nosso Senhor dos Passos; Padre Eustáquio; Sagrada Família; Santa Cruz; Santa Edwiges; Santa Rita de Cássia; Santa Terezinha; Santo Antônio; Santo Expedito; São Benedito; São Cristóvão; São Domingos; São Francisco de Assis; São Gonçalo do Amarante; São Gonçalo; São João Batista; São Jorge; São Lázaro; São Pedro; São Vicente de Ferrer; São Vicente e São Vicente de Paula.<sup>102</sup>

Compõem também esse universo os grupos de Pastorinhas, uma celebração do ciclo natalino que consiste em grupos de crianças e mulheres que, ao se caracterizarem como pastoras ou camponesas, visitam as casas de devotos e cantam o nascimento do Menino Jesus, geralmente diante de um presépio ou da imagem do Menino Jesus. Apresentam uma diversidade de personagens que estariam presentes no momento da natividade e que, durante a apresentação, ajudam a recontar a história bíblica. Personagens como a estrela,

---

<sup>101</sup> DOMINGOS, Seu; FERREIRA, Joaquim Leal; RAPOSO, Antônio. Folia de Minas. [22 de setembro de 2016]. São Francisco. **Projeto Folia de Minas**. Entrevista concedida a Débora Raiza Carolina Rocha Silva, Guilherme Eugênio e Renata Lopes. Disponível no Acervo documental IEPHA-MG.

<sup>102</sup> É importante ressaltar que o aprofundamento nessas duas devoções se deve tanto pela expressividade, quanto pela maior quantidade de referências, fontes e dados históricos disponíveis.



a cigarra, a formiga e a cigana são representadas e, em seu momento de apresentação, tiram versos específicos da fala da personagem. Uma das maneiras mais referenciadas de apresentação do grupo é a de organização em duas filas, em vestes de cores azuis e vermelhas, sendo que, ao meio, são posicionadas as chamadas figuras representativas. O pesquisador Japhet Dolabella, relembra alguns dos versos cantados por pastorinhas na cidade de Santa Luzia (MG):

*Borboleta bonitinha... inhá  
Saia fora do arrozal  
Vem cantar docezinha... inhá  
Na alegre noite de Natal!...<sup>103</sup>.*

Em Minas Gerais, a manifestação popular se incorporou com destaque aos festejos do ciclo natalino, juntamente com a Folia de Reis. As chamadas Pastorinhas, presentes em várias regiões do estado, são expressões que alcançaram em algumas localidades importância significativa a exemplo dos grupos devotos dos Santos Reis. Segundo consta, a tradição chegou ao Brasil no século XVIII, compondo as encenações teatrais realizadas com personagens ligados ao nascimento do Cristo.

Sobre a relação com as folias, a mestra do grupo Pastorinhas da Boa Vista, de Caetanópolis (MG), Maria Miranda, conta o que acontece quando os distintos grupos se encontram um com outro:

*a pastorinha tem a estrela, né?/ quando faz o encontro/ nós temos que ter a estrela, e eles saúdam a estrela, né?/ Que a estrela que é a parte principal dos reis, né? E as pastorinha tem que saudar a bandeira que eles carrega, né?/Tem que fazer a saudação da bandeira<sup>104</sup>.*

---

<sup>103</sup> DOLABELLA, Japhet Lima. Santa Luzia nasceu do rio... Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1984. p.179.

<sup>104</sup> ALVES, Flávia; MIRANDA, Maria. Pastorinhas. [19 de outubro de 2016]. Caetanópolis. **Projeto Folia de Minas**. IEPHA/MG. Entrevista concedida a Débora Raiza Carolina Rocha Silva, Breno Trindade, Bianca França e Renata Lopes. Disponível no Acervo documental IEPHA/MG.

No Cadastro das Folias de Minas, foram identificados 10 grupos de pastorinhas. E, além disso, 16 grupos de folia afirmaram sair acompanhados de pastorinhas durante suas visitas.

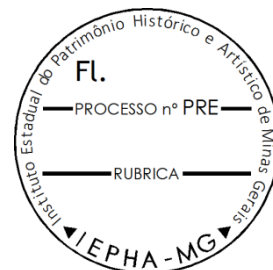
## **2.5. Trajetória das folias no século XX: análises e percepções**

O historiador mineiro Abílio Barreto narrou em uma passagem, que quando ainda era criança, em 1895, o antigo Curral del Rei, que viria a ser Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, conservava diversos costumes e tradições dos antepassados. Destacou entre os festejos o da padroeira, Nossa Senhora da Boa Viagem, de São Sebastião, Divino Espírito Santo, Santo Antônio, da Semana Santa e do Natal. Na sua narrativa os reisados e outras práticas eram sempre realizados com muita diversão, com a presença das populações que circundavam o arraial, que chegavam a cavalo, a pé, ou em carros de boi, entoando cantos e ocupando as ruas da cidade.<sup>105</sup>

No final do século XIX, esse era o contexto de várias cidades do Brasil e de Minas. Porém na passagem para o século XX essa conjuntura se modificou e foi marcado por processos históricos que reconfiguraram a sociedade brasileira, tal como a construção do discurso da identidade nacional, a transferência da população rural para as cidades, os movimentos higienistas, a transição do sistema escravista, industrialização e diversas alternâncias políticas. Durante os anos de 1930 e 1940, o país teve como símbolo, o culto à raça brasileira, ao sincretismo religioso e o mito democracia racial que tinha como base a miscigenação, a tolerância racial e o convívio harmônico de culturas. Na conjuntura, vários estudiosos brasileiros já pontuados anteriormente, tais como Câmara Cascudo, Alceu Maynard, entre outros, começaram a desenvolver pesquisas sobre a cultura popular brasileira, produzindo inúmeros volumes descritivos sobre as práticas religiosas e festivas

---

<sup>105</sup> Revista Alterosa. Edição Especial de Natal. Ano III, número 21, dezembro de 1941, pag. 76



feitas no Brasil. Apesar da importância documental dessas pesquisas, faz-se necessário ressaltar que muitas delas traziam alguns conceitos intrincados sobre as manifestações culturais ditas populares. Isso porque, em suas narrativas, apreciavam os ritos feitos por uma população rural, anônima e que, preservava suas origens de forma autêntica, lamentando as mudanças ocorridas no interior dessas práticas, e, em muitos casos, desconsiderando a dinamicidade da cultura.

Entre essas décadas, foram fundados o Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 1937, a Comissão Nacional de Folclore, em 1947, e posteriormente, em 1958, houve a instalação da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, primeiro órgão permanente dedicado a essa temática, vinculado ao então Ministério da Educação e Cultura.<sup>106</sup> Essa intensa movimentação em torno da cultura e do folclore reuniu um significativo contingente de intelectuais brasileiros, que viam o folclore não apenas como um objeto de estudo e pesquisa, mas principalmente, como uma referência para a definição de nossa identidade nacional. Dentre as ações promovidas pela Campanha de Defesa do Folclore, estão a criação de comissões estaduais, mobilizações locais e vasta produção literária, inclusive sobre as folias e os elementos associados à elas.

É interessante relacionar esse contexto com os dados apurados a partir do cadastramento das folias de Minas. Isso, pois, no material coletado, dos 1255 grupos cadastrados, 161 declararam que suas folias foram fundada entre os anos de 1941 e 1960, demonstrando o alcance da mobilização dos intelectuais que trabalhavam no sentido de preservar as práticas culturais brasileiras.

Outro elemento importante a se considerar neste período é o processo de urbanização e de industrialização do Brasil. Até meados de 1950 a população brasileira era predominantemente, rural, pois a base econômica do país eram as atividades econômicas ligadas a produção e exportação agrícolas. Embora o processo de êxodo rural tenha se iniciado na década de 1930, com o início da industrialização, foi entre os anos 1950 e 1960

---

<sup>106</sup> OLIVEIRA, 2010.

que houve uma intensificação do deslocamento campo-cidade. Estima-se que esse fluxo, associado ao Movimento Folclórico Brasileiro (MFB) possibilitou que os grupos de folias promovessem uma formalização mínima, no sentido de se organizar em associações folclóricas e/ou delimitar e dar nomes “oficiais” aos seus grupos. Dados do cadastro apresentaram que a maioria das folias cadastradas que possuem em sua denominação o título “grupo folclórico” surgiu entre os anos de 1930 e 1960, como exemplo, o Grupo Folclórico do Distrito de Doutor Campolina, do município de Sete Lagoas, fundado em 1958.<sup>107</sup>

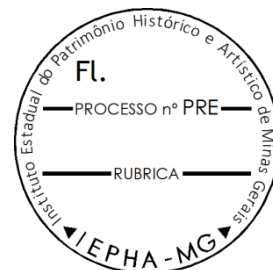
Nos anos iniciais de 1960, o Brasil passou por mudanças estruturais na sociedade, sendo marcado por uma conjuntura política e econômica conturbada. No âmbito das políticas culturais foi criado o Conselho Nacional de Cultura, responsável pelos planos nacionais de cultura. Neste período houve forte efervescência das lutas populares promovidas por sindicalistas, operários, camponeses, profissionais liberais e estudantes; que buscavam reformas no âmbito cultural, trabalhista e educacional. Fugindo das definições nacionalistas, os Centros Populares de Cultura (CPCs), constituídos em 1962, em vínculo com a União Nacional dos Estudantes (UNE), se engajaram no debate sobre o nacionalismo, buscando marcar as diferenças e a diversidade da cultura brasileira. Com o intuito de promover uma "cultura nacional, popular e revolucionária" e discutir a realidade do Brasil, seus membros começaram a investir na educação popular realizando alfabetização de adultos, ampliando seu espaço de atuação e de contato com camponeses, operários, moradores das periferias e com as manifestações da cultura popular, definindo-as como instrumentos de resistência política.<sup>108</sup>

Também data dessa época a reformulação de alguns regramentos religiosos, que foram repensados pelo Concílio Vaticano II (1962 – 1965). O texto referência é permeado por ideais de conciliação e unidade ecumênica, articulando entre outras coisas, um novo entendimento sobre a religiosidade popular, além de apresentar os novos paradigmas da

---

<sup>107</sup> IEPHA-MG, Cadastro das Folias de Minas Gerais, 2016

<sup>108</sup> CORÁ, 2014.



Igreja. O Concílio Vaticano foi elaborado para alcançar as novas populações, buscando reconciliar e manter maior diálogo com a sociedade moderna, desvinculando-se das práticas medievais e reformulando a doutrina social da Igreja. Destaca que democratização na rede das Igrejas católicas, solidariedade com os empobrecidos e oprimidos, reconhecendo também o protagonismo dos leigos na missão da Igreja. As reuniões pós-conciliares, feitas ao longo das décadas de 1960 e 1970, na América Latina, contribuiu para que o Concílio reconhecesse a importância de recepcionar a pluralidade cultural e a religiosidade popular, entendendo que tais “brechas” eram efetivas na evangelização do continente.<sup>109</sup>

Na mesma década, durante o regime militar, o governo passou a operar na cultura no sentido de promover unidade e identidade nacional. Na época, Edison Carneiro, estudioso do folclore e militante do Partido Comunista Brasileiro, foi afastado do cargo de presidente da Campanha de Defesa do Folclore, contribuindo para o enfraquecimento do órgão. Após a sua saída, assumiu Renato Almeida, que por sua vez, articulou a permanência das ações, e trabalhou na criação do Dia do Folclore, instituído a partir da edição do Decreto nº 56.747, de 17/08/1965. Ainda no bojo dessas ações, foram realizadas as semanas de folclore em vários estados brasileiros, além da criação dos museus com a temática do folclore e da instituição de portarias especiais ditadas pelos órgãos oficiais de educação, incentivando as redes de ensino a participar das inúmeras comemorações.<sup>110</sup>

Os dados do cadastro apontam que a maior parte dos grupos de folia apresentam as décadas de 1960 e 1970 como seu ano de fundação. Do total de 1255, 221 folias existentes em Minas Gerais mencionaram esse decênio como período de surgimento, conforme pode-se observar no Gráfico 1.

---

<sup>109</sup> VILHENA, 2015.

<sup>110</sup> OLIVEIRA, 2010.



## Número de grupos criados por decênio

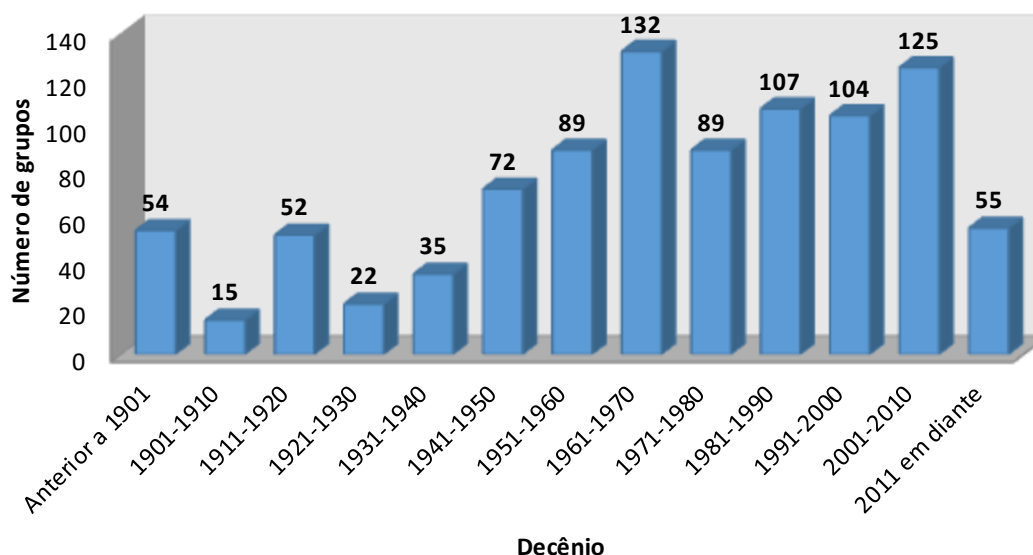
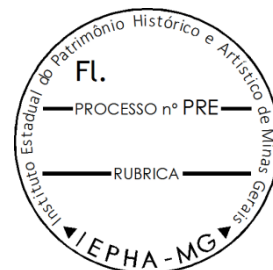


Gráfico 1: Grupos de grupos criados por decênio  
 Fonte: IEPHA-MG, Cadastro das Folias de Minas Gerais, 2016

Esse é o caso, por exemplo, Folia da Malhada Bonita, presente em João Pinheiro e fundada em 1960 e da Folia do Muquém, no município de Carvalhos, criada em 1966. É importante ressaltar, que a inauguração de uma folia ou bandeira é atemporal. Formar uma folia em determinada época não significa que as pessoas passaram a ser foliãs naquele momento, mas que ali se situou uma nova etapa, pois na maioria dos casos, esses grupos são resultado de promessas, dissensões, desejo de fundar uma folia, transmissão de responsabilidade, morte do mestre, momento em que, comumente, assume o filho, outro parente ou outros membros do grupo, entre outros. As pessoas que criam grupos, comumente, já possuem alguma relação com o universo das folias, seja acompanhando os pais quando crianças e/ou jovens, seja como devoto ou simplesmente como alguém que tinha o desejo de fundar sua própria folia, como a Folia de Nossa Senhora Aparecida do município de Berilo, fundada em 1966, cujo Mestre, Pedro Gonçalves, participante de



outras folias da região, sonhou com uma folia que se chamava Nossa Senhora Aparecida e a partir disso fundou sua nova folia.

Nessa época também há muitas folias que foram fundadas em fazendas, tal como o Terno de Reis Nhá Chica do município de Carmo de Minas, fundado em 1962, pelos colonos da região na fazenda do Sertão e a Folia de Reis Três Irmãos Estrela do Oriente, do município de Leopoldina, fundada em 1970, no Distrito de Abaiba na Fazenda Niágara. A Folia foi criada por irmãos e pelos demais funcionários que viviam na fazenda. De acordo com o histórico do grupo, atualmente, a folia está vivendo um período de desintegração que é atribuída ao êxodo rural, fenômeno social que vem diminuindo a população da zona rural. Em contrapartida, ou como consequência dele, existem também os grupos que se formaram na zona rural e hoje fazem seus giros nas áreas urbanas, como é o caso da Folia de Santos Reis Grão Mogol do município de Grão Mogol, fundada em 1966, quando o mestre Seu Juca deixou a zona rural para morar na cidade. O histórico do grupo diz que apesar de ter perdido alguns personagens com o passar do tempo, a folia se empenha para manter a tradição.

Sobre esse período, podem-se inferir dois argumentos. Primeiramente, levanta-se a hipótese de que o surgimento de muitos grupos de Folia nessa época se deu pela própria conjuntura política já mencionada. Infere-se, assim que devido às especificidades do contexto de alto estímulo às práticas tradicionais, muitos grupos de Folia podem ter se originado dessa efervescência. Por outro lado, o acentuado número de grupos concentrados entre os anos de 1961 e 1970 pode ser explicado pela dificuldade dos próprios foliões precisarem uma data específica de fundação. Há a possibilidade de que as respostas tenham sido dadas de forma genérica, ocasionando grande concentração de grupos nesse período. É comum que muitos grupos quando questionados sobre sua origem apontem como resposta “50 anos”, afirmativa essa que aponta a fundação do grupo próxima à década de 1960. Ter essa idade pode trazer certa legitimidade por ser um prazo de existência considerável em contextos em que o tempo é fator de poder, mas pode

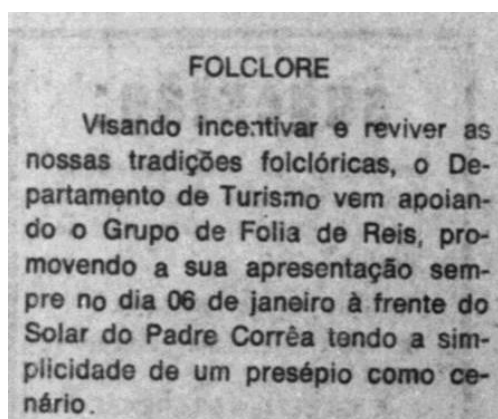
apontar também para os limites que a memória dos atuais integrantes consegue recuar no tempo valendo-se de certa segurança.

No contexto dos anos de 1970, ainda permanecia forte a Semana do Folclore, e as atividades e apresentações promovidas por diversas instituições interessadas na cultura popular. Uma breve pesquisa nos Jornais Folha de São Paulo, Estado de São Paulo, O Globo, Estado de Minas e em Jornais municipais como A Gazeta Sabarense, Tribuna de Lavras e Lavoura e Comércio, de Uberaba, revela uma enorme quantidade de reportagens, notícias, notas e inclusive editoriais sobre folias e sobre os festivais que começaram a acontecer no período, conforme pode-se observar nos recortes abaixo, que trazem informações sobre o primeiro Festival Regional de Folia de Reis de Uberaba, em 1978 e outro em que apresenta que o Departamento de Turismo de Sabará, em 1979, está apoiando o Grupo de Folia de Reis.



**Figura 16:** Nota sobre o 1º Festival Regional de Folia de Reis de Uberaba - Lavoura e Comércio - 1978

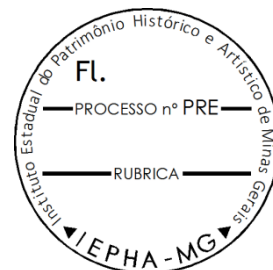
**Fonte:** Acervo da Biblioteca Nacional



**Figura 17:** Informações sobre apresentações folclóricas em Sabará - MG - A Gazeta Sabarense - 1979

**Fonte:** Acervo da Biblioteca Nacional

Ao longo dos anos as folias mantiveram suas práticas, conservando sua variedade de rituais, porém em constante processo de reinvenção e acréscimos de novos significados



surgidos a partir das demandas sociais e dos contextos aos quais estão inseridas. Nessa dinâmica, os grupos experimentam a aceleração do tempo, resistindo ao enfraquecimento das tradições em um processo de contínua e permanente interação com as mudanças da sociedade.

Sobre a concentração dos grupos entre os anos 2001 e 2010, uma das hipóteses ventiladas se refere aos processos político-históricos iniciados no final da década de 1970 que entre outras coisas culminaram no Decreto Federal 3551/2000 que instrumentaliza a política nacional de patrimônio imaterial, assim como o Decreto Estadual 42.505/2002.<sup>111</sup> Primeiramente, destaca Márcia Sant’Anna que ao longo dos anos 70 e princípio dos 80, várias recomendações internacionais foram divulgadas pela UNESCO com objetivo de apontar noções mais dilatadas de patrimônio cultural, para além da arquitetura erudita e do conjunto urbano de valor excepcional, no sentido da proteção de lugares definidos como “reservas de modos de vida”, “das criações anônimas surgidas da alma popular” e, também, “das obras materiais e não materiais que expressam a criatividade do povo”.<sup>112</sup>

Nesse período, de 1979 a 1982, esteve à frente do Centro de Referência Cultural e da Fundação Nacional Pró-Memória Aloísio Magalhães inaugurando a fase “moderna” do órgão culminando em um novo direcionamento político para o patrimônio cultural brasileira.

Se baseando no projeto de Mario de Andrade, Aloísio Magalhães amplia a noção de patrimônio cultural se baseando na perspectiva de “bens culturais”. Sob essa expectativa, diferentes formas de produções culturais como arte e arquitetura popular; diferentes tipos de artesanatos; religiões populares; culturas étnicas; esportes; festas populares, entre outras expressões, passam a ser valorizadas e opostas a denominada “alta cultura”. Paralelamente ao interesse do Estado de circunscrever um universo de bens culturais que legitimassem a “existência” da nação, surgiam também, novas motivações por grupos

<sup>111</sup> BRASIL, 2000. MINAS GERAIS, 2002.

<sup>112</sup> SANT’ANNA, 2001, p. 153.

sociais diversos, que buscavam a partir da preservação de “lugares da memória” em reconhecimento de direitos.

Entre as mudanças institucionais do período se destaca a criação, no final dos anos 70, a área Etnias e Sociedades na Fundação Nacional Pró-Memória, que em 1982 torna-se responsável pela grande ruptura de um conservadorismo que imperava nas políticas culturais nacionais com o tombamento do Ilê Axé Iya Nassô Oká, Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho, localizado em Salvador – BA.<sup>113</sup>

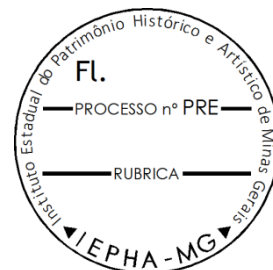
O reconhecimento do “povo” e suas práticas, não somente como objeto de estudos, mas também como coautores foi traduzida, a partir de 1980 no discurso oficial como necessidade de “efetiva participação da comunidade nas decisões e no trato dos problemas afetos à população e à preservação cultural”.<sup>114</sup> Fonseca (1996) afirma que a recepção desse discurso, muito mais que efetivação de uma prática, é evidenciada na elaboração da nova Constituição Federal, promulgada em 1988, com os artigos 215 e 216 que trazem essa marca. No entanto, fato imprescindível e que será tema de diversos desdobramentos nos anos seguintes se relaciona a importância da incorporação de conceitos e princípios a uma prática discursiva, faz-se necessário criar instrumentos para efetivação desses direitos. Fato que viria a ser efetivado somente nos anos 2000 com a homologação do Decreto 3551/2000 que trata especificamente da temática do patrimônio imaterial.

Como decorrência do contexto apresentado, observa-se ao longo dos anos de 1990 o fortalecimento no universo das práticas culturais tradicionais que, em muitos casos, passam a ser relacionadas à identidade nacional ou referendadas a uma produção regional. Dessa forma, pode-se apontar que esses desdobramentos tenham influenciado positivamente o cenário de diversos grupos populares de modo a, entre outras coisas,

---

<sup>113</sup> Vale ressaltar que o Terreiro da Casa Branca guardava certas particularidades ao se tratar de espaços populares, pois entre seus frequentadores encontravam grande parte da elite baiana e brasileira, ver Ordep Serra (2008).

<sup>114</sup> MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Diretrizes para operacionalização da política cultural do MEC. Brasília, 1981, p. 11. *apud* FONSECA, 1996, p. 156.



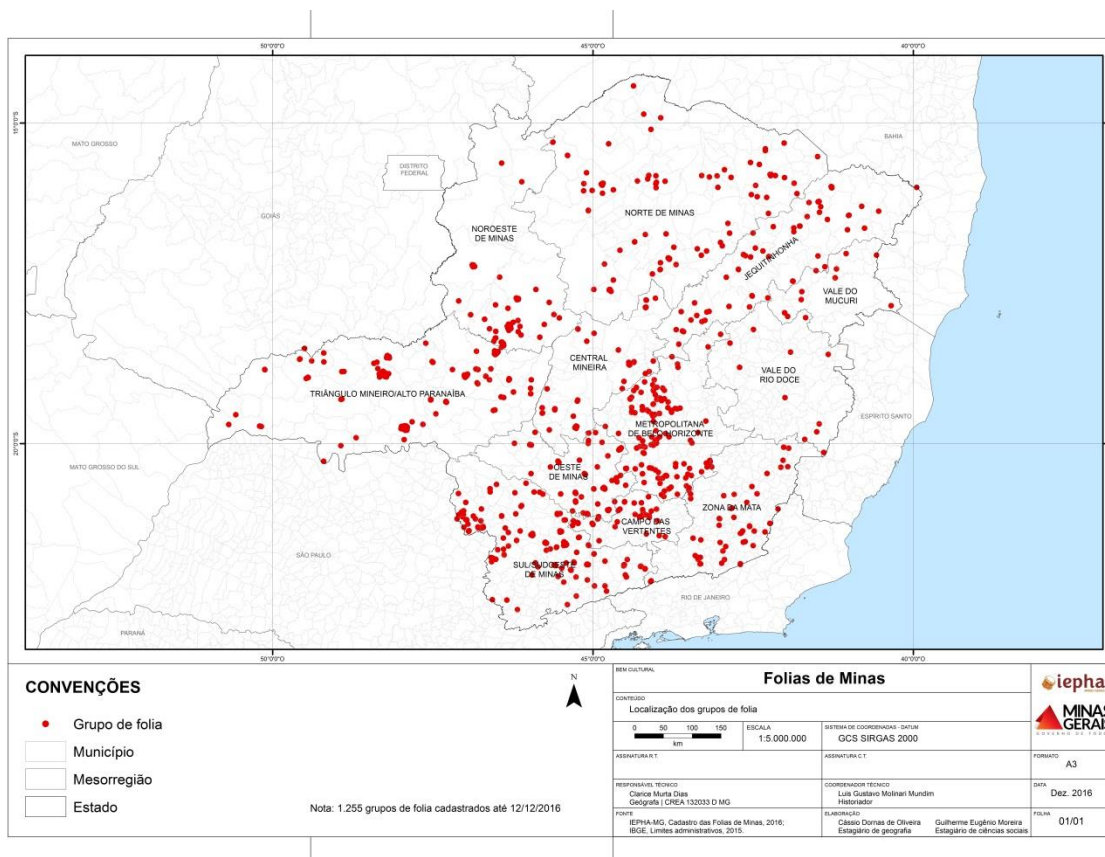
estimular indiretamente o crescimento do número de grupos de folias no estado de Minas Gerais.

Ainda hoje as folias se mantêm como uma lembrança frequente nas narrativas de quem já presenciou a manifestação, de quem é devoto e principalmente, dos seus praticantes. Tornando comum a narrativa de que a folia remete à infância, aos velhos tempos em que os familiares saíam pelas ruas, paramentados com suas violas, vozes e crenças para visitar as casas vizinhas cantando, levando bençãos e colhendo esmolas. Esse repertório de memórias individuais e coletivas, carregadas de afeto, saudade e fé, é constantemente alimentado pelo expressivo número de grupos de folias existentes em cada bairro, distrito e cidade mineira. A presença ainda pujante das folias contribui, portanto, de maneira significativa para a formação das identidades mineiras trazendo sentidos de pertencimento aos seus habitantes.

### 3. CARACTERIZAÇÃO GERAL DAS FOLIAS EM MINAS GERAIS

#### 3.1. Distribuição espacial e organização

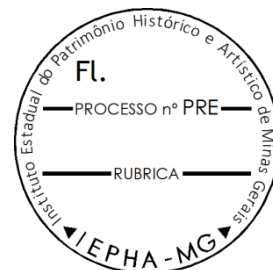
Assim como apresentado na introdução desse Dossiê, o projeto Inventário das Folias de Minas teve como objetivo central “identificar e inventariar os diversos grupos de Folias existentes em todas as mesorregiões do Estado de Minas Gerais”. Com base no Cadastro<sup>115</sup> realizado pelo IEPHA/MG, dos 853 municípios mineiros um total de 326 participou desse levantamento contabilizando 38,22% dos municípios do estado. Ao todo, 1255 grupos foram inscritos ao longo de seis meses de cadastro e, como se pode observar no mapa seguinte, Figura 18, estão dispostos da seguinte forma no território mineiro:



**Figura 18:** Mapa de localização das Folias de Minas.

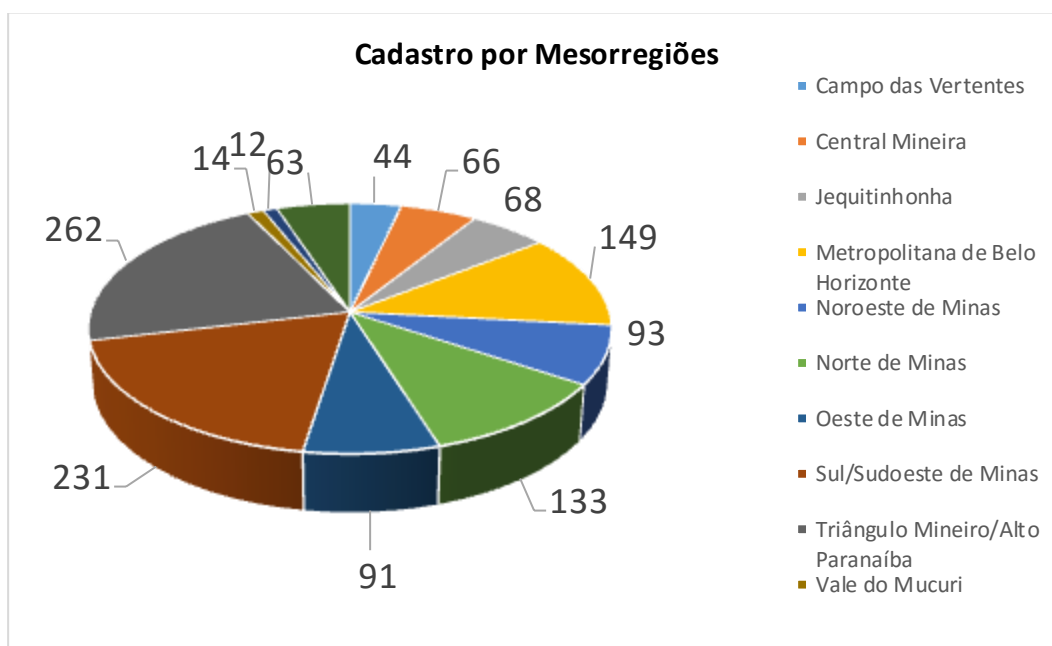
**Fonte:** IEPHA-MG, Cadastro das Folias de Minas Gerais, 2016

<sup>115</sup> IEPHA/MG. Cadastro das Folias de Minas. Belo Horizonte, 2016.



Com uma amostragem de aproximadamente um terço de todos os municípios, a distribuição dos grupos cadastrados demonstra a existência de folias em todas as mesorregiões do território mineiro, fator de extrema relevância no que tange a importância da prática como patrimônio cultural. Nota-se que regiões como o Vale do Rio Doce, porção superior do Noroeste de Minas, o Norte de Minas e o Vale do Mucuri apresentam, aparentemente, baixa densidade de grupos. No entanto, deve-se levar em consideração que esse relativo vazio de grupos em determinadas áreas pode não retratar a realidade local. Em certos casos, a inexistência de folias mapeadas pode se dar pela falta de vínculo dos grupos com as prefeituras locais, agente responsável por grande parte do cadastramento; dificuldade de acesso à informação, tanto por parte do poder local quanto pelos próprios moradores e foliões ou mesmo limitação da própria metodologia utilizada. Todavia, a distribuição de grupos observada no mapa anterior demonstra uma amostra relevante no que tange a realidade das folias em Minas Gerais captada no cadastramento.

No Gráfico 2 observa-se o quantitativo e a distribuição dos grupos cadastrados pelas mesorregiões de Minas Gerais.



**Gráfico 2:** Cadastro por mesorregiões.

**Fonte:** IEPHA-MG, Cadastro das Folias de Minas Gerais, 2016.



Com base na distribuição espacial do levantamento dos grupos de Folia em todo o estado, observa-se no mapa seguinte, Figura 19, grande concentração de cadastros em algumas áreas específicas das Mesorregiões mineiras o que acarreta maior peso para as informações aqui trabalhadas. Entre aquelas com grande adensamento, nota-se uma faixa mais bem demarcada que perpassa a mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte descendo para o Oeste de Minas e Campo das Vertentes, concentrando-se em duas áreas do Sul/Sudoeste de Minas que demonstram coloração mais intensa. Por sua vez, pode-se observar adensamentos também no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba com alta concentração em direção ao Noroeste de Minas. No Norte de Minas, de forma mais isolada, é possível também notar áreas mais densas espalhadas por diferentes microrregiões.

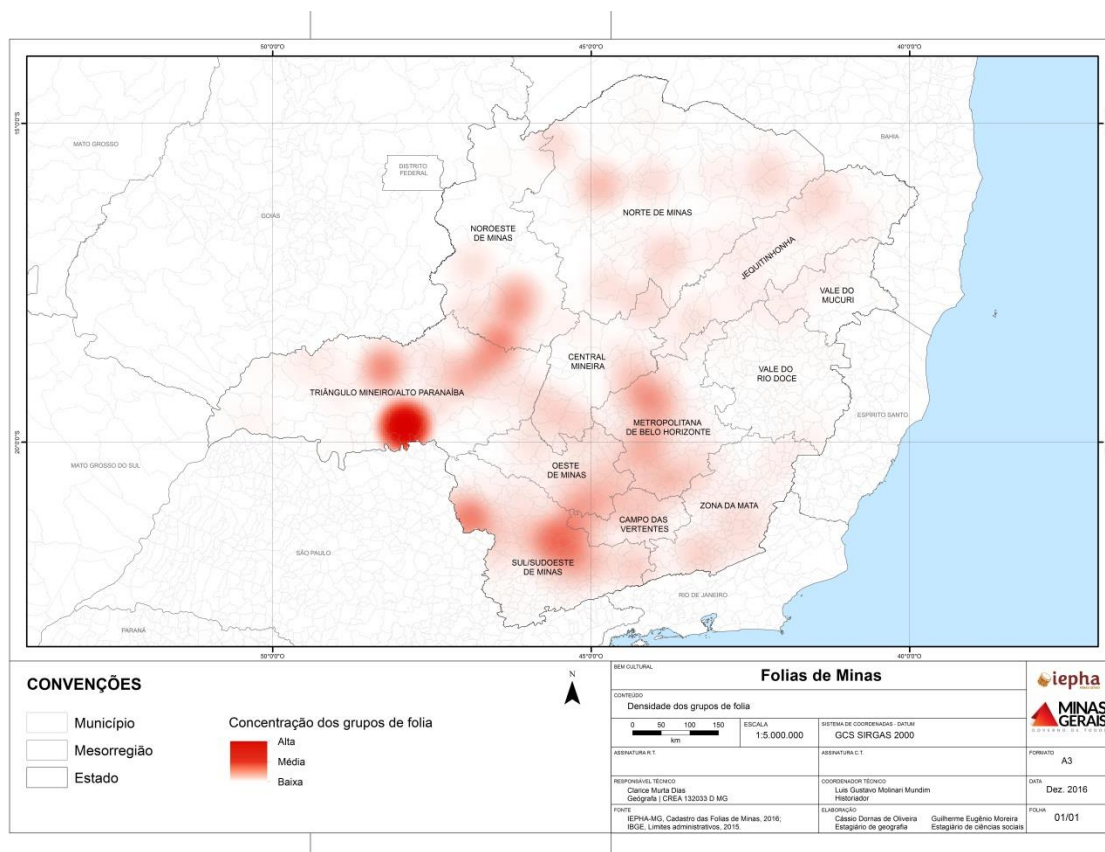
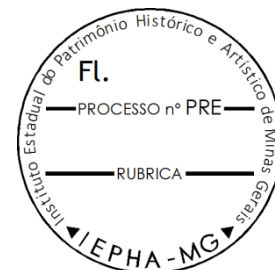
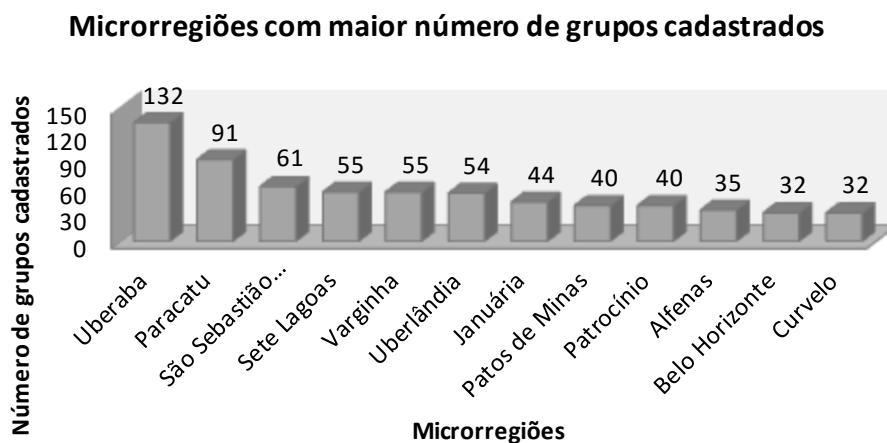


Figura 19: Mapa de densidade das Folias de Minas.

Fonte: IEPHA-MG, Cadastro das Folias de Minas Gerais, 2016



No Gráfico 3 é possível observar a disposição do número de grupos cadastrados em relação à sua microrregião de origem.

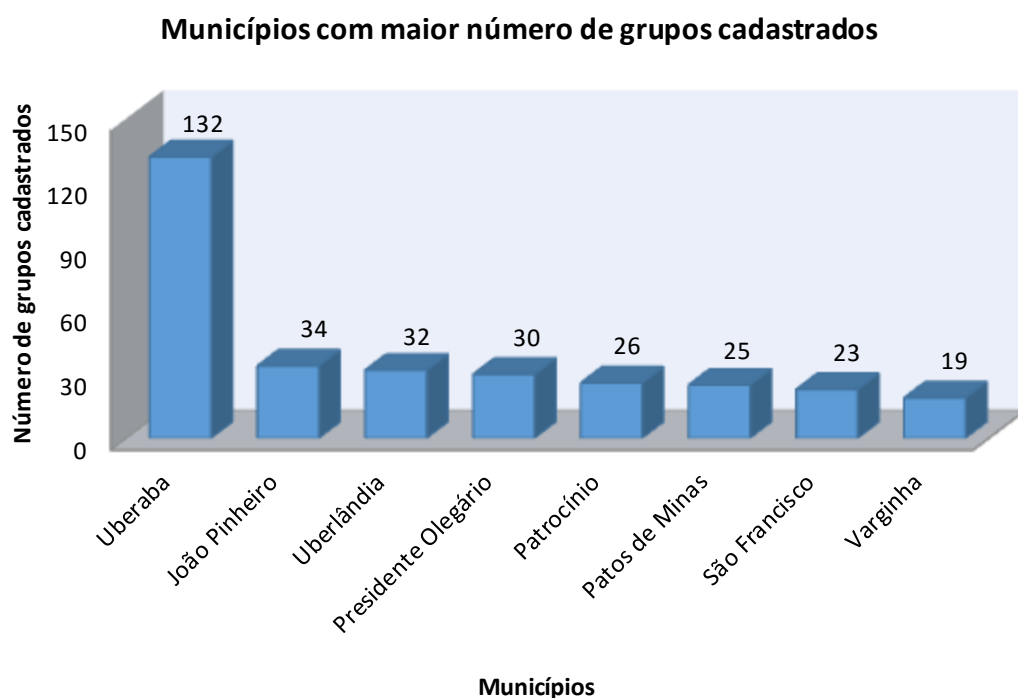


**Gráfico 3:** Cadastramento por microrregião em Minas Gerais.

**Fonte:** IEPHA-MG, Cadastro das Folias de Minas Gerais, 2016

Com base nessas informações, se observa que a maior concentração de grupos de folia se deu na mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba somando-se um total de 289 grupos inscritos, com destaque para as microrregiões de Uberaba com 132 grupos, Uberlândia 54 grupos, Patrocínio e Patos de Minas, ambas com 40 grupos. Grande concentração também se observa no Sul/Sudoeste de Minas com aproximadamente 232 grupos inscritos. Destaque para as microrregiões de São Sebastião do Paraíso com 61 grupos e Varginha com 55 grupos. Na mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte concentra-se um total de 149 grupos. Destaque para a microrregião de Sete Lagoas com 55 grupos, Belo Horizonte com um total de 32 grupos. Apesar de não parecer tão evidente, o Norte de Minas é a quarta mesorregião com maior concentração de grupos de Folia em Minas Gerais com um total de 132 grupos cadastrados, muitos deles localizados na microrregião de Januária e Salinas com 44 e 24 grupos respectivamente. Outra mesorregião que guarda um expressivo número de grupos de folia é o Noroeste de Minas com 93 grupos. Nessa porção do território do estado a maior concentração está vinculada à microrregião de Paracatu com 91 grupos de folias.

No que se refere à concentração de grupos por municípios, é possível observar, com base no Gráfico 3, que Uberaba, no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, possui uma expressiva quantidade de grupos de folia com um total de 132 grupos, ou seja, dos 1255 grupos cadastrados, cerca de 10,52% estão nessa localidade. Os demais municípios que demonstraram grande concentração de grupos foram João Pinheiro e Presidente Olegário, localizados no Noroeste de Minas, com 34 e 30 grupos, respectivamente; Uberlândia e Patos de Minas, ambas no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, com 32 e 25 grupos, respectivamente; e Patrocínio, situado na Zona da Mata, com 26 grupos cadastrados.

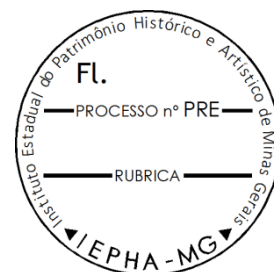


**Gráfico 4:** Municípios que realizaram o maior número de cadastramento.

**Fonte:** IEPHA-MG, Cadastro das Foliás de Minas Gerais, 2016

### 3.1.1. Devoção e organização dos grupos de folia

Com base nas informações levantadas, tanto no cadastramento quanto na literatura pesquisada, percebeu-se grande multiplicidade devocional dos grupos de folia de Minas Gerais. A devoção a determinado santo é o que estrutura a organização de um grupo e compõe todo seu universo simbólico, influenciando assim em suas atividades rituais. Ao



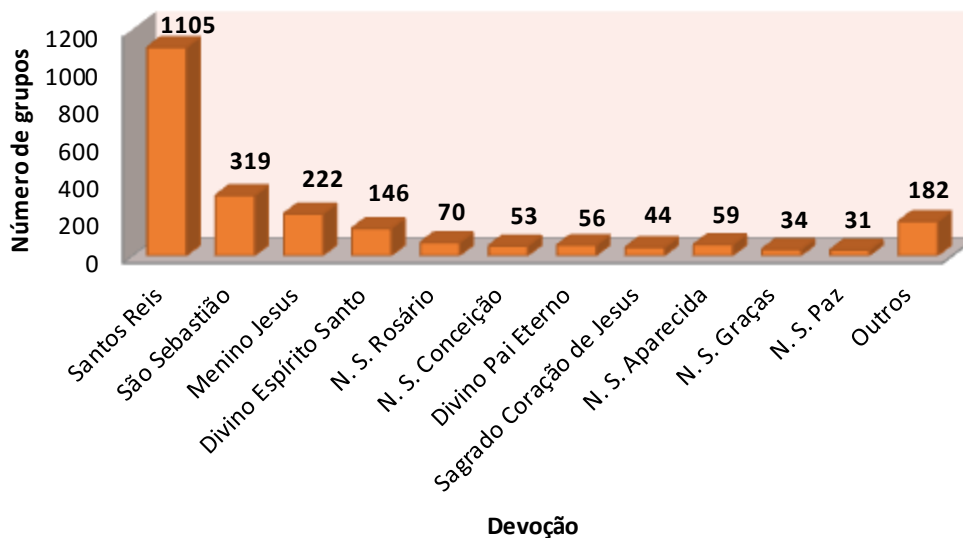
todo, foram contabilizados mais de 50 diferentes tipos de devoções às quais os fiéis recorrem, entre outros motivos, com o objetivo de pagamento de promessa. A adoração aos Três Reis Magos apareceu em 1105 grupos de um total de 1255 cadastrados, ou seja, 88,05% das folias saem entre o final de dezembro do dia 24 para o dia 25 onde se comemora o nascimento de Jesus e início de janeiro, dia 06 onde se comemora o dia de Santos Reis. Nota-se que tanto o culto aos Santos Reis quanto o culto ao menino Jesus, que contabiliza 222 grupos ou 17,69% da amostra, tendem a ocorrer no mesmo período. Pode variar também de acordo com a região e o grupo responsável pela celebração. Existem folias que iniciam suas atividades no início de dezembro estendendo até dia 06 de janeiro e há àquelas que dão inícios às obrigações a partir do dia 01 de janeiro. Alguns grupos estendem sua jornada até o dia 20 de janeiro, período que se comemora o dia de São Sebastião. Todavia, há grupos que paralisam suas atividades no dia 06 de janeiro e retomam os trabalhos 03 ou 09 dias antes de 20 de janeiro.

Muito expressivo em Minas Gerais, o culto a São Sebastião contabilizou um total de 319 casos ou 25,42% dos grupos cadastrados. Outra adoração muito relevante no cadastramento foi em relação ao Divino Espírito Santo com 146 grupos inscritos, somando um total de 11,63% do cadastro. As folias que celebram o Divino estão comumente associadas ao Domingo de Pentecostes, data móvel do calendário católico, comemorada cinquenta dias após o Domingo de Páscoa, mais precisamente no sétimo domingo após a data que celebra a ressurreição de Jesus Cristo.

Em menor escala, mas não menos importante, foi possível verificar também o culto ao N. S. Rosário, N. S. Conceição, Divino Pai Eterno, Sagrado Coração de Jesus, N. S. Aparecida, N. S. Graças, N. S. Paz, entre outros, como santos de devoção. Sobre esse aspecto é importante pontuar que mesmo tendo um determinado santo de devoção os grupos realizam entre dezembro e janeiro o culto aos Santos Reis. No entanto, guardam nos padroeiros a principal referência para culto. Como exemplo o caso de determinados grupos do

município de São Francisco que tem entre os santos de devoção a Bom Jesus<sup>116</sup>. Apesar de saírem em dezembro para homenagear os Reis Magos, é em agosto que ocorre umas das principais celebrações do grupo, a festa para Bom Jesus. Outra variação que está vinculada ao tipo de santo de devoção e ao período de celebração é em relação às promessas. Apesar de terem ocasiões específicas para saírem em jornada, muitas folias realizam visitas às casas dos fiéis que necessitam pagar determinada promessa, isso pode ocorrer durante quase todo ano, com exceção do período de quaresma. Essa dinâmica pode ser observada no Gráfico 5, todavia, é importante ressaltar que esses números devem ser relativizados, pois há muitos grupos que louvam mais de um santo e cumprem suas obrigações enquanto fiéis em diferentes momentos do ano.

### Devoção declarada pelos grupos cadastrados

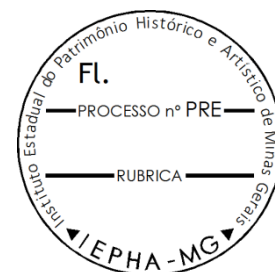


**Gráfico 5:** Devoções declaradas.

**Fonte:** IEPHA-MG, Cadastro das Folias de Minas Gerais, 2016

Tratando-se da organização das folias pesquisadas, nota-se que o número de integrantes vinculados aos grupos cadastrados possui expressiva variação oscilando de 04 a 80

<sup>116</sup> Conforme mencionado anteriormente no Item 2 – Referências Históricas, esse é um fato comum na região.



indivíduos. Importante ressaltar que muitos desses grupos ao saírem para desenvolver seus trabalhos ritualísticos contam com a ajuda de uma série de devotos, onde muitos deles acabam por constituir uma espécie de rede de auxílio. Por outro lado, há aqueles grupos que contam com dezenas de pessoas, muitas delas familiares que participam da folia. Todavia, vale ressaltar que independente do número de participantes o mais importante é que o grupo tenha condições de desenvolver todas as etapas rituais que estão vinculadas ao pagamento de promessas. Daniel Bitter<sup>117</sup>, ao pesquisar grupos de folia no Rio de Janeiro, aponta que em seus levantamentos, as folias eram constituídas por uma média de 15 pessoas, muito embora, pontua o autor, alguns foliões apontaram ser o número 12 o correto, por remeter simbolicamente aos apóstolos que acompanharam Jesus. Sobre número de indivíduos que compõe uma folia, Ricardo Pereira explica essa variação de acordo com as demandas encontradas no fazer dos próprios grupos:

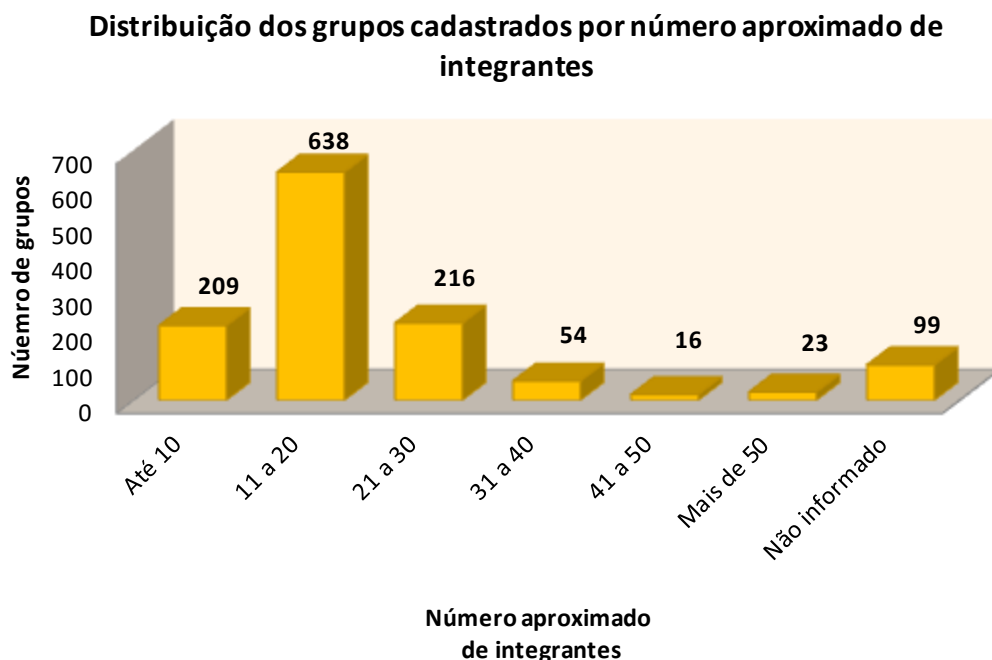
*Geralmente são oito, mas sempre tem doze, nove, porque uma pessoa cansa, uma voz cansa e nós não tem um pra substituir, tem outros que só tocam instrumento, vai acompanhando, porque o importante da Folia é o grupo, é a união, não é somente os que estão cantando. Tem um que vai lá só pra tocar, mas ele já ajuda, carrega uma sanfona, carrega uma caixa, que é pesado... são geralmente de onze a dez, de dez a onze, mais ou menos[...]*<sup>118</sup>

No próximo Gráfico 6, observa-se uma amostra de como os grupos cadastrados estão distribuídos em Minas Gerais em relação à quantidade de integrantes.

---

<sup>117</sup> BITTER, 2008.

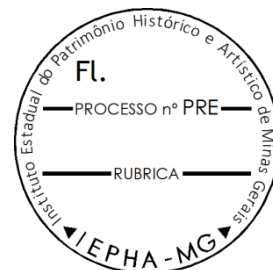
<sup>118</sup> ARCANJO, José Francisco; PEREIRA, Ricardo. Folia de Minas. [02 de junho de 2016]. Uberlândia. **Projeto Folia de Minas**. IEPHA-MG Entrevista concedida a Débora Raiza Carolina Rocha Silva.



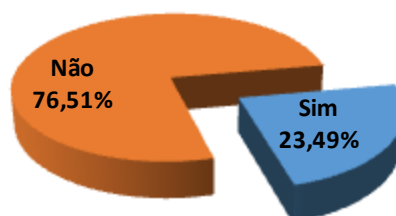
**Gráfico 6:** Distribuição dos grupos por número aproximado de integrantes.

**Fonte:** IEPHA-MG, Cadastro das Folias de Minas Gerais, 2016

Nota-se que dos 1255 cadastros, a grande maioria dos grupos possuem entre 11 e 20 membros efetivos, 638 folias, ou seja, 50,84% de todo o universo de pesquisa. Um total de 209 grupos, 16,65%, opera com uma faixa de até 10 integrantes. Aproximadamente 216 grupos, um total de 17,21%, são compostos por até 30 pessoas e os grupos que possuem mais de 40 membros não ultrapassaram 3,11% do total de cadastrados. Ressalta-se que, entre as pessoas que integram essas folias foi possível observar que, apesar de haver uma predominância de homens adultos, a participação de mulheres e crianças é bastante expressiva.



### Percentual de grupos com sede ou associação?



**Gráfico 7:** Percentual de grupos com sede ou associação.

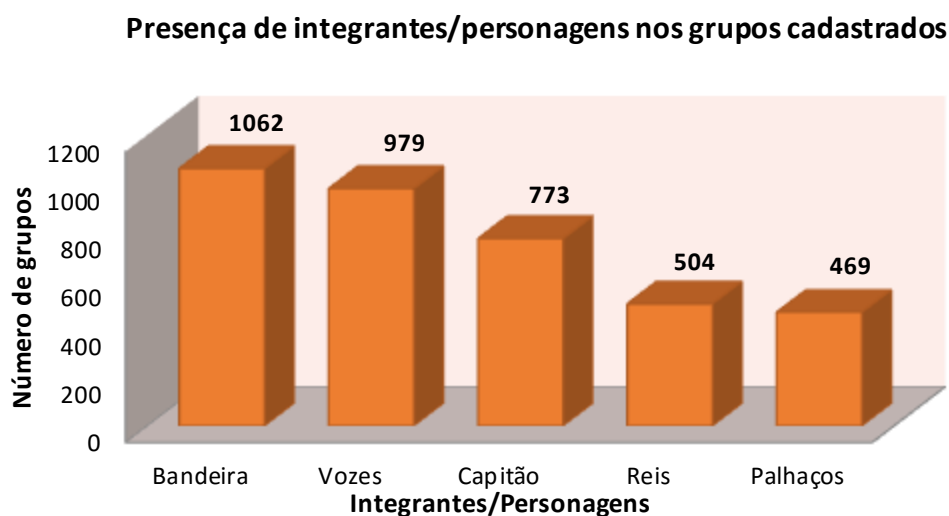
**Fonte:** IEPHA-MG, Cadastro das Folias de Minas Gerais, 2016

Do total de grupos mapeados, 925 ou 76,51% não estão vinculados a algum tipo de associação formalizada, enquanto 284 ou 23,49% possuem associação institucionalizada. O fato demonstra que a organização desses grupos não passa necessariamente pela esfera legal, mas provavelmente por formas variadas de arranjos, como organizações comunitárias e/ou familiares.

Nesse sentido, muitos deles possuem dificuldades de precisar assertivamente quanto ao início e ano de fundação do seu grupo. É comum atribuir a origem dos grupos às promessas realizadas por parentes com o objetivo de atingir algum benefício ou agradecer alguma conquista. Por outro lado, muitos grupos surgiram pelos mais diversos estímulos. Como, por exemplo, os grupos que surgem do encontro de foliões de diferentes regiões que passam a morar próximos e a partir disso se organizam e montam uma nova folia.

Um dos desdobramentos do atual levantamento foi identificar os principais elementos simbólicos que integram os grupos de folia. Dessa forma, levou-se em consideração as categorias mais referendadas no cadastramento. Como apresentado no gráfico seguinte, entre o complexo e rico cenário que constitui o universo dos grupos de folia, os itens de maior relevância apontados pelos inscritos foram, primeiramente, a bandeira com 1062 ocorrências, as vozes com 979 respostas, a figura do capitão com 773, os personagens dos próprios santos Reis com 504, e os palhaços com 469.





**Gráfico 8:** Bens mais referendados.

**Fonte:** IEPHA-MG, Cadastro das Folias de Minas Gerais, 2016

Entende-se que a distribuição desses elementos simbólicos não se dá de forma equitativa em todo o estado. Existe uma expressiva variação em relação a cada região e até mesmo quais outros símbolos devem também ser levados em consideração.

Em todo o cadastramento a bandeira aparece como elemento bastante expressivo, mas, apesar de sua importância há que se relativizar certos entendimentos. Existem grupos que ao invés de utilizarem uma bandeira propriamente dita utilizam outro objeto denominado registro, como é o caso da Folia de Reis Mensageiros da Paz do município de Laranjal-MG. Por outro lado, há grupos que, quando saem em louvor aos Santos Reis, não fazem uso de bandeira, como em São Francisco/MG. Ao invés da bandeira, os grupos saem levando à frente do cortejo uma espécie de oratório. No caso desses grupos, a bandeira só é utilizada quando saem em culto a outros santos de devoção que não os santos Reis.

Os símbolos representados nas bandeiras também não seguem um padrão predefinido, podendo sofrer variações. Na Figura 20, observa-se a bandeira do grupo de Folia de Nossa Senhora das Dores de Itaguara/MG que tem a imagem da santa que dá nome ao grupo. No entanto, de acordo com o cadastramento, essa folia sai de 01 a 06 de janeiro, dia de Santos Reis, além de realizarem visitas para pagamento de promessa e em festividades à Nossa

Senhora Aparecida. Outros grupos possuem outras variações em relação aos símbolos que os representa e dos santos que mantem devoção.



**Figura 20:** Bandeira de Santos Reis – 34º Encontro de Foliás de Contagem/MG. Janeiro de 2016.  
**Fonte:** Acervo IEPHA-MG

Outra importante categoria que teve destaque no cadastramento foram as vozes. É por meio dessa linguagem que as narrativas ritualísticas são emanadas e códigos são trocados entre foliões, fiéis e o sagrado. Nesse contexto, o capitão, conhecido também como embaixador, guia ou cabeça de folia, aparece como terceiro elemento mais referendado. O cargo de capitão é o mais alto na hierarquia da folia e é ele o responsável por saber conduzir todo o grupo em suas peregrinações a partir das narrativas cantadas.



**Figura 21:** Bandeira de Santos Reis – 34º Encontro de Folias de Contagem/MG. Janeiro de 2016. **Fonte:** Acervo IEPHA-MG

No Gráfico 8, Reis e palhaços figuraram logo na sequência depois do capitão. Nota-se que em muitos grupos os palhaços, conhecidos também como bastiões ou marungos<sup>119</sup>, além de outros significados, dentro das narrativas fundadoras das folias de reis representam os três Reis Magos. Todavia, há grupos que fazem distinção entre esses dois tipos de personagens. Observa-se na Figura 21, três palhaços que nesse contexto específico representam os três Reis Magos.

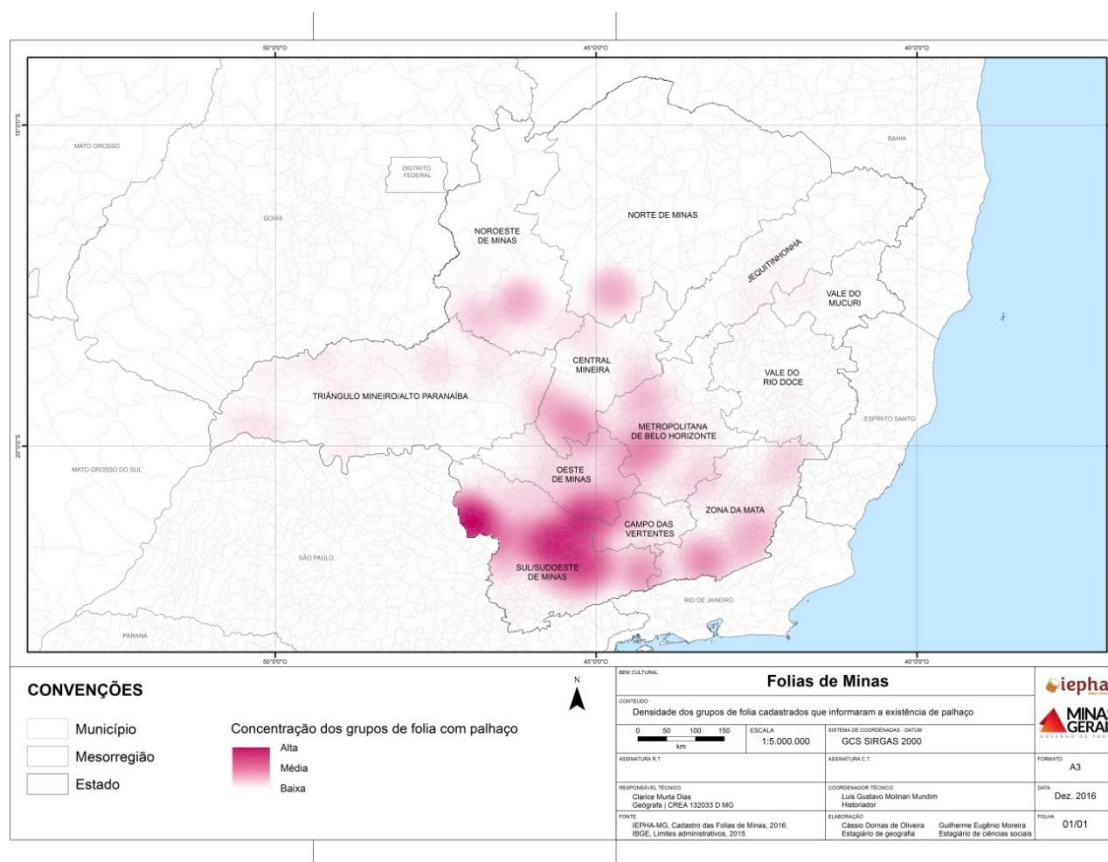
---

<sup>119</sup> De acordo com os dados obtidos no cadastramento, o termo marungo é recorrente nas mesorregiões do Sul/Suldoeste de Minas, Campo das Vertentes, Oeste de Minas e no Norte. Este último com apenas um caso.



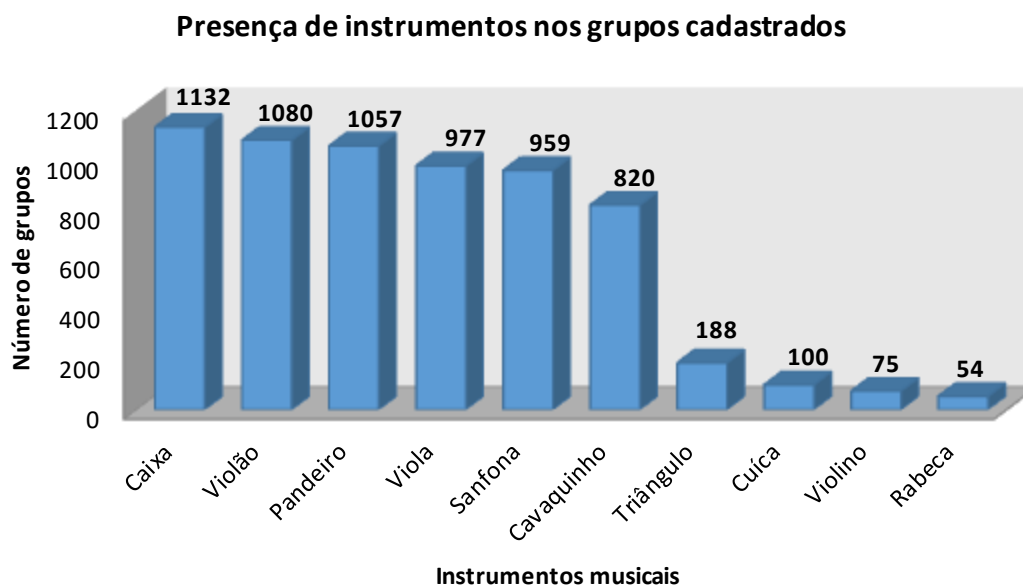
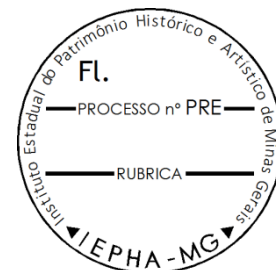
**Figura 22:** Três palhaços – Encontro de Folia de Reis da Quinta do Sumidouro – Pedro Leopoldo/MG. Julho de 2016. **Fonte:** Acervo IEPHA-MG.

Necessário ressaltar que, em relação aos palhaços, a maior concentração do Cadastro se deu no Sul/Sudoeste de Minas, Campo das Vertentes, Central Mineira, Oeste de Minas e uma expressiva faixa na Metropolitana de Belo Horizonte, como se pode observar na Figura 19. Já em outras regiões, apesar de ser comumente conhecido, a presença dos palhaços é expressivamente menor, como é o caso do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, Jequitinhonha, Vale do Rio Doce, Vale do Mucuri e Norte de Minas, com exceção da microrregião de Pirapora onde há ocorrência de onze grupos que mantêm o palhaço como um dos personagens principais.



**Figura 23:** Concentração dos grupos de folia com palhaço. **Acervo:** IEPHA-MG, Cadastro das Folias de Minas Gerais, 2016

Os instrumentos musicais, conjuntamente com as vozes, destacam-se também como sendo importantes elementos utilizados na composição do universo das folias de Minas. No gráfico seguinte, pode-se analisar os principais instrumentos utilizados pelos grupos pesquisados.



**Gráfico 9:** Presença de instrumentos nos grupos cadastrados. **Fonte:** IEPHA-MG, Cadastro das Folias de Minas Gerais, 2016

Nota-se que entre os instrumentos mais utilizados estão as caixas de folia (tambor grave), seguidas pelo violão, o pandeiro, sanfona e cavaquinho. Os demais aparecem de forma esporádica. Entretanto, existem determinados instrumentos que possuem maior significância local, como é o caso da rabeca na mesorregião Norte de Minas. Com base nas informações obtidas com o cadastramento e a partir das informações coletadas nas entrevistas realizadas, observa-se que os instrumentos citados, além de serem os mais utilizados, complementam o conjunto de vozes que habitualmente constitui a estrutura vocal de um expressivo número de grupos de folias em Minas Gerais. Vale ressaltar que, em muitos casos, os foliões mantêm ligação sistemática entre o instrumento tocado, a voz a qual é responsável e o cargo que ele ocupa. Dessa forma, instrumentos e vozes compõem a estrutura hierárquica dos grupos em questão.

### 3.2. Entre transformações e permanências

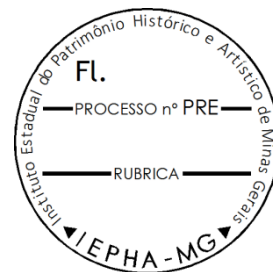
A capacidade de se reinventar, de se apropriar do que há de novo e de ressignificar elementos antigos, dinamizando as práticas culturais, é o principal fator de permanência

do que comumente chamamos tradição. Nessa mesma perspectiva, observa-se que a dinâmica e variação no modo de organização e construção nas folias de Minas Gerais é algo marcante. É por meio da capacidade de se adaptar às demandas vivenciadas ao longo dos anos que essas organizações conseguem se manter atuantes perpassando décadas e até mesmo séculos. Em muitos sentidos, a capacidade criativa em questão está vinculada a um processo de resistência frente a forças hegemônicas que entram em choque com essas práticas. Sobre esse aspecto, como já pontuado no Item 2 – Referências Históricas pode-se citar as repressões às celebrações do Divino no século XIX e a manutenção dessas práticas sustentadas pelos grupos sociais vinculados a essa devoção. Sobre a continuidade de práticas tradicionais, Mônica de Carvalho destaca que é a capacidade de dinamização desses coletivos o principal elemento que viabiliza sua permanência. Ainda afirma que não se pode considerar a manutenção da cultura tradicional como mera sobrevivência do passado, mas remeter seu significado aos contextos mais abrangentes do universo social que estão inseridos.

Assim, ao tratar sobre os espaços onde esses grupos se manifestam enquanto celebração é necessário chamar atenção para o fato de que esses locais devem ser pensados não única e exclusivamente em relação às casas dos devotos que estão inseridas no ciclo de visitas, mas sim dentro de contextos mais amplos levando em consideração a complexidade e dinamicidade desses lugares e suas sociabilidades. Fato marcado no discurso dos grupos são as dimensões rurais e urbanas que influenciam diretamente a prática em questão. Carlos Rodrigues Brandão pontua que “o lugar de origem brasileira das folias de Santos Reis são as comunidades camponesas”. No entanto, demonstra o autor que já na década de 1980 há um expressivo número de grupos em grandes metrópoles como Rio de Janeiro, São Paulo e Goiânia. Ampliando essa perspectiva para os demais grupos de folia e com base nos levantamentos realizados para esse Dossiê, observa-se que é nos espaços rurais a principal referência para os foliões.<sup>120</sup>

---

<sup>120</sup> BRANDÃO, 1981, p. 23.



Com base no Cadastramento e nas entrevistas realizadas, observou-se que muitos grupos contatados estavam localizados em áreas urbanas. Na Figura 19 é possível verificar que as regiões do mapa com coloração mais intensa refletem maior concentração de grupos. Apesar de não ter sido realizada uma categorização específica de classificação de grupos rurais e urbanos, é muito provável que os grupos mapeados estejam situados em contexto urbano. Contudo, mesmo concentrados em áreas urbanas, percebe-se que as folias aqui estudadas se caracterizam por práticas estruturadas a partir de uma perspectiva rural. Ao analisar a formação das folias fica claro que ao remeter ao passado do grupo os discursos sempre trazem à tona a relação com espaços interioranos, visto que, quando os grupos são formados nos centros urbanos, é comum que integrantes mais antigos participassem de folias em áreas rurais ou são filhos e netos de pessoas que lá viviam. Todavia, há casos em que determinada localidade se caracterizava por sua ruralidade, mas, com o crescimento dos grandes centros, essas áreas sofreram forte concentração populacional tornando-se áreas densamente ocupadas.

Compreende-se que a continuidade de uma lógica camponesa é manifesta no mundo dos foliões. Torna-se evidente que a manutenção de práticas tradicionais em camadas populares em centros urbanos não deve ser tratada por mera sobrevivência do passado. Em relação à capacidade criativa e renovadora da cultura Florestan Fernandes<sup>121</sup> destaca que àquelas pessoas que não foram “adestradas” para um estilo de vida urbano encontram na herança cultural tradicional condições adequadas à adaptação a um universo social demasiadamente complexo. Afirma o autor que a “sobrevivência” da cultura tradicional, mesmo que transitória, possui inegável importância adaptativa. Não se trata de uma mera fonte de “ilusões de segurança e ficções capazes de isolar o homem das forças sociais produtivas do ambiente”. Muito pelo contrário, a permanência das práticas tradicionais dá maior equilíbrio aos sujeitos responsáveis pela sua continuação, na medida em que “inserem e preservam, no ambiente tumultuoso da cidade, algo que dá amparo emocional e moral à sua personalidade”.

---

<sup>121</sup> FERNANDES, 2004, p. 27.



Tomando como exemplo as folias em Minas Gerais, tem-se nessa prática religiosa a fonte de um *ethos* que orienta a vida tanto dos foliões como daqueles inseridos nessa rede de significados.

Nota-se que, na busca de informações sobre o surgimento e organização dos grupos de folia, é muito importante atentar para os fluxos migratórios e origem dos foliões, pois todo o conhecimento empregado está vinculado às trajetórias individuais dessas pessoas gerando assim grande dinamicidade à prática. Na fala de Seu Antônio Carvalho – Folia Os Capela Nova de Betim-MG – fica claro essa questão:

*Nós formamos esse grupo aqui no Bairro Cachoeira, quando iniciou o bairro. Isso pra 42, 45 anos atrás. [...] Esse grupo nós tivemos algumas pessoas que vieram de outras cidades pra aqui que gostava também de folia. [...] Já eram foliões [...] uma família veio de Itatiaiuçu e essa família que veio de Itatiaiuçu a gente uniu com eles aqui e formamos a primeira folia, chamava Folia do Cachoeira. Depois ele faleceu, parou. O filho também parou, não seguiu, parou. O outro companheiro também faleceu, foram falecendo alguns do grupo e o estímulo acabou um pouco.*

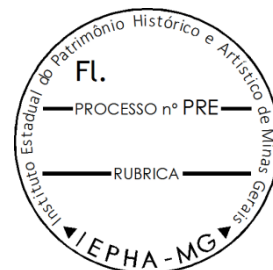
**Breno: Isso mais ou menos quando?**

*Ah, deve ter uns 25 anos atrás. Aí, nós resolvemo tocar o bonde para frente buscando um companheiro aqui e outro ali, no qual hoje nós temos 08 companheiro fiel, firme. Esses oitos a gente sai frequentemente. Tanto é que quando um não pode a folia nem sai porque faz falta.<sup>122</sup>*

As relações desenvolvidas durante as jornadas, período que os grupos saem em visita às casas dos devotos para pagamento de promessa, traduzem a proximidade entre fiéis e foliões, fato que se torna um desafio nas grandes cidades. Assim, pensar uma prática coletiva como as folias em centros urbanos é algo menos usual, pois a própria dinâmica desses espaços tornam-se barreiras a serem transpostas. Dessa forma, campo e cidade são

---

<sup>122</sup> CARVALHO, Antônio Pinto de; SIQUEIRA, Odorino Avelino. Folia de Minas. [31 de junho de 2016]. Betim. **Projeto Folia de Minas**. IEPHA-MG. Entrevista concedida a Breno Trindade, Débora Raiza Carolina Rocha Silva, Guilherme Eugênio e Renata Lopes.



lugares que interferem na condução da jornada e nas relações desenvolvidas entre os praticantes, como se pode observar na fala de Seu Antônio Congo de João Pinheiro:

*[...] De acordo com o bairro e o capitão e a turma. Porque se o bairro tiver muitas pessoas que aceitam, né?... nois não tem dificuldade pra/prá fazer muitas casas num dia, não. Você canta aqui o menino lá tá esperando a hora que né/a diferença só pula a rua, né, aqui ó (gesto balançando o indicador e demonstrando a alternância de ruas). Então, assim, nós já fizemos 35 casa num dia (). Porque é só pra lá e pra cá assim ó. Cê tá andando eles tá andando junto com você esperando você terminar e passar pra lá. Agora, quando a gente não tem bem conhecimento do bairro na cidade que for, as veiz a gente fica com receio de perguntar. Cê num sabe aonde cê vai e outra coisa se nois não tiver um guia - - que as veiz tem, né? - - as veiz cê vai perguntar a pessoa de outra religião num aceita. E com aquilo vai tomar nosso tempo. Mas, se for saindo daqui e entrando de lá, nois faz casa de mais por dia.*<sup>123</sup>

Percebe-se que nos espaços urbanos, muitas vezes, os foliões fazem visitas em regiões desconhecidas, fator que gera certas dificuldades para a jornada. Apesar do grande número de casas visitadas em áreas urbanizadas, os grupos de folia nem sempre conseguem desenvolver relações mais próximas com os moradores das casas que buscam visitar. Um dos fatores se dá pela própria forma que as relações interpessoais são construídas nos centros urbanos. Como demonstra Brandão, as folias nas cidades grandes “passam muito e param pouco”. O autor comenta que essa gente de herança camponesa canta para uma audiência já bastante esquecida das coisas da roça, ou canta para uma gente que nunca viveu algo próximo disso.<sup>124</sup>

Em contextos urbanos, alguns grupos traçam o roteiro das ruas do bairro e projetam passar por quase todas as casas. É muito comum não fazerem avisos antecipados, a não ser para alguns poucos amigos e parentes que estarão pelo caminho. No entanto, em muitos casos,

---

<sup>123</sup> SANTOS, Antônio Eustáquio dos. Folia de Minas. [20 de setembro de 2016]. João Pinheiro. **Projeto Folia de Minas**. IEPHA-MG. Entrevista concedida a Débora Raiza Carolina Rocha Silva, Guilherme Eugênio e Renata Lopes.

<sup>124</sup> BRANDÃO, 1981.

ao baterem nas portas anunciando a chegada do referido santo de devoção, não são recebidos, pois ao longo da jornada são muitas casas em que as famílias são evangélicas e não comungam desse tipo de fé. Nota-se que no Brasil, segundo censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre os anos de 2000 e 2010 houve um aumento de 61,45% do número de evangélicos. Esse crescimento, muitas vezes, impacta diretamente diversas práticas tradicionais, entre elas a própria folia, uma vez que é através das promessas e agradecimentos que o giro, principal elemento de existência da Folia, torna-se possível.

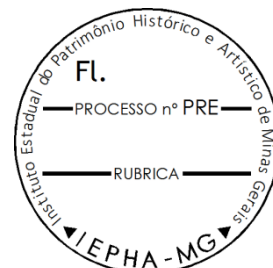
Em regiões mais interioranas, diferentemente da “cidade”, os foliões possuem outro tipo de identificação com o espaço e com os devotos que interagem. Apesar de cada vez mais escasso, ainda pode-se observar, nos circuitos de visitas realizadas em áreas rurais, os grupos fazerem o pouso<sup>125</sup>. Quando investidos nesse tipo de circulação, muitos grupos ao saírem para a jornada só voltam para casa após os sete dias de peregrinação. Muitos mestres afirmam que em um passado recente os foliões saíam no dia 24 de dezembro e só retornavam para suas casas no dia 06 de janeiro. Por todo esse período foliões percorriam enormes distâncias e faziam pouso em casas já pré-estabelecidas.

Devido às várias transformações inerentes à prática, pode-se observar que, ao contrário de foliões fazerem o pouso, são os instrumentos e a bandeira que são deixados na última casa visitada. Nesse caso, os foliões retornam às suas casas voltando no outro dia e reiniciando a jornada da casa guardiã dos objetos da folia. Em Uberaba-MG, quando questionado sobre se os grupos da região ainda fazem o pouso, Ricardo Pereira explica que:

*Não, mais/ mais é sair, sair de manhã geralmente, e a tarde o pessoal descansa, vão pras casas, que hoje em dia tem carro, tem tudo. Então deixa a bandeira com os instrumentos guardado nas casas que pedem. Primeiro a Folia chega e pergunta se pode deixar os instrumentos, se a Folia pode/se a bandeira pode pousar na casa, sendo autorizado, aí tem o ritual de benzeção no final, segue a cantoria, deixa a bandeira na casa e*

---

<sup>125</sup> O pouso é quando a última casa visitada acolhe a folia para que a mesma possa descansar de um dia para o outro.



*os foliões vão embora. No outro dia retorna, pega essa bandeira e continua com a cantoria naquele dia.*<sup>126</sup>

Com base nas informações obtidas ao longo da pesquisa, pode-se constatar que devido a própria dinâmica da cidade e conjuntamente com os processos de expansão urbana, as folias encontram muitas dificuldades para a manutenção de suas atividades. Entre elas, a indisponibilidade de participação dos foliões, pois muitos são empregados e não possuem flexibilidade em seus horários. Outro limitador é a dificuldade dos deslocamentos que muitas vezes necessitam serem feitos de carro e não mais a pé. Dessa maneira, as jornadas em áreas urbanas são construídas a partir de outra lógica.

A fim de superar determinadas barreiras muitos grupos desenvolvem mecanismos próprios. Certos grupos não saem durante todos os dias, concentrando as visitas nos finais de semana para não prejudicar o horário de trabalho daqueles que precisam cumprir expediente. Outros grupos preferem sair no período da noite, após o trabalho, estendendo as visitas até próximo das 23 horas. Nesses casos, há que se tomar cuidado para a não perturbação da ordem pública fato que direciona a extensão dos horários que a jornada irá ocorrer. Mesmo submetidos à outra perspectiva de espaço, os grupos de folia buscam lidar de forma criativa, como por exemplo realizando as visitas em condomínios e prédios.

A utilização de meios digitais para divulgação e organização do próprio grupo também é um artifício comum. Muitas folias possuem perfis em sites de relacionamentos e se utilizam de aplicativos em smartphones para facilitar a organização. Exemplo desse fato é a Folia de Reis de Santo Afonso de Betim-MG:

*Joaquim Alves: A gente toca até uma certa hora e atende aquelas casas que foram agendadas. Porque tem muito evangélico que mora na região que não recebe. Então, teve uma época que a gente saía, enfrentando*

---

<sup>126</sup> ARCANJO, José Francisco; PEREIRA, Ricardo. Folia de Minas. [02 de junho de 2016]. Uberlândia. **Projeto Folia de Minas**. IEPHA-MG. Entrevista concedida a Débora Raiza Carolina Rocha Silva.

*chuva e tudo, tocava e a pessoa não recebia, tocava em outra casa e a pessoa não recebia. A gente não sabia que era evangélico, né. Aí, foi onde a gente passou a adotar esse sistema de agendamento. Tem o telefone fixo do Osmar, as pessoas ligam, agendam com ele, a gente chaga lá. Tem dia que o pessoal liga lá em casa querendo saber onde que a gente vai tocar.*

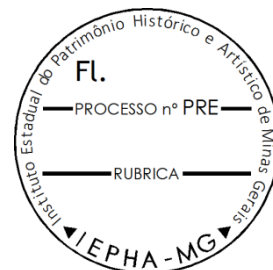
*Giovani: Inclusive fizeram o grupo de Whatsapp, Folia de Santo Afonso. Toda a agenda... o pessoal já manda mensagem: hoje vai pra onde? Aí, já sai distribuindo mensagem de Whatsapp de acordo com o que eles fizeram pra ele agendar.<sup>127</sup>*

Entre as diversas mudanças relativas à própria dinâmica dos grupos de folia de reis destacam-se os Encontros de Folia. Trata-se de um evento que pode ocorrer em qualquer período do ano e que tem como principal fundamento a apresentação “lúdica” das folias em um palco. Assim como demonstrado no item 2 – Referências Históricas, os primeiros Encontros em Minas Gerais datam dos anos de 1970. Nesses eventos, muitos grupos se exibem ao longo do dia dramatizando suas músicas e narrativas em adoração aos santos de devoção. Entretanto, alguns grupos não entendem os Encontros como espaços sagrados e os interpretam somente a partir do seu caráter festivo, sendo resistentes a participarem desse tipo de evento. Todavia, apesar das folias terem nas jornadas sua principal referência de atuação, outros grupos não entendem como problema a participação nos Encontros, pois seria impossível desvincular esses espaços do caráter sagrado que é inerente à própria prática.

Por mais espetaculoso que possa parecer, o principal idioma de diálogo entre os foliões tem como princípio os fundamentos religiosos que regem seus rituais. Ressalta-se que os praticantes inseridos nesse contexto possuem grande clareza na diferenciação desses espaços. Sabe-se com muita sapiência as condutas e os códigos relativos a cada empreendimento. Atualmente, os Encontros de folias se tornaram uma prática comum em

---

<sup>127</sup> BERNADETE; DINIZ, Joaquim Alvez; DINIZ, Osmar Gonçalves; OLIVEIRA, Giovani. Folia de Minas. [14 de setembro de 2016]. Betim. **Projeto Folia de Minas**. IEPHA-MG. Entrevista concedida a Breno Trindade e Guilherme Eugênio.



diversos municípios de Minas Gerais, com calendário fixo, formando circuitos de encontros programados e constituindo-se como referência para os foliões. Com o estabelecimento desses eventos, outras redes de sociabilidade se desenvolveram, assim como o espaço e o tempo ritual das folias foram ampliados, reformulando seus períodos de jornada ao frequentarem outras cidades, bairros e fazendas. Com o advento dos festivais e encontros, muitas folias passaram a girar praticamente o ano inteiro, exceto em alguns casos de grupos que não aprovam a participação em apresentações, ou periodicidades rituais, como por exemplo, a folia de Reis, que não circula na quaresma, ao passo que as Charolas de Nosso Senhor dos Passos fazem seus giros nessa data. Dessa maneira, os Encontros tornam-se importante mecanismo de divulgação e incentivo para a dinamicidade dos grupos. É também nesses eventos que foliões reafirmam suas diferenças, incorporam novos elementos estéticos e simbólicos e fortalecem seus laços sociais.<sup>128</sup>

Muitos desses encontros são promovidos pelo poder público, ou pelos próprios foliões. Em relação ao primeiro caso, nota-se que ao se envolver com os grupos de folia as prefeituras e demais representações políticas constroem uma relação anteriormente inexistente. Isso poderia implicar em um diálogo mais estreito com a esfera pública e a construção de uma agenda mais propositiva em relação a certas demandas enfrentadas cotidianamente pelos fiéis, o que de fato acontece em alguns municípios. No entanto, observa-se ainda expressiva dificuldade de muitos agentes do poder público em compreender as particularidades e formas de organização de grupos tradicionais. Um dos grandes riscos dessa relação se dá quando há utilização de manifestações tradicionais de forma espúria privilegiando somente seu caráter performativo e de entretenimento culminando em um processo denominado espetacularização da cultura, como demonstrado pelo antropólogo José Jorge de Carvalho.<sup>129</sup>

---

<sup>128</sup> Apesar de se constituir como casos isolados, há grupos de folia que são formados única e exclusivamente para participarem dos Encontros. Nesses casos, a formação não está vinculada a nenhum tipo de promessa e nem a nenhum tipo de tradição familiar. A união de pessoas para esse fim está relacionada principalmente à identificação com o tipo estético que essa manifestação está relacionada.

<sup>129</sup> CARVALHO, 2010.

Como notado ao longo do Cadastramento e com base nas entrevistas realizadas, observou-se que a configuração dos integrantes nos grupos de folia é algo fundamental para o bom entendimento dessa prática. A constituição de uma Folia é marcadamente de caráter patriarcal. No entanto, é notório, nos discursos dos foliões mais antigos, essa transformação nas últimas décadas. Nota-se que o número de mulheres participantes nos grupos e assumindo o protagonismo dentro de algumas folias é algo cada vez mais comum. O pesquisador Jadir M. Pessoa<sup>130</sup> relaciona os papéis femininos e masculinos com os espaços ocupados dentro da casa e nos espaços públicos. Ele aponta que a folia acontece em um lugar eminentemente masculino (salas, estradas, roçados, pastagens), espaços esses restringidos às mulheres. Por sua vez, Bitter<sup>131</sup> relaciona a divisão de tarefas realizada entre homens e mulheres nos preparativos da festa de encerramento do ciclo de visitas, onde às mulheres cabem coordenar os trabalhos da cozinha, como lavar, cortar e preparar os alimentos, também cuidam das fardas dos foliões, chapéus, toalhas e outros apetrechos. Já aos homens cabem serviços braçais, como transportar os materiais necessários para a festa, cuidar do espaço físico do evento, como suas instalações elétricas, hidráulicas, instalação da cozinha, entre outros.

Com base em Guilherme Porto, Gonçalves e Funari<sup>132</sup> demonstram em um passado recente que, de modo geral, não se admitia a presença de mulheres nas folias de reis. As exceções só sucediam quando havia ocorrência de promessas, quando a mulher era admitida como acompanhante, sem direito a cantar, nem tocar instrumento. A justificativa para a ausência de mulheres nas Folias de Reis se dava, pois:

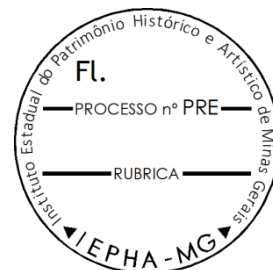
Os Reis Magos não trouxeram consigo suas esposas; se os foliões levassem mulher na folia, estariam deturpando o sentido da representação; também, diz outros, nenhuma mulher visitou o presépio de Jesus; admitir mulher entre os foliões, como participante, seria desviar o sentido da dramatização.

---

<sup>130</sup> JADIR PESSOA, 2005 apud GONÇALVES, 2010, p.11.

<sup>131</sup> BITTER, 2008.

<sup>132</sup> PORTO, 1982 apud GONÇALVES & FUNARI, 2010, p. 11.



Nessa perspectiva, observa-se uma divisão do que se entende por “serviço de homem” e “serviço de mulher”, cabendo às mulheres as obrigações voltadas à cozinha e a organização da festa. No entanto, nas últimas décadas, mesmo que timidamente, começa aparecer exceções à regra. É cada vez maior a participação de mulheres nos Encontros de folia ocupando cargos de rainha festeira, nas cantorias, como tocadoras de instrumentos e responsáveis por carregar a bandeireira. Em determinados grupos, as mulheres costumam dominar a “requinta” ou a sexta voz, subdivisão responsável por finalizar os versos emanando timbres mais agudos.

Gonçalves e Funari demonstram que, nos casos por eles pesquisados, algumas das mulheres que acompanham o giro, participam somente de uma parte da jornada porque na outra parte do dia devem cuidar da organização da casa e cumprir a responsabilidade delegada a elas que é a de nutrir a família e cuidar dos filhos. Afirma Gonçalves que “programar a alimentação, dividi-la, guardá-la para que sirva a toda família é uma responsabilidade e uma angústia própria às mulheres”<sup>133</sup>. Percebe-se então uma efetiva mudança em relação à participação das mulheres nos grupos de folias, no entanto, essa inserção se dá mediante algumas particularidades.

---

<sup>133</sup> Gebara, 2000, *apud*, Gonçalves, 2010, p. 12.



#### 4. DESCRIÇÃO DAS FOLIAS DE MINAS

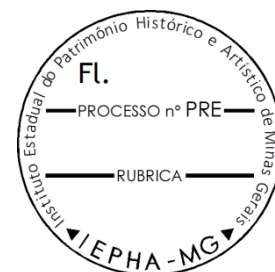
Optou-se nesse Dossiê por tratar as folias de Minas Gerais a partir da perspectiva de um sistema religioso. Tal fato está vinculado à necessidade de buscar uma melhor forma de lidar com a maneira como esses grupos se constituem e se organizam. O antropólogo Clifford Geertz<sup>134</sup>, ao definir cultura, demonstra que se trata de um conceito que denota um padrão de significados transmitido historicamente, incorporados em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida. Os símbolos sagrados utilizados nesse sistema funcionam para sintetizar o *ethos* de um povo, ou seja, a forma como existem no mundo. O autor aponta que a religião, compreendida como sistema cultural, ajusta as ações humanas a uma ordem cósmica imaginada e projeta imagens dessa ordem cósmica no plano da experiência humana.

É nesse sentido que se compreende o universo cultural das folias a partir de um sistema ético, composto pela devoção a um conjunto de santos católicos que por sua vez apresenta uma forma particular de comunicação, onde linguagens específicas são acionadas nos contextos rituais. A universalidade dos códigos dominados por foliões é evidente fazendo com que grupos de diferentes regiões estabeleçam diálogos rituais ao se encontrarem. Nessa perspectiva, as folias devem ser pensadas por meio das relações estabelecidas entre seus praticantes, suas divindades e as instituições que compõe uma rede de agentes que experienciam a vida, a partir de um modo singularizado de existência baseado em tradições herdadas de seus antepassados, sejam parentes ou mesmo divindades, como o caso dos Santos Reis. Trata-se de um sistema de relações que a cada período inclui e exclui novos e antigos termos alimentando a dinamicidade dessa produção cultural.

Dito isso e com base no que foi apresentado anteriormente, é notório que as folias identificadas em Minas Gerais possuem intermináveis variantes, tanto no que se refere ao

---

<sup>134</sup> GEERTZ, 2011, p. 66-67.



período em que os grupos saem para realização das visitas quanto à própria forma de organização social, ritualística e devocional. Empreender qualquer esforço de compreensão de um universo com tamanhas variáveis é desafiador e nos leva à necessidade de buscar orientação mais nos elementos comuns à prática do que em suas diferenças.

Desse modo, é possível perceber que o principal pilar de sustentação desses grupos é a fé e as promessas que foliões e fiéis depositam nos seus santos de adoração. É a partir desses dois elementos que todo o universo de trocas simbólicas é construído. Como exemplificado no capítulo anterior, apesar da multiplicidade dos santos adorados pelos grupos de folia, a celebração do nascimento de Jesus Cristo e a Epifania são períodos de grande importância que orientam as construções cosmológicas das peças envolvidas com essa prática. Ao analisar as peregrinações realizadas pelas folias de reis, Bitter<sup>135</sup> demonstra que esses grupos procuram reproduzir a viagem mítica do Oriente para Ocidente que os três Reis Magos teriam feito a Belém. Este evento, na perspectiva dos foliões, inaugura a primeira folia, a partir das quais as demais foram sendo criadas.

São vários os relatos que apontam para o nascimento de Jesus como início do ciclo da Folia de Reis. Sobre esse aspecto, Seu Congo<sup>136</sup> do grupo Folia Buriti de João Pinheiro/MG, narra uma das construções recorrentes sobre o tema, destacando a humildade como característica principal no fazer dos foliões:

*Eles são milagrosos, não são brincadeira, não. [...] Pra eles não existe financeira... nem profissão. Eles só querem saber se a pessoa é humilde. Sabe colé por quê? Porque quando eles saíram pra encontrar o menino Jesus lá em Belém, na lapa lá, ele não sabia de nada, não tinha remoção a veículo [...] Foram caminhando e veja você o quanto que é importante. Cada um levou um presente para o menino Jesus agraciar, né? Ó veja você...a gente que já acompanha há tempos ai cê fica com isso na memória "gente, mas que coisa, viu?" Cada um de um país -- e eles não conheciam uns aos outros não -- e encontraram só -- na época não tinha rodovia não tinha trevo também não, tinha encruzilhada que eles encontraram ali. Não tinha emprego. Cada um com seu presente, né? Cumprimentaram e tal "você está indo pra onde?" " Ah, pra tal lugar. O que você vai fazer?" " Vamo visitar o*

<sup>135</sup> BITTER, 2010

<sup>136</sup> SANTOS, Antônio Eustáquio dos. Folia de Minas. [20 de setembro de 2016]. João Pinheiro. **Projeto Folia de Minas**. IEPHA-MG. Entrevista concedida a Débora Raiza Carolina Rocha Silva, Guilherme Eugênio e Renata Lopes.

*menino Jesus que nasceu” “E você?” “Eu também” “E você?” “E também”.  
“Então, nós vamo junto, né?”*

Assim como evidenciado no item 2 – Referências Históricas, o atributo de reis dado aos Magos só ocorreu posteriormente aos escritos de Mateus em comparação com as profecias feitas a partir de outros textos sagrados<sup>137</sup>. Entretanto, as apropriações e reconstruções dos próprios foliões apontam para outras fundamentações baseadas no próprio mito fundador da folia de Reis:

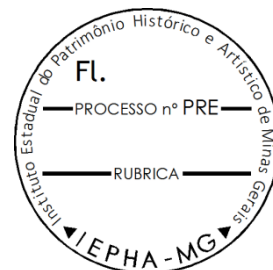
*[...] Existe outro porém, também naquele tempo ele só era homem de muito dinheiro, mas num era rei, não. Não era coroado não. Era homem rico, mas num era coroado. Só foi coroado lá dentro da lapinha lá com Maria. Porque chegou que visitou o menino Jesus, passou os presente ela abençoou. Não deu pra entrar cada um de uma vez...Digo, os três de uma vez. Foi cada um na sua vez, porque a lapinha era pequena. Não cabia todos três. Até o verso, cada um entrou de sua vez. Ela abençoava aquele e ela tava com as coroa lá esperando. Dá pra você? Abençoava aquele e colocava a coroa, eles saíram. Agradicia (agradecia) e saía. O outro... até o último. Cada um levou seu presente: ouro, incenso e mirra. [...] E é cada um dum país. Eu tenho certeza tá no livro ali. Eu tenho certeza/ minha mente esquece. Eu tenho certeza direitin o meu colega de apelido. Ele é o nome do... é Bechó (Belchior) porque ele é Congo. É lá da África. Ele é africano, mas tem outros dois aqui, outros dois países. Congo africano é o Brechó.<sup>138</sup>*

Conforme visto ao longo das construções históricas, os três Reis foram posicionados como representantes cada um de um continente: Europa, Ásia e África. Seu Congo corrobora com o debate ao argumentar sobre o assunto quando associa Brechó à região do Congo. Nesse mesmo relato, Seu Congo refere-se a determinado livro de onde retirou as informações apresentadas. É muito possível que esteja fazendo referência a obras, como Horas

---

<sup>137</sup> Ver Capítulo I.

<sup>138</sup> SANTOS, Antônio Eustáquio dos. Folia de Minas. [20 de setembro de 2016]. João Pinheiro. **Projeto Folia de Minas**. Entrevista concedida a Débora Raiza Carolina Rocha Silva. Disponível no Acervo documental IEPHA-MG.



Marianas e Livro do Oriente, consideradas as principais bases de conhecimento dos textos católicos, tema que será tratado mais à frente.<sup>139</sup>

Destaca-se nessa seção que, ao tratar das narrativas desenvolvidas pelos foliões sobre mitos de origens e significados rituais das práticas relacionadas às folias de reis, em muitos casos, suas explicações fogem de um discurso dito oficial. Todavia, faz-se necessário compreender essas construções a partir da capacidade inventiva daqueles grupos e indivíduos vinculados a tal tradição. Para isso, um conceito que se torna central ao tema é o de invenção, termo percebido no sentido trabalhado por Roy Wagner<sup>140</sup>. A perspectiva invocada pelo autor não deve ser entendida como algo relativo ao que é “artificial” e que se opõe ao “real”, pois “a invenção das tradições são tão dependentes de contínua reinvenção quanto às idiosincrasias, detalhes e cacoetes”. Como afirma Márcio Goldman<sup>141</sup>, o termo wagneriano relativo à noção de invenção deve ser entendido a partir da perspectiva de criação<sup>142</sup>. É nessa perspectiva que todos aqueles grupos e indivíduos inseridos no fazer cotidiano das folias buscarão sentido para sua prática e resoluções de questões ordinárias do dia a dia embasando seu discurso nas ressignificações realizadas a partir das escrituras sagradas do cristianismo. No trecho que se segue fica clara a relação da visita dos Reis Magos com a fundação da primeira folia.

*[...] A Folia segue a tradição, Santos Reis foram os primeiros santos que visitaram Jesus, que viram Jesus, ai lá eles ganharam a penitência de Maria por que eles ofereceram incenso, ouro e mirra, mas Maria aceitou somente o incenso, o ouro e mirra ela dispensou... Pra adorar esse menino então como eles queriam, porque eles queriam ofertar os presentes, ela pediu pra eles pedirem esmola, e com o final dessa/ de pedir essas esmolos fazer uma festa pras crianças. Então Santos Reis, eles andaram cantando nas casas [...].<sup>143</sup>*

---

<sup>139</sup> CHAVES, 2014, p. 259.

<sup>140</sup> WAGNER, 2012, p. 94.

<sup>141</sup> GOLDMAN, 2011.

<sup>142</sup> Sobre a perspectiva de “criação” ver Deleuze, G. e Guattari, F. (1991, p. 8-10) e Goldman (2012, p. 201).

<sup>143</sup> CANDIDO, José Francisco; PEREIRA, Ricardo. Folia de Minas. [02 de junho de 2016]. Uberaba. **Projeto Folia de Minas**. IEPHA-MG. Entrevista concedida à Débora Raiza Carolina Rocha Silva.

Fica evidente no Cadastro que parte dos cultos de maior destaque são marcadamente vinculados às figuras dos Santos Reis. Observa-se que muitos dos grupos pesquisados, que possuem como base o culto aos santos da cosmologia católica, atribuem aos Santos Reis sua origem presumida. Sobre a heterogeneidade dessas folias João Raposo explica que:

*[...] vinte e quatro pra vinte e cinco foi o nascimento de Cristo doze horas da noite na lapinha de Belém. Então a gente faz a saudação. Agora no dia primeiro de janeiro é Folia de Reis, vem o mês de seis de agosto é dia de Senhor Bom Jesus sai folia e reza nesse dia também, mais outras folia. Mas a folia principal do principio do mundo é a Folia de Reis. Agora tem a folia de Bom Jesus que foi rendendo as coisas porque todo mundo gostava né? Então foram rendendo... sai folia de Bom Jesus, São Sebastião, São José, Nossa Senhora Aparecida.. sai folia de vários santos cada um com um som, né.<sup>144</sup>*

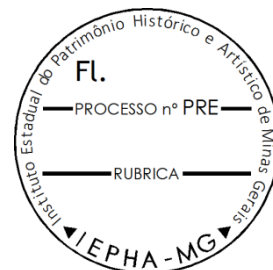
Contudo, mesmo com tamanha diversidade, as folias apresentam objetivos e estrutura religiosa semelhante. Sua base organizacional deve ser compreendida como um grupo de pessoas (cantores, instrumentistas e palhaços<sup>145</sup>) que realizam anualmente visitas rituais durante o período de festejos aos santos de devoção. Essas visitas se caracterizam, muitas vezes, em longas jornadas, por meio das quais foliões visitam, não só as casas dos devotos, mas as fazendas, os cemitérios e as igrejas de um território previamente estabelecido. Em determinados casos, os foliões realizam visitas especificamente na casa de fiéis para auxiliá-lo no pagamento de sua promessa. Nesse sentido, em torno das folias, homens, mulheres, idosos e mesmo crianças se enredam em teias de reciprocidades morais reafirmando periodicamente laços sociais de parentesco, amizade, vizinhança etc.

A grande maioria dos grupos de Folia de Reis sai entre a passagem do dia 24 para o dia 25 de dezembro e encerra suas atividades no dia 6 de janeiro. Todavia, como verificado no cadastro, muitas variações podem ocorrer de acordo com a organização do grupo. O

---

<sup>144</sup> RAPOSO, João. Folia de Minas. [20 de setembro de 2016]. João Pinheiro. **Projeto Folia de Minas**. IEPHA-MG. Entrevista concedida à Débora Raiza Carolina Rocha Silva.

<sup>145</sup> Como já pontuado, a figura do palhaço é predominante nos grupos de folia de Reis. Entretanto, mesmo nesses grupos há aqueles que não possuem esse personagem.



trajeto varia de acordo com as promessas realizadas pelos devotos. Os deslocamentos são organizados com o intuito de coletar, em nome de cada um dos santos aos quais os festejos são organizados, os donativos necessários e obrigatórios ao custeio de uma visita. Em troca do que é recolhido – dinheiro, velas, fogos de artifício, sacas de arroz, feijão, animais de criação etc.–, os viajantes distribuem, através de cantos e danças, bênçãos e auxiliam os devotos no cumprimento de suas promessas. O objetivo é que ao final desse ciclo de visitação, possam celebrar uma grande festa em louvor aos três reis do oriente: Melquior, Baltazar e Gaspar ou aos santos de devoção.

Além do período religioso, muitos grupos de folias de reis participam dos Encontros de Folia. No entanto, é nos espaços das jornadas onde há maior expressividade de suas práticas devocionais, quando os laços sociais se fortalecem acentuadamente. É nesse tempo ritual que a proximidade, a coesão e as relações de ordem cósmica se intensificam. Foliões e devotos entram em outro campo temporal onde o sagrado passa a reger a ação desses fiéis. Após este período, essas relações retornam ao seu estado normal. Nesse sentido, Luzimar Pereira, ao desenvolver seus estudos sobre as folias de Uruçuia-MG, demonstra, a partir dos conceitos de estrutura e anti-estrutura de Victor Turner<sup>146</sup>, que as peregrinações praticadas por esses grupos estariam marcadas por dois modelos opostos de sociabilidade: um baseado na supressão relativa dos limites estruturais da vida cotidiana, e outro centrado na produção de uma série de distinções que garantem a ordem e a segurança desses deslocamentos. O autor aponta que, assim como as procissões e romarias católicas, as folias estão inseridas em um ambiente de deslocamentos e liminaridades cujos significados conscientemente elaborados pelos seus participantes apontam para a produção de uma comunidade de devotos unida pelos valores da igualdade e solidariedade. Dessa maneira, os foliões se reconhecem como “irmãos” a serviço de um santo católico.

---

<sup>146</sup> Luzimar Pereira (2012, p. 26) fundamenta sua abordagem na dicotomia analítica entre “estrutura”, a organização da sociedade em termos de papéis e status, e “*communitas*”, uma forma de relação social que surge em períodos liminares como uma espécie de “comunidade” propiciando o surgimento de uma ante-estrutura, ou mesmo uma “comunhão”, de indivíduos iguais (TURNER, 1974).

Com a capacidade de erigir simbolicamente um período extraordinário na vida dos praticantes, os momentos ritualísticos experienciados por foliões e devotos são marcados por grandes alterações espaciais, comportamentais, emocionais e pelo uso de determinados objetos materiais, em especial a bandeira. Como argumenta Luzimar Pereira, o encontro com as divindades inaugura um período de fartura, de trocas de bens econômicos e sagrados. Esse novo espaço-tempo tem consequências significativas sobre a vida individual e coletiva daqueles que participam da prática. As trocas tornam-se mais intensas e carregadas de significados, os espaços condensados e os encontros mais frequentes. As comemorações que envolvem as folias estabelecem ao longo do seu período ritual uma reestruturação de seus laços afetivos dos grupos participantes. Aponta o autor que:

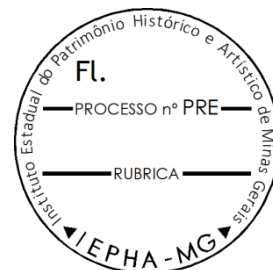
O tempo dos festejos, em oposição ao tempo cotidiano, vem a ser marcado por um estado de exaltação religiosa contínua. A vida ganha um brilho diferente, e as oposições entre o alto e o baixo, o passado e o presente, o nós e os outros, a casa e a rua, homens e mulheres, entre outras, são parcialmente desfeitas ou, pelo menos, momentaneamente mediadas.<sup>147</sup>

Apesar da variação no comportamento e formas de organização, as folias podem ser entendidas a partir de duas perspectivas básicas, 1) organização enquanto grupo, vinculada a categoria do patrimônio cultural denominada “formas de expressão”, e 2) sua organização ritual voltada a peregrinação dos foliões, que se enquadra na perspectiva de “celebrações”. Todavia, essas duas formas de entendimentos são complementares, operando empiricamente de forma dialógica e sendo impossível separá-las.

A unidade mínima de composição de um grupo de folia pode ser compreendida a partir de quatro elementos básicos. O primeiro referente à bandeira, que, em casos específicos como em São Francisco/MG, não é elemento obrigatório; em segundo, os palhaços, bastiões ou marungos, personagens ambíguos presentes em grande parte dos grupos e que

---

<sup>147</sup> PEREIRA, 2012, p. 31.



sua associação transita entre a ideia de mal e o caráter sacro dos próprios Santos Reis; em terceiro, os cantadores e instrumentistas que, tem o capitão ou embaixador o responsável pelas narrativas cantadas e faladas que conduzem o ritual como um todo, e, por fim, como quarto elemento, os próprios devotos, que devem ser considerados parte importante desse conjunto, pois são suas promessas o princípio e a vitalidade para perpetuação do sagrado dentro do universo da Folia de Reis.

Em se tratando dos momentos ritualísticos relativos às celebrações, o percurso cerimonial dos foliões pode ser concebida a partir de quatro períodos característicos: primeiro, a saída da bandeira de um lugar familiar, ato que inaugura o ciclo da jornada; segundo, as visitas às casas dos fiéis, momento de peregrinação estabelecido em um território específico; terceiro, o retorno da bandeira ao espaço familiar, que traduz o fechamento do ciclo de visitas, e, quarto, a festa de arremate, momento alto de confraternização entre todos os foliões e convidados.

#### 4.1. A bandeira e sua saída

Os objetos materiais nas folias, assim como em todas as manifestações tradicionais, integram de modo evidente o universo simbólico religioso que está inserido. Daniel Bitter destaca o modo como esses objetos estabelecem mediações entre domínios sociais e cosmológicos diversos, desencadeando transformações sociais e simbólicas. Em se tratando das folias, a bandeira é um desses elementos que compõem uma classe particular de artefatos, compreendidos como “objetos rituais” ou “objetos cerimoniais”. Assim, a *bandeira* pode ser pensada como um suporte sobre o qual são fixadas imagens de santos católicos e representações pictóricas de narrativas bíblicas. Pode ser compreendida também como uma espécie de estandarte que ostenta as imagens dos santos padroeiros e, ao mesmo tempo, identifica uma associação de pessoas organizadas em seu entorno.<sup>148</sup>

---

<sup>148</sup> BITTER, 2008, p.10.





**Figura 24:** Folia Magos do Oriente (1994) – Araguari/MG

**Fonte:** Acervo Arquivo Histórico Dr. Calil Porto.



**Figura 25:** Cortejo da Folia – Ubaí/MG  
**Fonte:** Prefeitura Municipal de Ubaí – Acervo ICMS Cultural

Como se pode observar nas Figuras 23 e 24, a bandeira é o primeiro elemento que se observa em um grupo de Folia. Ela vai à frente dos foliões, abrindo todos os caminhos e protegendo a peregrinação. Independentemente da forma como é feita ou do material utilizado, pano, papel, bordada ou silkada, o que há de maior importância é o valor atribuído. Em um universo de mais de 1200 grupos cadastrados, a bandeira é um item presente em 1062, ou seja, mais de 84% das folias que aparecem no mapeamento fazem uso dessa peça.

No entanto, como já apontado anteriormente, em casos como em São Francisco/MG, a bandeira na folia de reis não possui a mesma centralidade que nas dinâmicas rituais observadas nas folias de outras devoções. É notório que em determinados grupos desse município a presença da bandeira é relativamente recente, aproximadamente 20 anos. Os grupos que não fazem uso específico da bandeira acabam substituindo-a por outros suportes que intermediam a relação com o sagrado, como oratórios, presépios e registros. Todavia, quando esses mesmos grupos saem em devoção a outros santos todos utilizam a bandeira que passa a ter importante papel como de costume. Também em Laranjal, observa-se outra forma de organização referente ao objeto ritual que vai à frente do grupo com a função de abertura dos caminhos. José Rodolfo Carneiro, folião do grupo de Folia de

Reis Mensageiros da Paz de Laranjal discorre sobre o registro, objeto que cumpre o mesmo papel da bandeira:

*Uma folia não sai sem o registro, alguns lugares chamam de bandeira, alguns lugares registro, mesmo. O registro da folia, o que que contem no registro? É tipo uma caixa de madeira e no fundo dela tem uma estampa da Sagrada Família – Jesus, Maria e José. O menino Jesus na forma do nascimento dele, na manjedoura – do lado nós temos o retrato dos três Reis Magos – Belchior, Gaspar... – e algumas fitas. Essas fitas coloridas simbolizam também que cada casa, às vezes, que a folia vai, a pessoa prega uma fita sob o registro. E ela vai a frente da folia e a folia não pode sair se não tiver ali o menino Jesus. Por quê? É aquilo ali que nós estamos anunciando.<sup>149</sup>*

Na sequência, é possível observar na Figura 25 que ilustra o registro utilizado pela Folia de Reis Mensageiros da Paz de Laranjal-MG. Por outro lado, na Figura 26, nota-se a bandeira de São Francisco utilizada no Povoado de Tapera em São Francisco/MG para pagamento de promessa.



**Figura 26:** Registro da Folia de Reis Mensageiros da Paz - Laranjal-MG

**Fonte:** DVD: Memórias da Mata Mineira: Folia de Reis-Laranjal.  
Acervo: IEPHA-MG



**Figura 27:** Bandeira de São Francisco – Tapera – São Francisco /MG

**Fonte:** Acervo IEPHA/MG

<sup>149</sup> Ponto de Informação Histórica - Memórias da Mata Mineira: Laranjal – Folia de Reis. Realização: Museu de História e Ciências Naturais – 2010. DVD (13'19").

Na fala de José Rodolfo, fica claro que o registro existente no município de Laranjal-MG cumpre o mesmo papel da bandeira utilizada em larga escala por grande parte das folias. Percebe-se assim que a bandeira, registro ou mesmo oratório possui forte importância na perspectiva simbólica desse universo. Como observado, não se trata somente de um item significativo por sua materialidade, mas sim pelo caráter sacro que carrega manifestado por sua relação com as promessas e os sacrifícios praticados. Sua definição e eficácia transcende a pura representação da identidade religiosa do grupo e toma uma dimensão cosmológica dentro do inconsciente social que traduz o poder dos próprios santos que ali estão apresentados. É manifesto que em muitas situações a bandeira se confunde com as próprias entidades sagradas, sendo um elemento de materialização de um poder mítico.

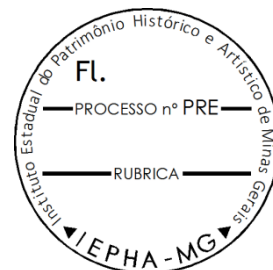
A importância desse elemento pode ser compreendida a partir da fala de Antônio Carvalho do grupo Os Capela Nova de Betim/MG:

*Nós não podemos sair sem a bandeira. Com as nossas tradições a bandeira é a nossa ferramenta primordial. O que é primordial para nós? Primeiro. Então a bandeira significa para nós a nossa proteção. É a nossa guia. Porque a bandeira as pessoas pega ela e beija a bandeira. Esse é o significado, muitas vezes, da gente visitar as casas e as pessoas pede pra visitar, pra gente fazer a visita pra eles.<sup>150</sup>*

Dessa maneira, a bandeira pode ser compreendida como um suporte material destinado a ostentar imagens relacionadas aos Reis Magos, à Sagrada Família, a São Sebastião, ao Divino Espírito Santo, à Nossa Senhora do Rosário, à Nossa Senhora da Conceição, São Francisco e a outros santos cultuados. Para os foliões e demais devotos, a importância da bandeira está em sua capacidade de fornecer bênçãos, graças e outras dádivas, com o

---

<sup>150</sup> CARVALHO, Antônio Pinto de; SIQUEIRA, Odorino Avelino. Folia de Minas. [31 de junho de 2016]. Betim/MG. **Projeto Folia de Minas**. IEPHA-MG. Entrevista concedida a Breno Trindade, Débora Raiza Carolina Rocha Silva, Guilherme Eugênio e Renata Lopes.



objetivo de realizar importantes mediações cosmológicas entre as pessoas, seus antepassados e suas divindades. A bandeira pode ser traduzida como principal aporte para a materialização do fundamento, conjunto de conhecimentos adquiridos e praticados pelos principais integrantes de um grupo de folia a fim do desenvolvimento de todo o ritual religioso.

O domínio de todos os códigos pelos regentes das folias é de suma importância para o bom andamento dos momentos ritualísticos que todo o grupo irá adentrar nesse momento de passagem que é a saída da bandeira, ou seja, o início de todos os trabalhos. Assim, todos os foliões se reúnem na casa central, geralmente pertencente ao dono da folia, ao mestre ou ao imperador para que, após os preparativos, possam iniciar o ciclo de visitas. Muitos grupos mantem a bandeira em um altar juntamente com imagens dos santos de devoção onde, aproximado o horário de saída, todos se reúnem e ali iniciam as orações necessárias. A forma que cada grupo conduz esse momento é diversa, sendo que muitos optam por rezar o terço na companhia de seus familiares. Nesse contexto, a musicalidade possui papel central, pois todos os enredos e narrativas passam a ser dramatizados a partir dos versos e orações. Trata-se de um período de grande concentração dos foliões onde as preces são entoadas tanto em adoração aos Santos Reis, no caso do período natalino, quanto para os demais santos de devoção. Esse momento tem como objetivo pedir proteção pelos caminhos que irão percorrer. A seguir, tem-se a transcrição de uma narrativa musical que celebra a partida da bandeira e o início da jornada:

**E uni-vos os foliões, ai, ai;  
Está na hora verdadeira, ai, ai, ai.**

Refrão:

E uní-vos os foliões, ai,  
Está na hora verdadeira, ai, ai;  
Está na hora verdadeira, oi, oi, oi.

**Pra rezarmos este terço, ai;  
Sair com a bandeira, ai, ai ai.**

Refrão:

Pra rezarmos este terço, ai ;  
Pra sair com a bandeira, ai, ai;  
Pra sair com a bandeira, oi, oi, oi.

**Pra rezarmos para os três Reis, ai, ai;**

**Também para pedir Mari, ai, ai.**

Refrão:

Pra rezarmos para os três Reis, ai, ai;

Também para pedir Mari, ai, ai;

E também para pedir Maria, oi, oi, oi.

**Com licença dos festeiros, ai, ai, ô;**

**Tirar a nossa guia, ai, ai, ai.**

Refrão:

Com licença dos festeiros, ai, ô;

Tirar a nossa guia, ai, oi;

Tirai a nossa guia, ai, oi, oi.

**E despeço de vocês, ai, ai, ó;**

**Que já vou nos retirar, ai, ai, ó;**

Refrão:

E despeço de vocês, ai, ó;

Já vou nos retirar, ai, ai, ó;

Já vou nos retirar, oi, oi, oi.

**Coma guia dos três Reis, ai, ai, ai, ó;**

**Já vamos viajar, ai, ai, ai.**

Refrão:

Coma guia dos três Reis, ai, ó;

Já vamos viajar, ai, ai, ó;

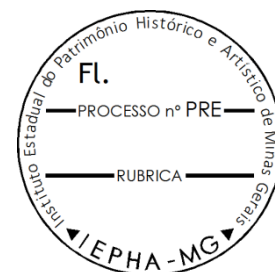
Já vamos viajar, oi, oi, oi.<sup>151</sup>

Nessa música, narra-se os preparativos para o início das visitas às casas dos fiéis. Fica evidente, em relação aos Santos Reis, como as jornadas são sempre relacionadas à viagem que os reis magos para visita ao menino Jesus. O conjunto de visitas inscritas nas jornadas envolve situações das mais diversas, circunstâncias imprevistas, adversidades inúmeras com as quais os foliões precisam saber lidar. Assim, os procedimentos rituais que antecedem a saída dos foliões são de fundamental importância, pois têm como objetivo realizar a “passagem” do tempo-espaço cotidiano para o tempo-espaço ritual, mito-mágico e sagrado dos Reis Magos, ou de outro santo de devoção, onde a bandeira se torna o elemento de proteção e, ao mesmo tempo, consagração.

Assim como vem sendo apontado ao longo desse Dossiê, a diversidade de santos cultuados pelas folias de Minas Gerais é expressiva e pode variar de acordo com a dinâmica de cada

---

<sup>151</sup> CIA DE SANTOS REIS UNIDOS DOS MARINHEIROS. Faixa: Saída da Bandeira. Itaú de Minas.



grupo. O período e a forma que esses grupos desenvolvem suas atividades irão variar de acordo com as demandas e necessidades surgentes. Em se tratando das folias que cultuam os Santos Reis, observou-se ao longo do cadastramento que, ao fim da jornada, muitos grupos encerram suas atividades e voltam somente próximo da data do próximo santo a ser cultuado. Por outro lado, há aqueles grupos que após o dia 06 de janeiro dão continuidade aos trabalhos tendo o cuidado de trocar as bandeiras e passar assim a cantar em devoção a São Sebastião. Temos como exemplo o que nos explica Seu Odorino Avelino Siqueira do grupo Os Capela Nova de Betim-MG sobre a troca das bandeiras:

*Do dia 06 de janeiro, você encerra a folia dos santos reis e começa a de São Sebastião. São Sebastião vai até dia 20 de janeiro. [...] Você canta encerrando a bandeira de santos reis e torna a cantar homenageando São Sebastião.*

*Vamos supor, você chega numa casa, quando chega pra sair você vai chegar meia noite nós já troca a bandeira. Enrola, fecha a bandeira de santos reis e abre a de São Sebastião. Fala assim, o primeiro verso de São Sebastião:*

Tu chegou São Sebastião em sua bandeira tão bela,  
vem contando sua história da guerra que esteve nela.  
A guerra que ele teve nela foi quando ele foi soldado,  
para ele servir a Deus seu sangue foi derramado,  
mas São Sebastião foi o primeiro soldado,  
contra peste, fome e guerra ele é nosso advogado.

*Aí você vai cantando as passagens até a seleção da bandeira, porque tem a passagem das flechas que foi colocada, muito sangue dele correu. Aonde ele foi? Eu acho que foi nos Jardins das Oliveiras que ele foi amarrado ao tronco. Muitos pede pra cantar. Você vai cantar um verso e a pessoa não entende o que você tá cantando. Tá homenageando, mas não sabe ouvir. O verso tem que ser explicitado pra você poder ouvir.<sup>152</sup>*

Seu Odorino deixa claro a forma de organização da passagem de uma bandeira para outra e pontua a importância do canto como linguagem ritual que descreve os episódios míticos que regem as narrativas das folias. Importante ressaltar que muitos grupos, apesar de fora do seu período de jornada, estão disponíveis para auxiliar os devotos no cumprimento das

<sup>152</sup> CARVALHO, Antônio Pinto de; SIQUEIRA, Odorino Avelino. Folia de Minas. [31 de junho de 2016]. Betim/MG. **Projeto Folia de Minas**. IEPHA-MG. Entrevista concedida a Breno Trindade, Débora Raiza Carolina Rocha Silva, Guilherme Eugênio e Renata Pinto.

promessas que nesse caso leva o nome de “folia temporona”. Caso um fiel faça uma promessa para um santo diferente daquele que a folia é devota, é muito comum que esse grupo, mesmo assim, colabore para o pagamento dessa dívida. Nesse caso, a folia irá trocar sua bandeira e cantar as narrativas relacionadas às construções simbólicas do santo escolhido pelo fiel.

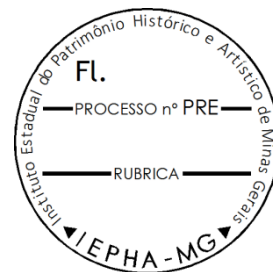
#### 4.2. Os palhaços

Os palhaços, bastiões ou marungos, são personagens comumente encontrados em grande parte dos grupos de folia de reis de Minas Gerais. Podem variar em dois ou mais, mas predominantemente aparecem em trio e atendem pelos nomes de Gaspar, Baltazar e Melchior (Belchior). Apresentam-se com máscaras de aparência grotesca e fardas (roupas) feitas com tecidos coloridos ou de farrapos assumindo movimentos e gestos mais livres e lúdicos se comparados aos demais foliões. Em alguns grupos, esses mesmos personagens são chamados também de Velho, Friagem e Bastião fazendo referência à forma que os santos reis são representados iconograficamente. Por outro lado, algumas folias, quando vinculadas a outras devoções, também têm o palhaço como integrante do grupo, pois destacam sua performance como importante momento exaltado pelos devotos dentro do pagamento de promessas. Esse fato é explicado por Antônio Carvalho da folia Os Capela Nova de Betim-MG:

É, às vezes, costuma ter até mais de três. Porque um fica querendo descansar o outro e na dança que eles fazem é uma dança muito bonita quando dança de quatro. O pessoal acha aquilo importante. Igual, aqueles pau com quatro pau com o ritmo da caixa é bonito. Quando você bate (demonstração do som). Então, são coisas que você aproveita o instrumento pra você fazer também o som dos pau dançando.<sup>153</sup>

---

<sup>153</sup> CARVALHO, Antônio Pinto de; SIQUEIRA, Odorino Avelino. Folia de Minas. [31 de junho de 2016]. Betim/MG. **Projeto Folia de Minas**. IEPHA-MG. Entrevista concedida a Breno Trindade, Débora Raiza Carolina Rocha Silva, Guilherme Eugênio e Renata Pinto.



Há certos grupos que não possuem palhaços por não terem ninguém em sua comunidade que tenha condição de assumir tal cargo, como pode ser observado na fala de Ricardo Pereira, folião de Uberaba/MG. Quando questionado sobre a existência desse personagem, ele explica que “tem folias da região que possuem... o palhaço, na nossa nós não temos... Por falta de experiência, alguém que faça aquele papel, porque não é... só vestir uma roupa também e ir lá de palhaço. Tudo tem uma tradição, um ritual que tem que seguir”.<sup>154</sup>

O termo “experiência”, apontada por Ricardo Pereira no trecho anterior, muitas vezes, não está vinculada à idade da pessoa, mas ao tempo que determinado indivíduo está em um grupo ou mesmo qual sua relação familiar. Foi possível observar, em algumas folias, crianças ocupando o cargo de palhaço onde sua atuação estava ligada a um processo de aprendizado de profecias e de sua própria evolução performática. Ser palhaço pode ser começo para que um iniciante adentre a vida de folião. Por outro lado, aos palhaços também é cobrado o domínio dos fundamentos e que tenham conhecimentos específicos para resolver determinados conflitos inerentes a esse ambiente. Isso ocorre pela própria condição dúbia do lugar do palhaço nesse universo, motivo o qual em determinadas folias esse personagem é visto de forma negativa.

---

<sup>154</sup> CANDIDO, José Francisco. PEREIRA, Ricardo. Folia de Minas. [02 de junho de 2016]. Uberaba. **Projeto Folia de Minas**. IEPHA-MG. Entrevista concedida à Débora Raiza Carolina Rocha Silva.





**Figura 28:** Palhaços de Folia de Reis –  
Arceburgo/MG

**Fonte:** Acervo IEPHA/MG



**Figura 29:** Performance dos palhaços -  
Folia de Reis - Comunidade Arturos.  
Contagem/MG

**Fonte:** Acervo IEPHA/MG

Em muitos grupos os palhaços carregam traços específicos manifestando características ligadas às qualidades dos próprios Santos Reis. Em muitos grupos é comum referendar o personagem Gaspar como alguém novo, pois assim é representado nas iconografias existentes. Como é possível observar na Figura 30, Baltazar, conhecido também como Bastião, é representado como negro, sendo o mais viril entre os três. É aquele que possui maior domínio dos versos, desenvolve suas acrobacias de forma mais intensa e é comum se vestir de vermelho. Melchior é conhecido também como o velho, que transpassa na sua própria postura uma aparência de fadiga. É possível reparar em sua máscara, como representado na Figura 31, um semblante de cansaço. Apesar dessas características não serem compartilhadas por todos os grupos, foi observado certa regularidade naqueles onde há a existência dos palhaços.



**Figura 30:** Palhaço Baltazar executando sua dança. Encontro de Folia de Reis da Quinta do Sumidouro – Pedro Leopoldo/MG. Julho de 2016

**Fonte:** Acervo IEPHA-MG



**Figura 31:** Palhaço Melchior executando sua dança. Encontro de Folia de Reis da Quinta do Sumidouro – Pedro Leopoldo/MG. Julho de 2016

**Fonte:** Acervo IEPHA-MG

A referência predominante dos palhaços tem fundamentação nas passagens bíblicas vinculadas ao Antigo Testamento a respeito da vinda do Messias e ao Novo Testamento que trata da aparição do anjo Gabriel para anunciar à Maria sua concepção pelo Espírito Santo, nascimento de Cristo e a viagem dos Magos do Oriente para adorar o menino Jesus na manjedoura, em Belém, além do seu encontro com Herodes. Na fala a seguir, pode-se compreender a construção das narrativas vinculadas aos palhaços comuns aos foliões entrevistados:

*A fundação da folia foi por aí. E também como fosse, o menino perguntou sobre os palhaços, né, palhaço é de muita fundação porque quando os três reis passaram na porta de Herodes e foi lá pra onde tava o menino ele esbarrou eles. "Onde que vocês é vai e tal?" Ele queria saber. Dizendo ele que ia adorá-lo também. Não é adorá-lo, não. Todo mundo sabe que não é. Mas eles (Santos Reis) não contou. Tiveram a intuição pra não falar. A hora que chegou lá tiveram outra intuição pra volta: não passar na porta do rei mais. Voltaram para o outro caminho. E os palhaço.../a criação dos palhaço foi pra aquilo mesmo. Enquanto ele tava conversando com os reis, os palhaços tavam dançando na frente dele. Entreteu olhando pros palhaços e os reis e ó... Depois tirou a máscara e ninguém reconhecia. Foi criado pra isso mesmo. Já foi na volta. Já tinha visitado, tinha feito*

*suas visita e seus presente, né? Já foi agraciado, foi abençoado, já voltou rei, né? Na dicida (decida) pra lá conforme falou Brechó (Belchior), Gaspar e Baltazar. A volta.. rei Brechó, rei Gaspar e rei Baltazar. Onde já vei (veio) coroado, né? É por aí.*<sup>155</sup>

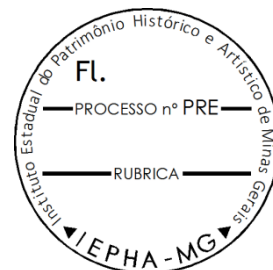
Como destaca Daniel Bitter, os palhaços contrastam fortemente com a figura dos foliões que geralmente são tidos como portadores da ordem e da formalidade. Sua principal característica é a ambivalência que trazem como personagens de uma manifestação religiosa, pois se para alguns grupos, ou mesmo no momento ritual, eles são associados à representação dos próprios santos Reis, em outros estão vinculados a exegeses mitológicas do nascimento de Cristo e são percebidos como uma representação negativa, como o *Diabo*, o *Cão*, Herodes - o rei da Judeia, ou seus soldados que teriam perseguido o menino Jesus para matá-lo. Afirma o autor que:

A brincadeira do *palhaço* é, de certa forma, o lugar potencial da subversão, da desordem (ou de uma outra ordem), da criatividade, em contraste com a formalidade e a solenidade do canto, da música, das palavras e dos gestos dos *foliões*. Nesse sentido, os *palhaços* podem ser vistos também como portadores de ideias não-oficiais que apontam para uma ordem diferenciada do mundo. Nesta visão cosmológica, predominam a heterogeneidade, a aproximação de esferas e dimensões díspares e normalmente separadas e o rompimento de certas convenções. (BITTER, 2008, p. 151).

Por transitar entre espaços diferenciados do sagrado, os palhaços são reconhecidos pelo seu poder e domínio sobre os fundamentos. Entretanto, a eles, conforme mencionado, são colocadas certas restrições, obrigações e regras. Quando estão mascarados, são impedidos de entrar em igrejas ou em demais lugares considerados sagrados ou de se aproximarem de presépios e de imagens sagradas. Sobre a necessidade do uso da máscara e os riscos que o palhaço carrega, Antônio da folia Os Capela Nova explica:

---

<sup>155</sup> SANTOS, Antônio Eustáquio dos. Folia de Minas. [20 de setembro de 2016]. João Pinheiro. **Projeto Folia de Minas**. Entrevista concedida à Débora Raiza Carolina Rocha Silva. Disponível no Acervo documental IEPHA-MG.



*Porque, geralmente, eles não podem mostrar a cara muito fácil. É o Gaspar, o Baltazar e o Belchior. Então, pra pedir, pra dançar eles tampam a cara pra ninguém ver eles. Então, eles tão dançando e eles tão com a cara tampada. Igual, tem gente que tampa a cara e vê que tá com a cara tampada e consegue fazer até coisas que não deva fazer. Mas enfim, os nossos respeita demais os limites. Porque nós não gosta nem de muita brincadeira. Nós não gosta de fazer medo nas crianças, porque tem criança que tem medo e nós não gosta de fazer.<sup>156</sup>*

Embora seja caracterizado por apresentar um comportamento que majoritariamente se opõe ao mestre e aos demais foliões, os palhaços são tidos como grandes conhecedores de profecias. Esses personagens declamam versos de memória e improviso denominados *chulas*, os quais irão variar de acordo com as circunstâncias do momento, como se pode observar na declamação do Bastião Eliseu Boldrini da Folia de Reis Arceburguense, Arceburgo-MG.

Saíram muitas pessoas, homens e também crianças,  
levaram suas ovelhas com muita fé e esperança.  
Chegaram em um lugar muito belo e bonito,  
chegaram no Mar Vermelho fugindo dos egípcios.  
Mas o faraó e seus homens deste fato lamentava  
por ter mandado eles embora e a tristeza começava.  
Assim, o faraó mudou de opinião.  
Aprontou de pressa seu exército e começou a perseguição.  
Vendo o faraó e seu exército, não havia para onde fugir.  
De um lado estava o mar e do outro os homens a perseguir.  
Entre o povo e os egípcios, Deus estendeu a sua mão  
colocando ali uma nuvem para lhes tamplem a visão.  
Deus disse a Moisés: estende a vara sobre o mar.  
Quando ele fez aquilo o vento começou a soprar.  
As águas do mar foram ali divididas e ambas as suas partes ali ficaram retidas.  
O povo e os animais demoraram horas para atravessar.  
Aí que os egípcios conseguiram enxergar.  
Viram o povo fugindo, entraram também no mar.  
E foram atrás deles para tentar capturar.  
Quando fizeram isso, Deus fez as rodas dos carros cair.  
Faraó então disse: vamos logo daqui sair.  
Foi então que Deus mandou as águas todas abaixar,  
afogando todos os egípcios.  
Nenhum conseguiu escapar.  
Foi assim meu caro senhor, a travessia do Mar Vermelho.

<sup>156</sup> CARVALHO, Antônio Pinto de; SIQUEIRA, Odorino Avelino. Folia de Minas. [31 de junho de 2016]. Betim/MG. **Projeto Folia de Minas**. Entrevista concedida a Breno Trindade, Débora Raiza Carolina Rocha Silva, Guilherme Eugênio e Renata Pinto. Disponível no Acervo documental IEPHA-MG.

Se falei coisa errada, peço desculpa primeiro.  
Tudo que acabei de falar está na Bíblia Sagrada.  
Estudei ela há algum tempo pra sair nessa embaixada.  
Tá certo o leteiro, padrinho?<sup>157</sup>

Percebe-se que o texto declamado tem como principal fundamento as passagens bíblicas referentes aos santos cultuados, nesse caso os Reis Magos. Estas práticas são adquiridas com base no “adestramento da memória”, o domínio da rima e do improviso, dos gestos e do corpo, em busca de certo virtuosismo, estimulada pela possibilidade de exibí-las e pela competição frente a outros *palhaços* quando os grupos se apresentam nos grandes Encontros de folia ou mesmo em possíveis disputas internas aos grupos.

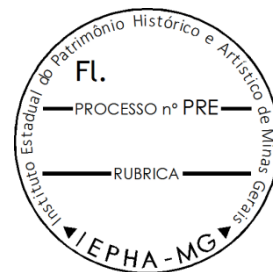
#### 4.3. Cantadores e instrumentistas

Os grupos de folia possuem grande variedade no seu modo de organização tanto musical quanto na forma de construção hierárquica. No que tange à musicalidade, os versos cantados e narrados fazem referência às profecias vinculadas aos santos de devoção. Os grupos de folia de Reis concentram suas narrativas no nascimento de Jesus Cristo e à capacidade sagrada dos Santos Reis, mas, de acordo com a necessidade, há liberdade para se basearem em qualquer outra passagem. O mesmo acontece com a folia de São Sebastião, os foliões exaltam a coragem do santo guerreiro na sua condição de soldado e mártir, mas podem recorrer à outras narrativas ao longo da jornada. Sobre a folia do Divino, os cantos se referem à passagem dos apóstolos que, reunidos no dia de Pentecostes, receberam dos céus o Espírito Santo, entretanto, acionar outras passagens também é comum. Entendidos como “modalidades de vocalização que articula som/palavra, ritmo/melodia, texto/música, os cantos de folia situam-se na fronteira entre fala e som, linguagem e música”.<sup>158</sup>

---

<sup>157</sup> Disco 1, faixa 3, Folia de Reis Arceburguense. Arceburgo-MG.

<sup>158</sup> CHAVES, 2014, p. 254.



Muitos grupos apontam que a primeira Folia teve origem no “princípio do mundo” e associam os Três Reis Magos como os primeiros formadores dessa prática. Foi após o nascimento do menino Jesus que os santos Reis saíram pela região a cantar, tocar e pedir ofertas, também conhecida como esmola, nas casas de moradores das redondezas. Como aponta Wagner Chaves<sup>159</sup>, a passagem da folia de um tempo remoto e original para o mundo dos homens se deu por meio de diversos mediadores, como por exemplo, obras que guardam os cantos originais da folia que foram copiados, não se sabe ao certo se pelos próprios Reis ou por outra pessoa, dando origem a dois livros – Horas Marianas e Livro do Oriente. Essas obras tornaram-se um “importante elo entre o tempo mítico original dos reis e o tempo dos foliões, entendidos como uma espécie de dádiva. Os livros, como uma dádiva deixada pelos primeiros, contêm os versos, os textos principais que um folião deve memorizar”.

Por não terem mais acesso aos livros citados, como tinham os foliões antigos, os mais novos desenvolvem outras estratégias de aprendizado. Se antes se aprendia com livros, hoje se apreende através de cópias, supostamente dos livros que circulavam entre os antigos. É muito comum que os foliões responsáveis pelas embaixadas guardem cadernos com as cópias desses livros preenchidos a mão. Esses manuscritos tornam-se, nesse contexto, uma das principais fontes de conhecimento, além de ser um meio privilegiado de aprendizado, pois nelas encontram-se as mais importantes partes que um guia, capitão ou palhaço deve memorizar para cantar durante a jornada. No entanto, não existe rigidez nessas narrativas e o improviso é algo necessário pela própria dinâmica das jornadas, como se pode observar na fala de Antônio Congo:

*[...] ele pode rimar o verso por conta própria. Não só aquilo que tá no livro não. Pode rimar por conta própria. Normalmente é cantada de acordo com a casa da pessoa. Cê entendeu? Depende do que encontra aqui. Se encontra alguém doente ou o que e tal / pessoas contrariadas com qualquer coisa é diferente. Cê já vai cantar diferente, né? Se eu cantar em cima daquilo ali que você tá vendo ali, né,...*

<sup>159</sup> CHAVES, 2014, p. 258.

*a pessoa está assim meio amado, tá contrariado, você vai cantar de acordo com ele viu.*<sup>160</sup>

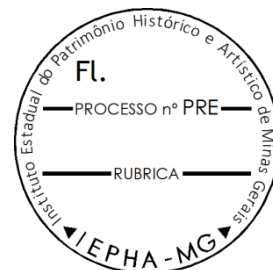
O repertório de versos, baseados na escritura bíblica e recriados no imaginário popular, é complexo e fluido. Além daquelas estruturas padrões necessárias em determinados momentos, há ainda os improvisos e criações livres comuns entre os foliões. O conteúdo dos versos deve acompanhar as *jornadas* em seus deslocamentos e nas necessidades de cada ato. Para cada ocasião, se faz necessário o domínio de determinado conjunto de versos e a capacidade de responder a determinadas demandas que possam aparecer. Se na noite de Natal, costuma-se cantar versos sobre o nascimento de Jesus, no dia 6 de janeiro, canta-se a visita dos Magos do Oriente. Depois desta data narram-se o batismo, chegada a Jerusalém, Santa Ceia, Paixão e outros episódios bíblicos.

A organização hierárquica de grande parte dos grupos está vinculada ao domínio que cada folião tem sobre os fundamentos, conhecimentos que estruturam todo o conjunto simbólico das folias. O mestre da folia, conhecido também como capitão, cabeça de folia, guia ou embaixador, é considerada a função mais elevada na organização do grupo. De acordo com Daniel Bitter<sup>161</sup>, sua autoridade está, em grande medida, ligada a uma familiaridade profunda com os princípios do *fundamento* adquirido ao longo de muito tempo de aprendizado. Comumente, é ele o responsável pela primeira voz, ou seja, quem inicia todos os cantos e profecias durante as celebrações. Seu reconhecimento em muitos casos está acima do próprio dono da folia, pessoa que origina uma *folia* ou a herda de outro *dono*. Sua autoridade é grande, mas limitada quando ele não detém os conhecimentos necessários para a condução dos ritos, precisando assim da presença de um *mestre*. No entanto, em muitos casos o mestre também acumula a função de dono da folia.

---

<sup>160</sup> SANTOS, Antônio Eustáquio dos. Folia de Minas. [20 de setembro de 2016]. João Pinheiro. **Projeto Folia de Minas**. Entrevista concedida à Débora Raiza Carolina Rocha Silva. Disponível no Acervo documental IEPHA-MG.

<sup>161</sup> Para maior aprofundamento sobre a questão do fundamento nas folias, ver Daniel Bitter, 2010.



Sobre a importância do capitão, conhecido também como embaixador, Ricardo Pereira destaca a necessidade do domínio de um repertório extenso e capacidade de improvisar:

Ah, isso aí tem que ter muito estudo, e tem que ter... conhecimento, tem que ter esperteza, inclusive assim. Porque qualquer gesto que uma pessoa faz, você chega na casa dela, aquilo representa alguma coisa, então o embaixador tem que ficar atento e saber o que ele representa, e tem que ter as rimas, porque as cantorias é rimada, e então tem que cantar dentro daquilo que representa e dentro da rima também.<sup>162</sup>

Além do alferes da bandeira, dos palhaços, do *mestre* e do dono da folia, os grupos contam ainda com outras funções rituais importantes, tais como contramestre ou contra guia, cantores e demais instrumentistas na sua estrutura organizacional. O contramestre é responsável por auxiliar o mestre e entoar a segunda voz no canto. Muitas vezes, este cargo também está relacionado ao domínio dos fundamentos e é reconhecido por isso, pois, caso a primeira voz falte, o contramestre deve ter todo o conhecimento para substituí-lo. É comum que a organização das vozes e dos instrumentos obedeça a uma hierarquização dos cargos ocupados. Por outro lado, há certos grupos que as vozes são organizadas de acordo com as duplas formadas. Exemplo desse fato é que, em alguns grupos, a primeira e a segunda voz é feita por determinada dupla, quando essa não está presente outro conjunto de vozes toma a responsabilidade, pois o casamento dessas vozes é de extrema importância para o bom andamento dos rituais. Há uma predominância de grupos que trabalham com um conjunto que pode variar de 04 a 06 vozes. Nesses casos, após o mestre iniciar determinado canto em conjunto com o contramestre, as demais vozes vão abrindo tons de forma harmônica e finaliza-se com a voz mais aguda do grupo, hoje, muitas vezes, feita por uma mulher. Todavia, em grupos que possuem menos vozes, os tons alcançados tendem a ser mais baixos. Sobre a importância e forma de organização das vozes, Ricardo Pereira explica que:

---

<sup>162</sup> CANDIDO, José Francisco. PEREIRA, Ricardo. Folia de Minas. [02 de junho de 2016]. Uberaba. **Projeto Folia de Minas**. Entrevista concedida à Débora Raiza Carolina Rocha Silva. Disponível no Acervo documental IEPHA-MG.



É um hino né, a Folia de Reis é um hino que tem a cadencia de vozes, cada voz no seu lugar, primeira, segunda, terceira voz, e cada voz é diferente da outra. É a união das vozes que torna a melodia bonita, então, se ta passando uma voz sozinha fica feio, a melodia fica feia. Então a união das vozes, a melodia que torna-se a Folia, o hino de Reis.

[...]

É pela altura da voz, que a voz pode chegar, ou pela/ se a voz é mais aguda, a quarta, quinta e sexta são mais agudas, mais altas, e a primeira, segunda e terceira são vozes normais. Mas cada uma é diferente da outra.<sup>163</sup>

Em relação à instrumentação e com base no que foi visualizado no Cadastro, pode-se pensar como uma unidade mínima para um grupo de folia, duas violas ou violões, uma caixa (tambor) e um pandeiro. No entanto, isso possui enormes variações, pois cada grupo se compõe de um determinado modo, modificando de região para região e possibilidades de incorporação de novos instrumentos ao conjunto. Todavia, existem determinados instrumentos que são mais valorizados que outros. Nesse sentido, a viola de dez cordas e, em alguns casos, a sanfona são instrumentos muito importantes entre um expressivo número de grupos pesquisados. Muitos mestres e contramestres têm como responsabilidade o domínio desses instrumentos. É comum ver a primeira e a segunda voz ter como principais ofícios o de tocar as violas e violões. Com o advento da produção de violões a baixo custo em escala industrial, principalmente a chamada viola paulista, a viola artesanal foi perdendo espaço devido ao seu alto valor e difícil manutenção. Entretanto, sua importância e significado ainda perduram para os integrantes desse universo cultural.

---

<sup>163</sup> CANDIDO, José Francisco. PEREIRA, Ricardo. Folia de Minas. [02 de junho de 2016]. Uberaba. **Projeto Folia de Minas**. Entrevista concedida à Débora Raiza Carolina Rocha Silva. Disponível no Acervo documental IEPHA-MG.



**Figura 32:** Violas e foliões – São Francisco. Setembro de 2016

**Fonte:** Acervo IEPHA/MG

Assim como os violões artesanais, os cavaquinhos tornaram-se instrumentos muito comuns entre aos grupos de Folia. Devido à sua intensidade sonora, fato importante pela falta de amplificação no dia a dia dos grupos, esse instrumento é encontrado em grande parte das folias de Minas Gerais. Há grupos na região metropolitana de Belo Horizonte em que o cavaquinho é o principal instrumento do grupo, localizando-se à frente e tocado pelos guias do grupo. Outros instrumentos de corda como bandolim, violino, banjo e até instrumentos de sopro como saxofone, escaleta e flautas aparecem ainda que mais raramente nos grupos estudados.



**Figura 33:** Conjunto de instrumentos de corda – bandolim, cavaquinhos, violão e violino.

**Fonte:** Fonte: Acervo IEPHA-MG

A sanfona também deve ser tratada como instrumento diferenciado dentro dessa organização. Encontram-se sanfonas de variados tipos e tamanhos, um dos modelos mais consagrados e mais recorrentes é a sanfona de 08 baixos, conhecida em algumas regiões como “cabeça de égua”. Por ser um instrumento complexo, o responsável por tocá-la possui um reconhecimento distinto perante os demais foliões. Em determinadas regiões, como em alguns grupos do norte de Minas, a função da sanfona é substituída pela utilização da rabeca. Vale lembrar que na referida região é muito comum que os instrumentos como violas, rabecas, caixas e pandeiros, sejam produzidos nas próprias localidades, pelos próprios foliões. Por outro lado, mesmo na região Norte há grupos que fazem uso tanto da rabeca quanto da sanfona conjuntamente. O mesmo ocorre nas regiões Noroeste, Vertentes, Sul, Metropolitana e Central.



**Figura 34:** Caixa de folia e rabeca – São Francisco/MG. Setembro de 2016

**Fonte:** Acervo IEPHA-MG



**Figura 35:** Sanfona e caixa de folia - 34º Encontro de Folias de Contagem/MG. Janeiro de 2016.

**Fonte:** Acervo IEPHA-MG

Os instrumentos tocados pelos demais foliões, responsáveis também por entoar as demais vozes, são diversos e podem variar entre as regiões. Importante reafirmar que a incorporação ou não de um novo elemento é algo dinâmico e negociado entre o próprio grupo. Com base no mapeamento dos grupos de folias de Minas Gerais, observou-se que, entre os instrumentos de percussão, a caixa, conhecida também como caixa de folia, bumbo, zabumba ou tambor, é o mais recorrente em todos os grupos, fazendo parte do conjunto obrigatório das folias. Da mesma forma, os pandeiros, sempre presente em uma maioria expressiva de grupos pesquisados, são elementos fundamentais na orquestração do grupo. Outros importantes instrumentos são os chocalhos, classificados como idiofones por agitação que podem variar em relação à forma e som, destaque para os xique-xiques, maracas e afoxés. Também, como parte desse conjunto percussivo, destaca-se o agogô, tamborim, meia-lua, triângulo, reco-reco, cuíca e bastões utilizados pelos bastiões/palhaços de alguns grupos em suas performances.



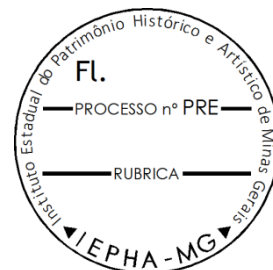
**Figura 36:** Caixa de Folia

**Fonte:** Acervo IEPHA-MG

Nota-se que a opção de utilizar determinados instrumentos se dá, em grande parte dos casos, em relação à forma que cada folião pode contribuir com a construção sonora do grupo. Com exceção dos instrumentos entendidos por sua grande relevância – violas, violões, caixas, pandeiros e sanfonas –, outros são incorporados à medida que determinada pessoa demonstra interesse em compor o grupo.

#### 4.4. Visitações rituais: os devotos e suas promessas

O motivo fundamental que estabelece a ligação de uma pessoa aos grupos de folia é a crença na possibilidade de alcançar determinada graça a partir do seu santo de devoção. A relação construída sempre é mediada por alguma demanda pessoal, como, por exemplo, questões de saúde e financeiras. Nota-se que as atividades desenvolvidas pelos grupos de folia estão inseridas em uma rede de promessas estabelecida tanto pelos devotos como pelos próprios foliões. Dessa forma, as promessas tornam-se o principal fator de promoção da folia em relação às suas atividades rituais. Nesse sentido, os devotos tornam-se elementos de fundamental importância para a continuidade da prática. Por mais que variados grupos associem sua existência com tempos imemoriais, comumente referidos com o início do mundo, é muito provável que suas origens estejam na promessa de alguém



próximo que buscava alcançar alguma graça. Para isso, essas pessoas formavam, passavam a fazer parte ou recebiam grupos de folia em suas casas.

Por outro lado, como pontuado no item 2 – Referências Históricas, apesar dos grupos possuírem períodos específicos para realização de suas peregrinações, é muito comum que promessas sejam pagas fora do calendário religioso do grupo. Nesse aspecto, como pontuado no item anterior, abre-se duas possibilidades de pagamento de promessas. A primeira, relativa às datas específicas de saída da folia, como, por exemplo, no período natalino ligada ao nascimento do menino Jesus, em janeiro, referente aos Santos Reis e São Sebastião, em agosto em homenagem ao Senhor Bom Jesus ou entre maio e julho para celebração do Divino Espírito Santo. Todavia, é comum que ocorra convites para que o grupo de folia auxilie algum fiel no pagamento de promessa. Nesses casos, não há obrigatoriedade de ser exclusivamente nos períodos específicos ao santo de devoção, sendo essa folia denominada temporona.

Como nos explica João Raposo – São Francisco/MG, sempre que há a necessidade de pagamento de promessa à folia realiza visitas às casas dos fiéis:

*E esse cumprimento de promessa pode ser feito ao longo do ano ou dentro desse período da festa de reis.*

*Normalmente a ele que marca, num sendo nessas data do nome do santo, chama folia temporona, né? Se num for do dia primeiro de janeiro até dia seis é temporona. A folia do Senhor Bom Jesus se não for de primeiro de agosto até o dia seis é temporona né? E assim dos outros santos também, se não for nos dia daquele santo é chamado folia temporona, né?<sup>164</sup>*

Luzimar Pereira<sup>165</sup> demonstra que o pagamento de promessas propicia o encontro com as divindades cultuadas e inaugura um período de fartura, de gente, de bens econômicos e da presença do sagrado. Essa nova estrutura vivenciada tem consequências significativas

<sup>164</sup> RAPOSO, João. Folia de Minas. [20 de setembro de 2016]. João Pinheiro. **Projeto Folia de Minas**. IEPHA-MG. Entrevista concedida a Débora Raiza Carolina Rocha Silva, Guilherme Eugênio e Renata Lopes.

<sup>165</sup> PEREIRA, 2012.

sobre a vida individual e coletiva dos devotos. Nesse sentido, o grupo de folia cumpre o papel de mediador entre fiéis e os próprios santos de devoção. Eles tornam-se o instrumento de manifestação das graças concebidas.

Nesse sentido, deve-se compreender a folia, não apenas como um grupo religioso de cantores e instrumentistas, mas a partir de um sistema mais amplo que envolve foliões e um conjunto de devotos, moradores das casas visitadas, pessoas com quem se estabelece algum tipo de relação fundamental. Trata-se assim de uma rede religiosa que perpassa relações sociais de trocas e reciprocidades. Como já havia notado Carlos Brandão, com base nas formulações de Marcel Mauss de 1925<sup>166</sup>, as jornadas configuram-se como formas universais de prestações e contraprestações totais<sup>167</sup>.

Destaca Wagner Chaves que uma jornada começa a ser concebida no exato momento em que uma pessoa, assolada por alguma situação de vulnerabilidade e incerteza, seja de ordem física, financeira, espiritual, se apega a um determinado santo para resolução desses conflitos. Em se tratando da lógica da reciprocidade envolvidas nos casos de promessas, a pessoa, ao pedir ao santo a realização de certa dádiva, escolhe também como será a forma de retribuição. Uma das possibilidades de pagamento dessa promessa é a do fiel se comprometer a participar da jornada como festeiro<sup>168</sup> ou recebendo a folia em sua casa e ofertando comidas e “esmolas” para a festa do santo de devoção. Dessa forma, a continuidade das folias está relacionada à sua própria eficácia espiritual em relação às demandas dos fiéis.<sup>169</sup>

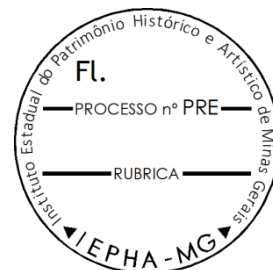
---

<sup>166</sup> MAUSS, 2003.

<sup>167</sup> Prestações e contraprestações totais devem ser entendidas como relações de trocas estabelecidas entre fiel, foliões e santos de devoção que englobam a totalidade da vida dos envolvidos. Sobre a utilização desses conceitos no entendimento das folias, ver Carlos Rodrigues Brandão (1981), Daniel Bitter (2010), Luzimar Pereira (2012).

<sup>168</sup> Quando alguém assume o cargo de festeiro, ele se torna o responsável pela realização da festa de arremate do próximo ano. Com o auxílio do grupo o festeiro passa a angariar fundos para financiar o evento. Esse cargo dura somente um ano, sendo que no ano seguinte uma nova pessoa ocupa essa função.

<sup>169</sup> BITTER, 2008.



Como demonstra Bitter<sup>170</sup>, a unidade mínima de uma jornada é a visita a uma casa. Observa-se nesse espaço ritual toda a sequência básica de ações de um grupo de folia, tais como chegada, entrada na casa, distribuição de bênçãos, refeição, apresentação dos palhaços – quando integrantes da folia –, ofertas, agradecimentos e despedida.

Sobre os percursos executados nas jornadas, é comum que muitos grupos já tenham pré-estabelecido o circuito a ser percorrido. Os foliões já sabem quais as casas serão visitadas, pois os devotos os procuram com antecedência e sinalizam a vontade de receber a folia em nome do santo de devoção, seja os Santos Reis, São Sebastião, Divino Pai Eterno, entre outros. No entanto, os caminhos percorridos podem ser marcados pelo imprevisível, onde mudanças e perigos podem ocorrer influenciando diretamente na dinâmica antes arranjada. Por esse motivo, o cuidado com os preparativos torna-se importante fator na estruturação da peregrinação.

A participação dos foliões nas jornadas implica inúmeras rupturas com o mundo cotidiano. Destaca Luzimar Pereira<sup>171</sup> todo o esforço que foliões fazem em suas vidas particulares para criarem possibilidades de estar presente no momento do giro. Aqueles que têm trabalhos assalariados tendem a programar suas férias para o período de realização das jornadas. Há aqueles que buscam estabelecer acordos com os patrões de modo a serem liberados no período específico. Alguns integrantes optam por trocar os dias de serviço, comprometendo-se a compensar suas faltas trabalhando nos finais de semana seguintes para compensar suas faltas. Em casos extremos, como aqueles foliões e cantadores que não contam com o apoio de seus patrões, pode ocorrer o abandono definitivo do emprego por se considerar as comemorações aos santos de devoção mais importantes. Aqueles foliões que trabalham no campo ou no pequeno comércio esforçam-se para adiantar os serviços. Quando não é possível esse adiantamento sozinho ou com mão de obra familiar, muitos buscam trabalhadores remunerados ou procuram acertar trocas de dias e mutirões junto a parentes, compadres e vizinhos.

---

<sup>170</sup> BITTER, 2008.

<sup>171</sup> PEREIRA, 2012, p. 231

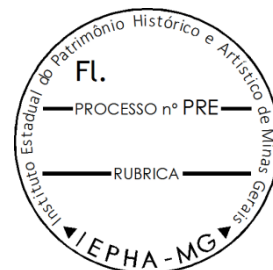


Percebe-se que as dificuldades que ocorrem nos momentos de preparação para as jornadas, geralmente, não se desdobram em questões que impeçam a dedicação dos foliões aos festejos. De acordo com Pereira<sup>172</sup>, essas peregrinações são entendidas pelos foliões como um sacrifício religioso oferecido aos santos através de um reconhecido sofrimento do corpo e da alma. O afastamento temporário do espaço cotidiano, abdicando-se do trabalho, da família e da própria casa eleva esses sujeitos a um patamar de doação ao outro estabelecendo laços de trocas horizontais, com os devotos responsáveis pelas promessas, e verticais, relacionados ao sagrado e a afinidade desenvolvida com os próprios santos reis e demais santos de devoção. Os integrantes das folias percebem que a participação no evento religioso pode ser fonte de certos benefícios sagrados. Destaca Luzimar que, movidos por sua devoção, cantadores e tocadores acreditam fortemente que os santos ajudam aqueles que têm a missão de conduzir as peregrinações em seu nome. Nesse sistema de troca, a reciprocidade parece evidente, inclusive com relação ao fato de “não ir” às jornadas, fator que pode ter consequências negativas na vida daquele folião. O fato de ser um folião e não participar de uma jornada pode acarretar muitos castigos divinos, pode, na verdade, ser totalmente infrutífero no plano das obrigações cotidianas.

Em se tratando das práticas culturais das folias de Minas, os foliões ao chegarem a uma casa para o cumprimento de promessa, preparam-se para iniciar a cantoria. Neste momento, a concentração é maior e o silêncio, torna-se fundamental. Quando a devoção é para os reis Magos, mestre e contramestre iniciam os primeiros toques e versos anunciando a chegada dos Santos Reis e na sequência pedem licença para que o grupo possa entrar a casa. O morador vem ao encontro do grupo, onde louva e beija a bandeira. O alferes, responsável por carregar a bandeira, a transfere para o devoto que na sequência leva a bandeira para o interior da casa, seguido dos foliões. Comumente, a sala é o espaço usado para receber a folia, sendo que os foliões normalmente não têm permissão para

---

<sup>172</sup> PEREIRA, 2012.



entrar nos cômodos mais íntimos da casa, privilégio restrito à bandeira pelo seu caráter de purificação do ambiente e dos fiéis.

Tomemos como exemplo o canto referente à saudação ao dono da casa realizado pela Folia de Reis Arceburguense – Arceburgo/MG:

Encerrando está homenagem, oi lá, oi lará;  
Com a bandeira na mão, oi lê, laralá;  
Com a bandeira na mão, oi lá, oi lará, oi larááá...

Pra saudar o dono da casa, oi lá, oi lara;  
Nessa sua permissão, oi lê, oi lará;  
Nessa sua permissão, oi lá, oi lará, oi larááá...

Pra falar o seu letreiro, oi lá, oi lará, oi lará;  
Espalhado aqui no chão, oi lê, lará;  
Espalhado aqui no chão, oi lá, oi lará, oi larááá...

Consagradas profecias, oi lá, oi lará;  
Que escreveu com devoção, oi lê, lará;  
Que escreveu com devoção, oi lá, oi lará, larááá...

Os Bastião vão declarar, oi lá, oi lará;  
Como manda a tradição, oi lê, lará;  
Como manda a tradição, oi lá, oi lará, oi larááá...

Nessas palavras da vida, oi lá, oi lará;  
Pra cumprir sua missão, oi lê, lará;  
Pra cumprir sua missão, oi lá, oi lará, oi larááá...<sup>173</sup>

Altars e presépios são as principais referências de uma folia de reis na visita a uma casa. Assim, posicionadas de frente a esses elementos sagrados, o grupo inicia toadas de adoração aos Santos Reis, onde foliões e devotos se submetem a uma esfera de sacralidade. A existência de um presépio em uma casa é tratada com efetivo rigor, fato evidenciado na fala de Ricardo Pereira:

---

<sup>173</sup> FOLIA DE REIS ARCEBURGUENSE. Saudação ao Dono da Casa Música. Arceburgo-MG.

Na época da Folia, de Dezembro a Janeiro, que é o dia da festa, sempre nas casas dos devotos se encontra um presépio. Então a Folia quando chega numa casa a primeira coisa que o tesoureiro pergunta, o alferes, é se tem um presépio na casa, porque se tiver um presépio a Folia tem que ir lá saudar aquele presépio, saúda cada imagem daquele presépio em forma de cantoria e depois parte pra abençoar os devotos, a casa e pedir a esmola pra ajudar a fazer a festa, e a despedida.<sup>174</sup>

Segundo Bitter<sup>175</sup>, devido a sua propriedade sensível e emotiva, a música e as narrativas míticas desempenham função central na criação desta ambiência e em produzir certas respostas perceptivas. Qualquer fato ou imprevisto que ocorra dentro do conjunto ritual que é celebrado pelos grupos de folia, torna-se traduzível com base nas narrativas e músicas entoadas pelos foliões.

Como se pode observar nas imagens que se seguem, é comum que na sequência ritual da visita, após um primeiro conjunto de rezas e cantos, muitos fiéis vão ao encontro da bandeira para estabelecer ali uma relação íntima de ligação com o santo ali representado. A bandeira torna-se assim um elemento carregado de poder, onde os residentes e demais presentes a tocam e beijam com a esperança de receber bênçãos e proteção espiritual. Muitas vezes, devotos costumam também tocar as fitas coloridas da bandeira em seu corpo, especialmente no rosto ou no pescoço. Em outros momentos, os fiéis podem manter longos diálogos com a bandeira como se estivessem, de fato, tendo contato com os santos.

---

<sup>174</sup> CANDIDO, José Francisco. PEREIRA, Ricardo. Folia de Minas. [02 de junho de 2016]. Uberaba. **Projeto Folia de Minas**. IEPHA-MG. Entrevista concedida à Débora Raiza Carolina Rocha Silva.

<sup>175</sup> BITTER, 2008.



**Figura 37:** Encontro de Folia de Reis da Quinta do Sumidouro – Pedro Leopoldo/MG. Julho de 2016

**Fonte:** Acervo IEPHA-MG



**Figura 38:** Reunião João Pinheiro. Associação de Grupos de Folia.

Setembro de 2016

**Fonte:** Acervo IEPHA-MG

Nota-se que a sequência ritual é variada e dinâmica sendo modificada de acordo com a necessidade do momento. No caso das folias de Reis, é comum que após o solene período de cantoria, onde capitão e palhaço entoam seus cantos e narrativas, ocorra o intervalo para descanso dos foliões. Neste momento, os donos da casa costumam retribuir a visita com oferta de comidas e bebidas, previamente preparadas para a ocasião. Abre-se assim, um espaço de maior descontração, onde foliões e devotos interagem informalmente. Em alguns locais, os próprios foliões tocam músicas de caráter mais lúdico para animar e divertir os donos da casa e seus familiares. É neste espaço que a brincadeira do palhaço se realiza, podendo se dar em algum local dentro ou fora da casa, permanecendo ao critério dos residentes.



**Figura 39:** Encontro de Folia de Reis da Quinta do Sumidouro – Pedro Leopoldo/MG. Julho de 2016

Fonte: Acervo IEPHA-MG

**Figura 40:** Encontro de Folia de Reis da Quinta do Sumidouro – Pedro Leopoldo/MG. Julho de 2016

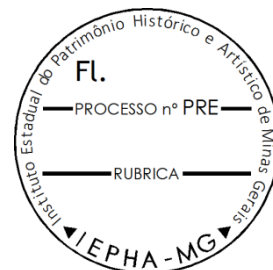
Fonte: Acervo IEPHA-MG

Em determinadas folias de reis, o palhaço entra na casa junto com os mestres do grupo, na linha de frente, logo atrás da bandeira. Lá permanecem durante toda a cantoria para adoração ao presépio ou imagem que se encontre no interior da residência. Inseridos nesse espaço, os palhaços são obrigados a retirarem suas máscaras em respeito às imagens. Em outros contextos, ao palhaço só é permitida entrada após a primeira fase de louvor permanecendo do lado de fora aguardando o momento de sua exibição lúdica. A entrada na casa se dá de forma gradual como um “rito de passagem”<sup>176</sup>, onde se faz insistentes pedidos de licença ao devoto que recebe a folia. Nota-se, nesse sentido, um processo de passagem dentro do próprio ritual onde se abre um espaço específico para que a performance dos palhaços se manifeste.

Há muitas incidências onde a bandeira é retirada do espaço onde o palhaço realiza sua apresentação. Em outros contextos, ela é coberta com um pano, indicando que a visibilidade deste objeto é uma via privilegiada para a manifestação de seus poderes. No entanto, a presença da bandeira e sua proximidade são aspectos que garantem sua eficácia, pois os palhaços só devem aproximar dela despidos de suas máscaras, como

---

<sup>176</sup> VAN GENNEP, 1978.



também não devem afastar-se demais, pois estão submetidos a sua proteção. Argumenta-se que a razão desse perigo iminente e desses interditos pode ser encontrada na exegese mitológica já mencionada, relativa à representação de Herodes, e seus soldados no contexto de perseguição ao menino Jesus.<sup>177</sup>

Faz parte do seu momento a declamação dos versos memorizados ou improvisados, denominados chulas, que variam de acordo com as circunstâncias do ato. Nesse momento, tocadores de instrumentos de percussão, juntamente com os demais foliões, formam uma orquestra para acompanhar a performance do palhaço, entremeando suas falas. Observa-se que as intervenções dos palhaços possuem caráter fortemente cômico, tendo muitas vezes o público e mesmo o próprio dono da casa como alvo de suas brincadeiras. O principal objetivo desses mascarados é divertir os espectadores com acrobacias e perspicácia no improviso visando angariar ofertas para o arremate. Os ganhos, assim, dependem de uma negociação permanente entre palhaço e público, na qual se trocam versos ou bailados por dinheiro e doações.

Terminada a refeição e a apresentação dos palhaços, o mestre convoca todos os foliões para o interior da casa para o agradecimento e a continuação das bênçãos. Toma-se como ilustração a música de agradecimento do almoço e na sequência imagem que retrata o mesmo motivo:

Vamos agora agradecer,  
Vamos agora agradecer, oi lará;  
nossa grata refeição, oi larê, lará.

Vamos agora agradecer,  
Vamos agora agradecer, oi lará;  
nossa grata refeição, oi larê, êêê.

Os três reis do Oriente,  
os três reis do Oriente, oi lará;  
onde estai santa benção, oi larê, êêê.

Agradeço ao seu convite,  
Agradeço ao seu convite, oi lará;

---

<sup>177</sup> BITTER, 2008, p. 59.

E também o bom café, oi larê, lará.

Agradeço ao seu convite,  
Agradeço ao seu convite, oi lará;  
E também o bom café, oi larê, êêê.

O seu nome está gravado,  
o seu nome está gravado, oi lará;  
no livro de santos reis, oi larê, lará.

O seu nome está gravado,  
o seu nome está gravado, oi lará;  
no livro de santos reis, oi larê, êêê.

Agradeço as cozinheiras,  
agradeço as cozinheiras, oi lará;  
isso é toda Companhia, oi larê, lará.

Agradeço as cozinheiras,  
agradeço as cozinheiras, oi lará;  
isso é toda Companhia, oi larê, êêê.

Os três reis que traz saúde,  
os três reis que traz saúde, oi, lará;  
toda hora e todo dia, oi larê, lará.

Os três reis que traz saúde,  
os três reis que traz saúde, oi, lará;  
toda hora e todo dia, oi larê, êêê.<sup>178</sup>

Na Figura 41, pode-se observar o referido momento, quando foliões se posicionam frente aqueles que ofereceram a oferta para iniciar o agradecimento. Percebe-se na imagem que os responsáveis por conduzir a bandeira são os próprios palhaços fato que ocorre com alguns grupos onde não existe a figura do alferes.

---

<sup>178</sup> FOLIA DE REIS ARCEBURGUENSE. Agradecimento do almoço. Arceburgo-MG.



**Figura 41:** Encontro de Folia de Reis da Quinta do Sumidouro – Pedro Leopoldo/MG. Julho de 2016.

**Fonte:** Acervo IEPHA-MG

No momento em que ocorre a doação de alimentos para a festa de encerramento e ofertas em dinheiro, é comum que as notas sejam fixadas diretamente na bandeira ou nas fitas. Neste momento, a bandeira realiza uma de suas muitas mediações, opera uma espécie de purificação do dinheiro recebido. Dinheiro, nesse caso, possui um significado particular distinguindo-se da forma com que é construída na esfera do mercado. Aqui ele representa seus proprietários e a busca de fartura para a família representa um sacrifício pessoal e é parte de um contrato estabelecido entre fiel e santos com o objetivo de alcançar retribuições superiores.

Ao anunciar que “a bandeira vai embora”, inicia-se a sequência de cantos de despedida. Como vem sendo observado, cada grupo instrui o momento de acordo com seus conhecimentos específicos. Em certos contextos, ao dono da casa é repassada a bandeira, que deve manter a face do objeto ritual sempre voltada para a folia que vagarosamente vai se retirando. Nessa etapa, a bandeira tem por função realizar a mediação entre a casa e a rua. Na porta da casa, a bandeira é entregue à bandeireira/alferes, que a faz girar de modo a mantê-la com a face voltada para o dono da casa. Após todas as formalidades da



sequência ritualística se escuta a indicação do mestre/capitão para término da visita. Após essa sequência o grupo se dirige para outra residência dando continuidade a peregrinação.

#### 4.5. A entrega da bandeira

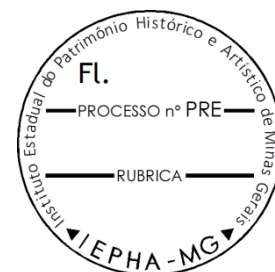
Entende-se que as jornadas correspondem ao período em que a bandeira ganha temporariamente uma dimensão pública. É o momento em que aos fiéis é oferecida a oportunidade de ter o contato direto com o elemento que simboliza as entidades cultuadas. Ao fim do ciclo de jornadas, a bandeira passa por um ritual de encerramento particularmente importante. A entrega da bandeira, como se denomina, é realizada ao final do ciclo de visitas e próximo ao dia do padroeiro ou demais santos de devoção, como, por exemplo, em janeiro o dia 06 para os Santos Reis e o dia 20 para São Sebastião. Habitualmente, esse ritual ocorre em locais importantes para a folia, podendo ser na sede da própria folia ou na casa do capitão. É nessa circunstância que os foliões se despedem da bandeira para que retorne novamente ao seu local específico, seja um altar ou guardada pelo responsável, para que volte a circular somente ao final do decorrente ano. A entrega é um ritual de exaltação, bastante dramático, no qual se encena a despedida em relação à jornada, à bandeira e aos foliões.

Na música transcrita a seguir, pode-se compreender os agradecimentos e despedidas:

Agradeço aos foliões, ai, ai, ai;  
Agradeço aos foliões, ai, ai, ai.  
Que ajudaram com a jornada, ai, ai, ai;  
Que ajudaram com a jornada, ai, ai, ê, ê, ê...

Vei cumprir a missão, ai, ai, ai;  
Vei cumprir a missão, ai, ai, ai.  
Nessa hora abençoada, ai, ai, ai;  
Nessa hora abençoada, ai, ai, ê, ê, ê...

É hora da despedida, ai, ai, ai;  
É hora da despedida, ai, ai, ai.  
Tá na hora da chegada, ai, ai, ai;  
Tá na hora da chegada, ai, ai, ê, ê, ê...



Está entregue essa promessa, ai, ai, ai;  
Está entregue essa promessa, ai, ai, ê, ê, ê...  
Essa hora tão sagrada, ai, ai, ai;  
Essa hora tão sagrada, ai, ai, ê, ê, ê...<sup>179</sup>

Uma vez posicionados para a entrega da bandeira, cada integrante é chamado a se despedir, ganhar a benção final e encerrar sua obrigação daquela jornada. Em relação aos palhaços, uma vez liberados da função, visto que passaram por um batismo ritual, não mais devem colocar as máscaras. Todas as outras pessoas que se fazem presentes e que não integram a folia são levadas também a se despedirem. A bandeira é a última a ser chamada, pois é ela quem encerra o ritual de entrega da bandeira.

Como exemplificado anteriormente, é nessa fase que àqueles grupos que realizam a jornada contínua entre Santos Reis e São Sebastião efetuam a troca das bandeiras. Com o objetivo de iniciar uma nova jornada, agora eles passam a utilizar a bandeira de São Sebastião em substituição a dos três reis. E, por outro lado, há aqueles que, finalizada a jornada dos Reis Magos, encerram as atividades e as retomam somente próximo ao dia do outro santo de devoção. Ao final desse ciclo, iniciam-se os preparativos para a festa de encerramento onde todo o esforço empreendido na jornada é canalizado numa grande comemoração.

#### 4.6. A festa de confraternização – arremate

A festa de confraternização, conhecida também como arremate é um evento que encerra o ciclo das jornadas e não possui data específica para acontecer. Pode variar de acordo com a organização e disponibilidade orçamentária de cada grupo. O único período que se faz necessário interromper as atividades é durante a Quaresma<sup>180</sup>, período que os grupos de

<sup>179</sup> FOLIA DE REIS ARCEBURGUENSE. Agradecimento aos foliões. Arceburgo-MG.

<sup>180</sup> Essa regra encontra exceção quando se tratam das folias do Divino e Charolas, únicas práticas desse universo permitidas a realizarem suas atividades durante a Quaresma.

folia não realizam nenhuma atividade. O circuito de visitação realizado pela folia é uma longa fase preparatória para esse momento, pois é através destes circuitos de visitação que a folia acumula uma parte dos recursos necessários para sua celebração.

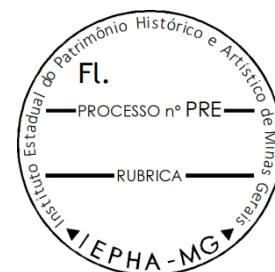
O arremate mobiliza grande número de pessoas, familiares, amigos e devotos em uma extensa rede de solidariedade. É comum a muitas folias o costume de convidar outros grupos para comungar do banquete oferecido na festa, pois compartilhar o alimento é ponto marcante do fechamento do ciclo festivo. Desse modo, esses coletivos se inserem em um extenso circuito de trocas entre eles próprios, através do qual se fortalece os vínculos e relações de amizade entre as partes. Marcel Mauss<sup>181</sup> demonstra que o alimento se insere nesses espaços como verdadeiro dom religioso, estando inscrito em um amplo sistema de prestações totais. Estabelece mediações importantes entre diversos domínios do mundo social e cosmológico. A realização do arremate se constitui o ápice do sistema de reciprocidade praticado pelos foliões. Através dele, foliões e devotos realizam plenamente sua obrigação para com os santos aos quais são devotos, oferecendo a sua contraparte num contrato que, em realidade, é permanente. Sobre esse tema, Seu Odorino Siqueira discorre sobre como se conformou o ato de pedir doações e realização da festa em comemoração ao nascimento de Jesus e à visita dos três reis do Oriente:

*Então, aí tá a passagem. Quando já tavam pra seguir pra outra viagem, esse foi o princípio. Meus pais me ensinou, outras pessoas mais velhas. Então, Abraão escreveu: "vai de porta em porta dando a notícia que o menino Jesus nasceu". Eles chegaram e cantaram nas porta e perguntavam pela profecia que nasceu o Messias. Aí, que foi, que eles andaram com a folia até o dia 06 de janeiro. Quando foi no dia 06, igual eu falei com vocês, eles pegaram, que desse dinheiro que eles pegaram eles tiraram só um vintém... Esse vintém deu pra fazer a festa toda da folia e ainda sobrar pra mandar pra São Vicente de Paula.<sup>182</sup>*

---

<sup>181</sup> MAUSS, 2003.

<sup>182</sup> CARVALHO, Antônio Pinto de; SIQUEIRA, Odorino Avelino. Folia de Minas. [31 de junho de 2016]. Betim/MG. **Projeto Folia de Minas**. Entrevista concedida a Breno Trindade, Débora Raiza Carolina Rocha Silva, Guilherme Eugênio e Renata Lopes. Disponível no Acervo documental IEPHA-MG.



A festa permite a visibilidade da fé de um grupo, intensifica os laços de comprometimento recíprocos entre foliões e devotos e entre estes e suas divindades. Trata-se de uma ostentosa cerimônia marcada por ações religiosas, intensa comensalidade com fartura de comida e bebida, atravessada ainda por numerosos aspectos da realidade. Dimensões econômicas, estéticas, morais, religiosas, materiais, “espirituais”, visíveis, invisíveis, mundanas, extramundanas, se entrelaçam para configurar a festa como um “fato social total”.<sup>183</sup>

O arremate bem como o circuito de visitas, instaura um tempo especial, um tempo de devoção, em contraposição ao tempo cotidiano vivenciado pelos foliões no restante do ano. Trata-se de um conjunto de ações deslocadas da vida diária, impondo-se de forma estrutural, produzindo efeitos sobre a organização social. É um tempo em que os homens se sentem mais próximos de suas divindades e mais distantes das vicissitudes mundanas. Nele mergulhados, foliões e devotos possivelmente sentem-se mais protegidos das incertezas, tensões sociais e carências da vida diária. Torna-se assim um espaço de resoluções de conflitos onde os próprios valores sociais são reafirmados auxiliando a coesão social.

Ao longo dessa seção, buscou-se desenvolver a caracterização do universo cultural das folias de Minas identificado ao longo das pesquisas aqui realizadas. Pôde-se perceber que se trata de um contexto amplamente complexo e de difícil generalizações. Todavia, entende-se que é possível acessar uma estrutura comum aos grupos aqui identificados. Configurando-se como uma rede religiosa que abrange todo o estado. Rede essa regida por linguagem e códigos próprios que perpassam as celebrações tendo como base a família, a devoção e as promessas. Com base no que foi discutido ao longo de todo o Dossiê, será apresentado na próxima seção o Plano de Salvaguarda para as Folias de Minas, que irá balizar as ações da política patrimonial que, uma vez aprovado, será desenvolvido a curto, médio e longo prazo.

---

<sup>183</sup> BITTER, 2008.

## 5. SALVAGUARDA DAS FOLIAS DE MINAS

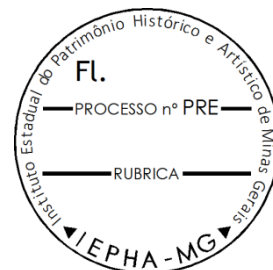
A *Salvaguarda* é um dos instrumentos de proteção do patrimônio cultural brasileiro previstos, tanto na legislação federal, quanto na legislação estadual<sup>184</sup> e em alguns municípios. Em linhas gerais, trata-se do conjunto de ações promovidas por diversos agentes no sentido de reconhecer, valorizar, estimular, fomentar, divulgar e promover o bem cultural protegido. Como ponto de partida, as ações de salvaguarda devem ser construídas pelo poder público, prioritariamente, em conjunto com coletivos culturais responsáveis pela existência do bem. Isto pois, a manutenção dessas práticas está intrinsecamente relacionadas com os agentes promotores desse patrimônio e sem eles não existe razão de ser.

As medidas de salvaguarda aqui propostas, referem-se ao patrimônio cultural imaterial que, assim como a própria dinâmica da cultura, não possui limites físicos que o delimite, nem que o separe de suas vertentes materiais ou da sociedade/grupos que o produz. Tal patrimônio possui como característica ser difuso<sup>185</sup>, fato que deve ser levado em consideração nas diversas ações de políticas públicas de valorização desse patrimônio, assegurando aos executores dessas práticas a possibilidade de continuidade. Nesse tocante

---

<sup>184</sup> Referimo-nos aqui aos artigos nº 215 e nº 216, da Constituição Federal do Brasil, e aos artigos nº 207, nº 208 e nº 209, da Constituição Estadual de Minas Gerais. Também ao Decreto Federal, nº 3.551 de 04 de agosto de 2000 ao Decreto Estadual nº 42.505, de 15 de abril de 2002, que instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial em Minas Gerais.

<sup>185</sup> Em linhas gerais os *direitos difusos* constituem direitos transindividuais, ou seja, que ultrapassam a esfera de um único indivíduo, caracterizados principalmente por sua indivisibilidade e coletividade. Segundo Castilho: “Os interesses difusos são aqueles em que os titulares não são previamente determinados ou determináveis e encontram-se ligados por uma situação de fato; são, portanto, indivisíveis e, embora comuns a certas categorias de pessoas, não se pode afirmar com precisão a quem pertençam, nem em que medida quantitativa sejam compartilhados; não há vínculo entre os titulares. A doutrina, em unanimidade, cita os exemplos do direito de respirar o ar puro, propaganda enganosa pela televisão, direitos humanos, do consumo em geral, meio ambiente, qualidade de vida, questões econômicas e sociais etc. Vislumbra-se, assim, os interesses relativos à qualidade de vida, como a proteção ao consumidor, o meio ambiente, direitos humanos, constituindo-se interesses metaindividuais que necessitam de um tratamento diferenciado em razão de sua natureza. Podemos mesmo dizer que os interesses difusos são uma categoria diferenciada das demais e que têm tratamento normativo diferenciado”. CASTILHO, Ricardo dos Santos. **Direitos e interesses difusos, coletivos e individuais homogêneos**. Campinas: LZN editora, 2004. p. 35 e 36.



existe a necessidade, já constatada em outros processos de bens culturais imateriais reconhecidos, de se ampliar tal política, apoiando as práticas e garantindo efetivamente a valorização dos executores.

O Programa Estadual de Patrimônio Imaterial – PEPI<sup>186</sup>, aponta alguns caminhos para implementação dessa política, inclusive para a obtenção e garantia dos recursos necessários a este fim. O texto do programa serviu como parâmetro para a estruturação dessa salvaguarda em virtude das diretrizes e orientações nela contida. O tópico segundo do programa estabelece as *Diretrizes da política de fomento do Programa Estadual do Patrimônio Cultural Imaterial*. Segundo o texto as diretrizes devem:

- *Promover a inclusão social e a melhoria das condições de vida de produtores e detentores do patrimônio cultural imaterial;*
- *Ampliar a participação dos grupos que produzem, transmitem e atualizam manifestações culturais de natureza imaterial nos projetos de preservação e valorização desse patrimônio;*
- *Promover a salvaguarda de bens culturais imateriais por meio do apoio às condições materiais que propiciam sua existência, bem como pela ampliação do acesso aos benefícios gerados por essa preservação;*
- *Implementar mecanismos para a efetiva proteção de bens culturais imateriais em situação de risco;*
- *Respeitar e proteger direitos difusos ou coletivos relativos à preservação e ao uso do patrimônio cultural imaterial.*

Nesse sentido são esses os pontos que devem ser observados e incorporados na construção dessa proposta.

Em relação a *Sustentabilidade* do bem cultural registrado, o tópico quarto aponta as medidas que devem ser implementadas, as quais a presente salvaguarda coaduna:

#### *4 – Sustentabilidade*

- a) Formulação e implementação de planos de salvaguarda de bens culturais inventariados ou registrados;*

---

<sup>186</sup> O Programa Estadual do Patrimônio Cultural Imaterial foi elaborado em 2011 e entregue a Secretária de Estado de Cultura para análise e aguarda regulamentação. IEPHA-MG – *Programa Estadual do Patrimônio Cultural Imaterial – PEPI (Minuta)*. GPI, 2011.

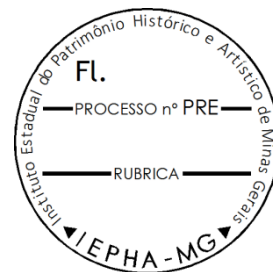
- b) Estímulo e apoio à transmissão de conhecimento entre produtores de bens e de manifestações de natureza imaterial;*
- c) Incentivo a ações de reconhecimento e valorização de detentores de conhecimentos e formas de expressão tradicionais, e apoio às condições sociais e materiais para a continuidade destes conhecimentos;*
- d) Apoio a ações que visem à organização comunitária e gerencial de produtores ou detentores de bens culturais;*
- e) Apoio a ações de melhoria das condições de produção e circulação de bens culturais imateriais, numa perspectiva de preservação do meio ambiente e de proteção de contextos culturais específicos;*
- f) Apoio a programas de desenvolvimento social e econômico que incluam e valorizem o patrimônio cultural imaterial das comunidades envolvidas;*
- g) Elaboração de indicadores para acompanhamento e avaliação de ações de valorização e salvaguarda do patrimônio cultural imaterial.*

Ainda em relação ao Programa Estadual do Patrimônio Imaterial, o tópico quinto estabelece as necessidades referentes a Promoção do bem cultural protegido, segundo ele as ações de promoção devem seguir seguintes orientações:

#### *5 – Promoção*

- a) Divulgação de ações exemplares de identificação, registro e salvaguarda, visando à promoção do entendimento da população dos objetivos e do sentido do Programa Estadual do Patrimônio Cultural Imaterial;*
- b) Desenvolvimento de programas educativos com vistas à democratização e difusão do conhecimento sobre o patrimônio cultural mineiro, em especial o de natureza imaterial;*
- c) Ações de sensibilização da população para a importância do patrimônio cultural imaterial na formação da sociedade brasileira;*
- d) Ações de divulgação e promoção de bens culturais imateriais registrados ou inventariados.*

Isto posto, cabe ressaltar que foram esses os balizamentos utilizados na construção dessa proposta, aliados ainda às necessidades identificadas durante a realização dos trabalhos de campo.



## PROPOSTAS DE AÇÕES DE SALVAGUARDA PARA AS FOLIAS DE MINAS E BENS ASSOCIADOS

Conforme mencionado, o desenvolvimento das ações de salvaguarda das Folias de Minas aqui descritas se apoiaram nas demandas levantadas a partir dos encontros com os grupos de folia, nas reflexões técnicas desenvolvidas durante as outras etapas do trabalho e nas diretrizes estabelecidas no PEPI.

As ações apresentadas são orientações que devem ser ratificadas durante a elaboração do *Plano de Salvaguarda das Folias de Minas*, documento que será atualizado caso ocorra a confirmação do Registro pelo Conselho Estadual do Patrimônio Cultural – CONEP. No documento ampliado deverá constar, o detalhamento das atividades propostas, o período para sua implementação, as orientações para a gestão, entre outros. Além disso, a proposta apresentada deverá ser convalidada pelos detentores do bem cultural e agregada a outras demandas observadas durante a realização dos fóruns regionais que ocorreram anualmente.



A construção do Plano de Salvaguarda deverá ter como eixos gerais os temas da Valorização da Memória; da Transmissão da tradição; do Suporte e estrutura física e do Reconhecimento e Divulgação.



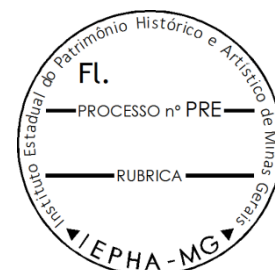
Todos esses eixos deverão ser trabalhados ainda na perspectiva temporal, definindo prioridades e estratégias de atuação para cada um deles. Dessa forma as propostas devem ser definidas em um horizonte de curto, médio e longo prazo.



As demandas de salvaguarda surgidas durante o processo de pesquisa foram sistematizadas e estão apresentadas na planilha a seguir (Quadro 1).

**Quadro 1:** DEMANDAS GERAIS IDENTIFICADAS DURANTE O PROCESSO DE PESQUISA

- Promover encontros regionais para validação e levantamento de novas demandas;
- Apoiar e fortalecer as articulações entre as folias;
- Articular pontuação extra aos projetos apresentados ao FEC e a LEIC que estejam articulados à salvaguarda das folias;
- Manutenção e estímulo ao cadastro de mais grupos com a intenção de realizar um censo das folias em Minas;
- Criar calendário de Encontro e Festas;
- Criar editais específicos que contemplem as necessidades dos diversos grupos como, por exemplo, deslocamento, vestimenta, aquisição e manutenção de instrumentos;
- Estimular as políticas públicas locais para a salvaguarda das folias;
- Treinar equipes locais dos municípios de patrimônio cultural para a pesquisa com as folias;



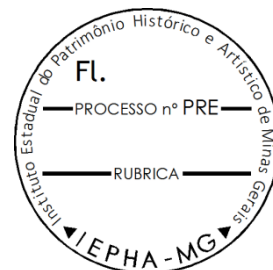
• Solicitar ao IPHAN o registro das Folias como Patrimônio Cultural do Brasil;
• Elaborar Plano de Comunicação com vias a divulgar e valorizar as ações relacionadas às folias;
• Elaborar documentário audiovisual das Folias em Minas;
• Incentivar a participação de novas gerações a participar das práticas relacionadas com as Folias de Minas;
• Promover o compartilhamento dos saberes das folias para as novas gerações, articulando os modos tradicionais com as novas tecnologias;
• Promover a formação de professores para abordagem da temática das folias em sala de aula e nos espaços não formais de educação;

Com base nesse levantamento foi proposto um *Cronograma Inicial do Plano de Salvaguarda das Folias em Minas* (Quadro 2) que deverá ser convalidado nos fóruns regionais, bem como acrescido de novas demandas. A proposta é que a salvaguarda seja um processo dinâmico que envolva e que seja construída por um maior número de indivíduos.

#### Cronograma inicial do Plano de Salvaguarda das Folias de Minas

	Quadro 2: Ação ou Projeto	Prazo
01	Encontros regionais para validação e levantamento de novas demandas;	1 semestre
02	Criação de Editais;	Abril
03	Elaboração de documentário audiovisual das Folias em Minas;	Junho
04	Criação do <i>Cadernos do Patrimônio Cultural: Folias de Minas</i> ;	Junho

<b>05</b>	Elaboração de um plano de Educação para o patrimônio para divulgar e valorizar as ações relacionadas as folias;	Junho
<b>06</b>	Distribuição dos cadernos na Rede Pública de Ensino;	Setembro
<b>07</b>	Elaboração de um plano de comunicação para divulgar e valorizar as ações relacionadas as Folias de Minas;	Junho
<b>08</b>	Implementação do Plano de Comunicação;	
<b>09</b>	Editais de pesquisa das Folias junto a FAPEMIG	Abril
<b>10</b>	Publicação do Dossiê de Registro das Folias de Minas;	
<b>11</b>	Cadastro das Folias	Contínuo
	Ação ou Projeto	Prazo
<b>01</b>	Encontros regionais para validação e levantamento de novas demandas;	1 semestre
<b>02</b>	Documentário audiovisual das Folias em Minas continuação	Fevereiro
<b>03</b>	Editais das Folias	Abril
<b>04</b>	Elaboração de documentário audiovisual das Folias em Minas	Junho
<b>05</b>	Cadastro das Folias	Contínuo



Inicialmente o cronograma de ações foi definido para um período de dois anos, e caso o Registro das Folias de Minas seja ratificado pelo CONEP, o plano deverá conter a previsão de ações futuras, até o período de dez anos, quando haverá o processo de revalidação, ou não do registro. Por fim, a possibilidade de definições anuais, sugeridas nessa salvaguarda, permite os ajustes sempre necessários, bem como contemplar propostas e ações não identificadas no momento da criação do documento. Espera-se com o Registro e a implantação da salvaguarda, garantir as condições de manutenção desse importante bem cultural de Minas Gerais que une fé, cultura e arte e que é identitário das tradições e celebrações do estado.

## 6. MÉRITO DO REGISTRO DAS FOLIAS DE MINAS GERAIS

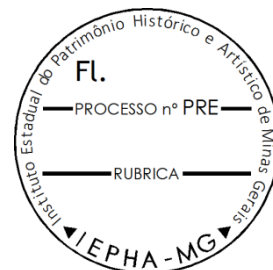
Após percorrer as diversas etapas da pesquisa desde a identificação, passando pelo inventário, pela elaboração do presente dossiê e das propostas para a salvaguarda, chega-se ao final dessa etapa da pesquisa. A noção inequívoca, delineada ao longo de todo esse processo, é que as folias são uma importante expressão da cultura brasileira e mineira. O texto que ora se finaliza foi construído a fim de se aprofundar as análises históricas, antropológicas, sociológicas, geográficas e demográficas, entre outras, que buscaram caracterizar e demonstrar as Folias de Minas como um bem cultural passível de ser considerado Patrimônio Cultural do Estado de Minas Gerais. O esforço empenhado na pesquisa foi acompanhado de perto pela impressão, ainda que tácita, de que as folias, nas suas mais diversas características, atendiam a diversos pontos dos critérios para o registro de um bem cultural pelo estado<sup>187</sup>.

Dessa forma, presente em diversas regiões do país, a celebração, que mescla elementos de diversas matrizes culturais e religiosas, parece ter encontrado em Minas Gerais terreno fértil, fincou raízes em praticamente todo o estado. A quantidade de grupos cadastrados durante a pesquisa e a sua distribuição pelo território ratifica esse fato. Perpetuando-se ao longo de quatro séculos na memória social dos mineiros, as folias se transformaram em uma lembrança frequente nas narrativas de quem já presenciou a manifestação, de quem é devoto e principalmente, dos seus praticantes. É comum ouvir dizer que a folia remete à infância, aos velhos tempos em que os familiares saíam pelas ruas, paramentados e com suas violas, vozes e crenças para visitar as casas vizinhas cantando, levando bênçãos e colhendo esmolas.

Tal repertório de memórias individuais e coletivas, carregadas de afeto, saudade e fé, é constantemente alimentado pelo expressivo número de grupos de folias existentes em

---

<sup>187</sup> IEPHA/MG. Critérios para a abertura dos processos de inventário para fins de registros de bens culturais. IEPHA/DPM/GPI. 2015.



cada bairro, distrito, localidade e cidade mineira. Nesse contexto, a presença ainda pujante das folias contribui de maneira significativa para a formação das identidades mineiras trazendo sentidos de pertencimento aos seus habitantes. Nessa dinâmica, os grupos experimentam a aceleração do tempo, resistindo ao enfraquecimento das tradições em um processo de contínua e permanente interação com as mudanças da sociedade.

Com matizes, sons, nomes e feições distintas, as folias estão espalhadas pelas diversas regiões de Minas, abarcam uma multiplicidade devocional impossível de se simplificar em casos específicos. Todavia, guardam como traços comuns a devoção aos santos e as riquíssimas manifestações culturais proveniente dessa devoção. Reis, Sebastião, Divino Espírito Santo, Menino Jesus, Abadia e tantos outros, são os oragos agraciados por levas de foliões devotos que entoam seus cantos e tocam seus instrumentos, acompanhados por danças e performances que revivem tradições seculares. Bandeiras, máscaras, fitas, toalhas, chapéus e tantas outras indumentárias são os objetos rituais que fazem parte das simbologias dessa tradição. Sistema complexo que reúne em torno de si diversas práticas culturais, saberes, formas de expressão, ritos e celebrações, que compõem uma parte importante do patrimônio cultural mineiro. É por meio dessa complexa realidade que foliões e fiéis estruturam todo seu universo simbólico, influenciando diretamente suas atividades rituais.

Mais que uma celebração as folias são manifestações de compartilhamento de sentimentos, de conhecimentos, de saberes, normas coletivas e, sobretudo de cultura e fé. Possuem como principal funcionalidade auxiliar devotos na resolução de suas demandas existenciais. Fazem a ponte entre o sagrado e o mundo cotidiano, intermediando a relação entre os homens e os santos em um sistema de promessas e de trocas que desenvolvem redes de reciprocidade morais, reafirmando laços sociais de parentesco, amizade e companheirismo. Assim, mais que uma celebração, as folias cumprem uma função social, reafirmam laços e tecem relações entre indivíduos.

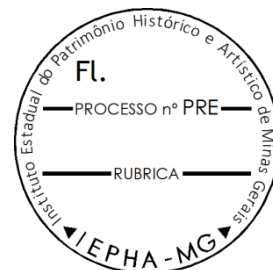
As promessas dos devotos e o comprometimento dos foliões são os pilares de manutenção dessa tradição. Todavia, é com base em laços familiares que os grupos sustentam sua fé. As

relações estabelecidas entre os parentes, seja de uma família extensa ou de vínculos consanguíneos, são fundamentais em relação à responsabilidade de assumir as obrigações do grupo. A linha sucessória entre os integrantes mantém um vínculo circunscrito no seio familiar e sempre que perguntados sobre a origem das folias, ou de como se deu o aprendizado, a resposta remete aos ascendentes que já mantinham a prática há gerações.

Tradição repassada de mestres à aprendizes, as folias ocupam espaços físicos distintos. Desde os caminhos percorridos pelos giros e jornadas, passando pelas salas enfeitadas das casas com presépios ou lapinhas, chegando as igrejas e mais recentemente ganhando as praças das cidades em seus encontros. Nessas festas devocionais, o tempo transcende as datas natalinas e se estende em um calendário dinâmico constantemente revisitado.

Reconhecer as folias de Minas como patrimônio cultural do Estado não está relacionada a algum risco iminente de perda ou desaparecimento, como muitas práticas são tratadas no universo patrimonial. Na o contrário, ao longo dessa pesquisa observou-se forte vitalidade da prática, onde milhares de foliões dedicam suas vidas aos seus santos de devoção, apesar da precariedade em que muitos grupos desenvolvem suas atividades. Reconhecer, nesse sentido, pode ser entendido como “conhecer de novo” aquilo que já faz parte do conjunto de elementos que elencados forma o que comumente chamamos de “identidade mineira”. O ato de reconhecer as folias de Minas como Patrimônio Cultural Imaterial significa tratar práticas ditas populares, muitas vezes marginalizadas. Trata-se então de uma positivação de uma prática e de indivíduos que durante séculos foram e são detentores de conhecimentos específicos estruturadores de uma cultura.

Enfim, certamente as Folias de Minas são bens culturais do estado fazem parte de um repertório cultural que delinea as fronteiras simbólicas dos indivíduos e portanto merecem seu reconhecimento em suas mais variadas formas. São identitárias da cultura de Minas, trazem um sentimento de pertencimento, carregam tradição secular e são representativas da diversidade cultural, das identidades e das tradições existentes em Minas Gerais.



## 7. REFERÊNCIAS

ABREU, Martha Campos. **“O Império do Divino”:** festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. 1996. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Cultura Popular Brasileira.** São Paulo: Melhoramento, 1973.

ASSUNÇÃO, Paulo de. **São Paulo Imperial: a cidade em transformação.** São Paulo: Bookstall, 2004.

BELTING, Hans. **Semelhança e Presença: A história da imagem antes da era da arte.** Rio de Janeiro: Ars Urbe, 2010

BESSA, Rui Manuel Pereira da Silva. **O vilancico: um gênero musical de Santa Cruz de Coimbra.** Dissertação (Mestrado em Ciências Musicais), inédita. Universidade de Coimbra, 2001.

**Bíblia Sagrada.** São Paulo: Ed. Ave Maria, 2008.

BITTER, Daniel. **A bandeira e a máscara:** estudo sobre a circulação de objetos rituais nas folias de reis. 2008, 191f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Rio de Janeiro, 2008.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulário Portuguez & Latino, aulico, anatomico, architetonico...** Lisboa: Officina de Paschoal Silva, 1716.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Sacerdotes de viola: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais.** Petrópolis: Vozes, 1981

BRANDÃO, Théo. **O Reisado Alagoano.** 2. Ed. Alagoas: Edufal, 2007

BRASIL. **Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Senado, 1988.

BRASIL. Decreto n. 3.551, de 04 de agosto de 2000. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Palácio do Planalto, Brasília, DF.

BURKE, Peter. **A cultura popular na idade moderna.** São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

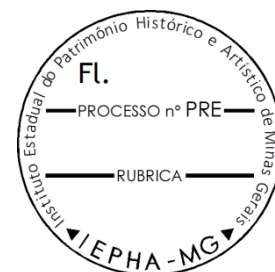
BUTLER, Alban. **Vida dos Santos.** Tradução de Hamilton Francischetti. Petrópolis: Vozes, 1984, p.74.

CARDIM, Fernão. **Tratados da terra e gente do Brasil.** Rio de Janeiro: Ed.J. Leite & Cia. 1925.

CARVALHO, Maria Michol Pinho de. **Divino Espírito (re)ligando Portugal/Brasil no imaginário religioso popular.** In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, 5., Universidade de Nova Lisboa. *Anais...* Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2008.



- CASCUDO, Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 10 Ed. Rio de Janeiro: Ediouro. 1999
- CINTRA, Sebastião de Oliveira. **Efemérides de São João del-Rei**. 2.ed. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1982.
- CORÁ, Maria Amelia Jundurian. **Do Material ao Imaterial: Patrimônios Culturais no Brasil**. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2014.
- DE VARAZZE, Jacopo. **Legenda áurea: vidas de santos**. Tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica. Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Qu'estce que la philosophie?** Paris: Minuit, 1991.
- ELIADE, Mircea. **O mito do eterno retorno: arquétipos e repetição**. Tradução de José A. Ceschin. São Paulo: Mercuryo, 1992.
- FERNANDES, Florestan. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. 1ª edição 1961. São Paulo, 2004.
- GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal**. Trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2000.
- GOMES, Núbia Pereira de Magalhães & PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Negras Raízes Mineiras: os arturos**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2000
- GONÇALVES, Maria Célia da Silva. **As Folias de Reis de João Pinheiro: Performances e identidades Sertaneja no Noroeste Mineiro**. João Pinheiro: Gráfica Pinheirense, 2011.
- HEERS, Jacques. **Festa de Loucos e Carnavais**. Lisboa – Portugal: Publicações Dom Quixote, 1987
- HILDESHEIM, João de. **O livro dos Reis Magos**. Tradução: Leonor Lucena Sibertin-Blanc. Itália: publicações universitárias e científicas, 2004, p.169.
- HONNETH, Axel. **A luta por reconhecimento: A gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Editora 34, 2003.
- KODAMA, Kátia Maria Roberto de Oliveira. **Iconografia como processo comunicacional da Folia de Reis: o avatar das culturas subalternas**. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.
- LACERDA, Eugenio Pascele. **O Atlântico açoriano: uma antropologia dos contextos globais e locais da Açorianidade**. 2003. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.
- LEVY, Hannah. **Modelos Europeus na Pintura Colonial**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Nº8. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1944.
- MACHADO, Maria Clara T. **Cultura Popular e Desenvolvimentismo em MG: caminhos cruzados de um mesmo tempo**. Tese de Doutorado. São Paulo: USP. 1998.



MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify.

MIGLIACCIO, Luciano. **Imagem Brasileira: O Presépio Napolitano Do Museu de Arte Sacra de São Paulo**. Edição: 2ª. Minas Gerais: Centro de Estudos da Imaginária Brasileira, 2003.

MINAS GERAIS. Decreto n. 42.505, de 15 de abril de 2002. Institui as formas de registros de bens culturais de natureza imaterial ou intangível que constituem patrimônio cultural de Minas Gerais. Palácio da Liberdade, Belo Horizonte, MG.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Diretrizes para operacionalização da política cultural do MEC**. Brasília, 1981, p. 11.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de; FILHO, Olinto Rodrigues dos Santos Filho; SANTOS, Antônio Fernando Batista dos Santos. **O Aleijadinho e sua oficina. Catálogo das esculturas devocionais**. São Paulo: Editora Capivara, 2002.

OLIVEIRA, Vânia de. Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro: estratégias e redes de resistência na construção da memória da cultura popular brasileira. In: XIV encontro Regional de História da ANPUH-Rio: Memória e Patrimônio, 2010, Rio de Janeiro. **Anais do XIV Encontro Regional de História da ANPUH-Rio: Memória e Patrimônio**, 2010.

PASSARELLI, Ulisses. Antigas notícias do folclore de São João del-Rei. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei**, n. 11, 2005.

PEREIRA, Benjamim Enes. **Bibliografia analítica de Etnografia portuguesa**. Lisboa: Instituto dos Museus e da Conservação, 2009

PESSOA, Jadir de Moraes, FÉLIX, Madeleine. **As viagens do Reis Magos**. Goiânia: Ed. da UCG, 2007.

PINTO, Luiz Maria da Silva. **Dicionário da Língua Brasileira por Luiz Maria da Silva Pinto**, natural da Província de Goyaz. Na Typographia de Silva, 1832

ROIG, Juan F. **Iconografía de los Santos**. Barcelona: Ediciones Omega, 1950.

SERRA, Ordep José Trindade. **Ilê Axé Iyá Nassô Oká: Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho**. Laudo Antropológico, Universidade Federal da Bahia. 2008.

SILVA, Affonso M. Furtado da Silva. **Reis Magos: história, arte, tradições: fontes e referências**. Rio de Janeiro: Leo Christiano Editorial, 2006.

SILVA, Joaquim Moreira da. **Como se originou a folia de reis**. Sul Gráfica. Olímpia-SP. 1990

SOARES, Marília Medeiros. **Os marcos da paisagem da cidade no contexto da trama urbana de Natal/RN: um estudo a partir do Morro do Careca, o Midway Mall, o Pórtico dos Reis Magos e a Ponte Newton Navarro**. Tese (Mestrado). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2012.

SONZA, Ana Cristina de Almeida. **“Dos velhos é que vem a semente”: o idoso na folia de reis**. *Dissertação (mestrado)* – Universidade Católica de Brasília, 2006.

SOUZA, Marina de Mello e. *Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de rei congo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

TINHORÃO, José Ramos. **As festas no Brasil colonial**. São Paulo: ed. 34, 2000, pg. 24.

TRINDADE, Silvana Maria Cançado. **Iconografia de cristo: representações no barroco mineiro (ciclo da infância e vida pública)**. Monografia. Belo Horizonte: Fundação Escola Guignard, 1992.

TURNER, Victor. **O processo ritual**. Petrópolis: Ed. Vozes. 1974.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes. 1978.

VICENTE, Gil. **As Obras de Gil Vicente**. Direção científica de José Camões. Lisboa: Centro de Estudos do Teatro da Faculdade de Letras / INCM, 2002.

VILHENA, Maria Ângela. **A Religiosidade Popular à Luz Do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2015.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

## FONTES ELETRÔNICAS

<<http://www.toledomuseum.org/2013/12/20/artwork-of-the-week-december-20/>>.

Acesso em: 26 dez. 2016

< <http://brasilianafotografica.bn.br/brasiana/handle/bras/640>>. Acesso em: 26 dez. 2016

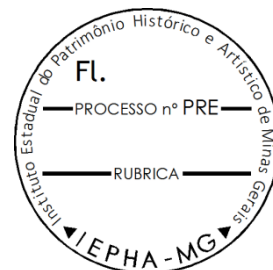
< <http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,ate-1967-dia-de-reis-era-feriado-no-brasil,8814,0.htm>>. Acesso em: 26 dez. 2016

<<http://faop.mg.gov.br/concurso-presepios.php>>. Acesso em 26 dez. 2016.

## FONTES ARQUIVÍSTICA

BANDEIRA, Joao Vicente de Torres. **As folias do Natal: quadrilha**. Recife, PE: Euclides de Aquino Fonseca, [1889]. Disponível em: <[http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_musica/mas767505/mas767505.pdf](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_musica/mas767505/mas767505.pdf)>. Acesso em: 26 dez. 2016.

**VILLANCICOS QUE SE CANTARAM NA CAPELA REAL DO REI D. PEDRO II NAS MATINAS, E FESTA DOS REYES** [Villancicos que se cantaram na Capella Real do muy alto, e muy poderoso Rey D. Pedro II. Nosso Senhor. Nas matinas, & festa dos Reyes]. - [Lisboa] : [na Officina de Miguel Manescal, impressor da Serenissima Casa de Bragança , & do Santo Officio ],, [1700]. - [40] p. ; 8º (15 cm). - Falta a p. de tít. PTBN: RES. 211//14 P.. - Inocêncio 20, 18. Disponível em: <<http://purl.pt/23857/5/index.html>>. Acesso em: 26 dez. 2016



## FONTES ORAIS/AUDIOVISUAIS

Bernadete. DINIZ, Joaquim Alves. DINIZ, Osmar Gonçalves. OLIVEIRA, Giovani. Folia de Minas. [14 de setembro de 2016]. Betim. **Projeto Folia de Minas**. Entrevista concedida a Breno Trindade e Guilherme Eugênio. Disponível no Acervo documental IEPHA-MG.

CANDIDO, José Francisco. PEREIRA, Ricardo. Folia de Minas. [02 de Junho de 2016]. Uberaba. **Projeto Folia de Minas**. Entrevista concedida à Débora Raiza Carolina Rocha Silva. Disponível no Acervo documental IEPHA-MG.

CARVALHO, Antônio Pinto de; SIQUEIRA, Odorino Avelino. Folia de Minas. [31 de junho de 2016]. Betim/MG. **Projeto Folia de Minas**. Entrevista concedida a Breno Trindade, Débora Raiza Carolina Rocha Silva, Guilherme Eugênio e Renata Pinto.. Disponível no Acervo documental IEPHA-MG.

CIA. DE SANTOS REIS UNIDOS DOS MARINHEIROS DE ITAÚ DE MINAS, **Cia. de Santos Reis Unidos dos Marinheiros de Itaú de Minas**. Itaú de Minas-MG. 1 disco sonoro. Acervo IEPHA/MG.

FOLIA DE REIS ARCEBURGUENSE. **Folia de Reis Arceburguense**. Arceburgo-MG. 1 disco sonoro. Acervo IEPHA/MG.

Ponto de Informação Histórica - **Memórias da Mata Mineira: Laranjal – Folia de Reis**. Realização: Museu de História e Ciências Naturais – 2010. DVD (13'19").

RAPOSO, João. Folia de Minas. [20 de setembro de 2016]. João Pinheiro. **Projeto Folia de Minas**. Entrevista concedida à Débora Raiza Carolina Rocha Silva. Disponível no Acervo documental IEPHA-MG.

SANTOS, Antônio Eustáquio dos. Folia de Minas. [20 de setembro de 2016]. João Pinheiro. **Projeto Folia de Minas**. Entrevista concedida à Débora Raiza Carolina Rocha Silva. Disponível no Acervo documental IEPHA-MG.

## PERÍODICOS

AGOSTINHO, Pedro. Império e cavalaria na Guerra do Contestado. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 4, n. 2, p. 25-49, dez. 2002.

ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. A pintura colonial em Minas Gerais. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Nº8. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1978.

CARVALHO, José Jorge de. 'Espetacularização' e 'canibalização' das culturas populares na América Latina. **Revista ANTHROPOLÓGICAS**, ano 14, vol.21 - 2010.

CEDILHO, Rosa Maria Blanca. SOUSA, Ana Paula Bernardo de. Arte Paleocristã: espelho da visão de mundo dos primeiros cristãos. SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). **Revista Mirabilia**. Jul-Dez 2013.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Da modernização à participação: a política federal de preservação nos anos 70 e 80. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 24, p. 153 a 164, 1996.

FRADE, Cáscia. Festas do Divino no Brasil. Textos Escolhidos de **Cultura e Arte Populares**, v. 2, n. 2, 2005.

GOLDMAN, Marcio. O Fim da Antropologia. In: **Novos Estudos**. N°.89. São Paulo Mar. 2011

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Patrimônio, Memória e Etnicidade: reinvenções da cultura açoriana. In: **Congresso Luso-Afro-Brasileiro De Ciências Sociais**, N°8, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal, 2004.

GONÇALVES, Maria Cecília da Silva. Sensibilidades e performances femininas nas folias de reis de João Pinheiro-MG. **Revista Mosaico**, v.3, n.1, p.5-21, jan./jun. 2010.

LOPES, Rui Cabral. O repertório de vilancicos da Capela Real portuguesa (1640- 1716): vetores sociolinguísticos, implicações musicais e representação simbólica do poder régio. **Revista Brasileira de Música**. Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 277-285, Jul./Dez. 2012p. 278.

NEPOMUCENO, Nirlene. Festas negras do ciclo natalino no século XIX na América do Sul e no Caribe. In **Revista Latino-Americana de Estudos Avançados**. Foz do Iguaçu - Universidade Federal da Integração Latino-Americana / Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História. v.1, n.1 jan./jun. 2016 p. 101–117

PASSARELLI, Ulisses. Dez antigas notícias do folclore de São João del-Rei. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei**, n. 11, 2005.

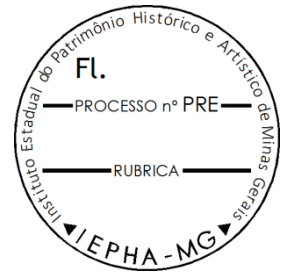
PEREIRA, Luzimar. No giro: as folias como peregrinações rituais. **Interseções**. V. 14 n. 1, p. 25-45, Rio de Janeiro, jun. 2012.

\_\_\_\_\_. O giro dos outros: fundamentos e sistemas nas folias de Urucuia, Minas Gerais. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 545-573, Dec. 2014.

RIOS, Sebastião. Os cantos da festa do reinado da Nossa Senhora do Rosário e da Folia de Reis. **Sociedade e Cultura**. jan.-jun. ano/volume 09, número 001, Universidade Federal de Goiás: Goiânia: 2006.

ROCHA, Gilmar. Cultura Popular: Do Folclore ao Patrimônio. **Revista Mediações** (UEL), v. 14, p. 218-236, 2009.

ROQUE, M.I. O Menino de Belém: da festa do Natal à iconografia da natividade e da adoração. In **Gaudium Sciendi**. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa. N.º 5 (Dez.), pp. 21-24.



SANT'ANNA, Márcia. Patrimônio imaterial: do conceito ao problema da proteção. In: **Tempo Brasileiro**, v. 147, p. 151-162, 2001.

SERRA, Ordep José Trindade. Monumentos Negros: uma experiência. **Revista Afro-Asia**, V. 33. 2005.